



**ATENAS COLLEGE UNIVERSITY
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

VILMA CONCEIÇÃO DA SILVA

**A Prática de Leitura e escrita como Processo de Formação da
Aprendizagem no Ensino do Ensino Fundamental II: Um Estudo de
Caso na Escola Municipal 02 de Julho em Serra do Ramalho-BA**

**Bom Jesus da Lapa / Brasil
2019**



ATENAS COLLEGE UNIVERSITY MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Antenas College University, vinculada à linha de Pesquisa A Prática de leitura e escrita como Processo de Formação da Aprendizagem no Ensino do Ensino Fundamental II, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Tutor: Prof. Dr. Márcio Wendel S. Coêlho.

Co-tutor:

A Prática de Leitura e escrita como Processo de Formação da Aprendizagem no Ensino do Ensino Fundamental II: Um Estudo de Caso na Escola Municipal 02 de Julho em Serra do Ramalho-BA

VILMA CONCEIÇÃO DA SILVA

**Bom Jesus da Lapa / Brasil
2019**

VILMA CONCEIÇÃO DA SILVA

A Prática de Leitura e como Processo de Formação da Aprendizagem no Ensino do Ensino Fundamental II: Um Estudo de Caso na Escola Municipal 02 de Julho em Serra do Ramalho-BA

Tese submetida à aprovação da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação de Antenas College University, para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Tese aprovada em ____ de agosto de 2019

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho essencialmente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, ao meu esposo ADEMAR, da minha mãe Dolores (In Memoriam), que me incentivou a iniciar meus estudos, e aos meus irmãos na pessoa da minha Irmã Marilene e meu pai Leôncio.

A minhas três filhas Virliane, Virlen e Any Beatriz e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, pois sem eles este trabalho e muitos dos meus sonhos não se realizariam.

Ao Curso de Mestrado Ciências da Educação e às pessoas com quem tive convivência nesses espaços ao longo desses anos. Com o conhecimento de uma produção compartilhada na comunhão com amigos nesses espaços foram a melhor experiência da minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTO

Chegou a hora de agradecer à DEUS, por ter me dado força e confiança para acreditar no meu sonho e lutar por alcançar aquilo que acredito. Nada disso teria sido possível de não fosse por Deus, que iluminou meu caminho ao longo dessa jornada.

À universidade WW DOCTOR MASTER, na pessoa de Dr. Márcio Wendel S. coêlho, à FICS-FACULTAD DE CIENCIAS SOCIALES INTERAMERICANAS, os orientadores e professores;

Aos Amigos e família, quero gritar bem alto meus agradecimentos à vocês, eu deixo uma palavra gigante, gratidão que me deram apoio total. Hoje sou uma pessoa realizada e feliz porque não estive só nessa longa caminhada. Vocês foram meu apoio, e contribuíram diretamente e indiretamente;

À todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte do meu percurso, eu agradeço com todo meu coração;

À Escola 02 de julho, que sempre confiou nos meus estudos e profissional.

Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever – inclusive a sua própria história.

Bill Gates

RESUMO

A presente pesquisa aborda o propósito do estímulo à leitura de alunos da educação básica, este objeto, por se analisar que a leitura aparece cada vez mais longe de nossos alunos, e com a finalidade de mostrar que a leitura pode ser prazerosa. É sabido, a atividade de leitura é imprescindível para concepção do indivíduo, é fonte de conhecimento para o aprendizado com o poder crítico, além de ser uma atividade fundamental no desenvolvimento cultural das pessoas, de lazer, favorável à saúde mental e de promoção das descobertas no mundo. O objetivo é de compreender na oportunidade enxergar a leitura como atividade prazerosa na formação efetiva. Sabe da dificuldade de desenvolver hábitos de leitura pensou-se em trabalhar o interesse dos alunos neste sentido. A pesquisa foi desenvolvida referenciais bibliográficos, trabalhos de leituras No ambiente escolar baseada em Paulo Freire, Cagliari, e outros autores mencionados na fundamentação teórica e pesquisa qualitativa Ludke, Menga; André, Marli. O professor como o mediador desse processo de acordo com seu desenvolvimento dentro da escola torne participativo unido no processo, é interessante juntamente com a família sanar o problema, porém, compreendemos a dificuldade caracterizada por alguns de participar da vida escolar de seus filhos, se cada realizar a sua função de acordo com o planejado, o processo se torna mais leve e prazeroso para todos. Em cada objeto a leitura e escrita é focalizada atrelada ao trabalho de pesquisa numa tentativa de auxiliar o profissional do ensino na ressignificação das teorias e práticas de leitura numa expectativa em conjunto. Em resumo, este trabalho procura demandas para despertar a linguagem do discurso pela formação consciente do leitor. O trabalho expõe reflexões e conceitos a respeito da leitura nos anos finais da educação básica. O estudo tem como objetivos meditar sobre o estímulo a leitura como é abordado o assunto pela escola, isto é, quais estratégias para inserir essa capacidade na prática pedagógica a motivação e estimulação da aprendizagem dessa capacidade junto aos alunos; descrever sobre a importância que a biblioteca possui neste processo e apontar as abordagens que os documentos oficiais nos dizem a respeito à temática. A pesquisa, de cunho qualitativo, desenvolvido com base em leituras reflexivas de autores da área de educação. Sendo assim, apoiou-se nas definições e conceitos que envolvem a prática da leitura, segundo LAJOLO, (2004), CAGLIARI (1999), FREIRE (2000), e outros Além disso, procurando entrelaçar o dizer dos educadores com sua prática cotidiana. Instrumento formulado com questões na problemática. Enfim, o trabalho busca refletir sobre a importância do incentivo da leitura na escola com a contribuição envolvendo professores e pais dos alunos, de modo que compreende que o aluno é parte principal no processo de ensino aprendizagem.

Palavras chaves: Leitura, Escrita, Ensino - Aprendizagem, Sujeito, Formação.

ABSTRACT

This research addresses the purpose of stimulating reading of students of basic education, this object, by analyzing that reading appears increasingly far from our students, and with the purpose of showing that reading can be pleasurable. It is well known that reading activity is essential for the conception of the individual, is a source of knowledge for learning with critical power, besides being a fundamental activity in people's cultural development, leisure, favorable to mental health and promotion of discoveries. in the world. The goal is to understand in the opportunity to see reading as a pleasant activity in effective formation. Knowing the difficulty of developing reading habits was thought to work the interest of students in this regard. The research was developed bibliographic references, reading works In the school environment based on Paulo Freire, Cagliari, and other authors mentioned in the theoretical foundation and qualitative research Ludke, Menga; André, Marli. The teacher as the mediator of this process according to their development within the school becomes participative united in the process, it is interesting with the family to remedy the problem, but we understand the difficulty characterized by some to participate in the school life of their children, if each Performing its function as planned, the process becomes lighter and more enjoyable for everyone. In each object, reading and writing is focused on research work in an attempt to assist the teaching professional in the resignification of reading theories and practices in a joint expectation. In short, this work seeks demands to awaken the language of discourse by the conscious formation of the reader. The work exposes reflections and concepts about reading in the final years of basic education. The study aims to meditate on reading stimulation as the subject is approached by the school, that is, which strategies to insert this ability in the pedagogical practice the motivation and stimulation of learning this ability with the students; describe the importance of the library in this process and point out the approaches that the official documents tell us about the subject. The research, qualitative in nature, developed based on reflective readings by authors in the field of education. Thus, it relied on the definitions and concepts that involve the practice of reading, according to LAJOLO, (2004), CAGLIARI (1999), FREIRE (2000), and others. In addition, trying to intertwine the say of educators with their daily practice. Instrument formulated with questions in the problematic. Finally, the paper seeks to reflect on the importance of encouraging reading at school with the contribution involving teachers and parents of students, so that it understands that the student is a main part in the teaching-learning process.

Keywords: Reading, Writing, Teaching - Learning, Subject, Training.

RESUMEN

Esta investigación aborda el propósito de estimular la lectura de los estudiantes de educación básica, este objeto, al analizar que la lectura aparece cada vez más lejos de nuestros estudiantes, y con el propósito de mostrar que la lectura puede ser placentera. Es bien sabido que la actividad lectora es esencial para la concepción del individuo, es una fuente de conocimiento para el aprendizaje con poder crítico, además de ser una actividad fundamental en el desarrollo cultural de las personas, el ocio, favorable a la salud mental y la promoción de descubrimientos. en el mundo. El objetivo es comprender la oportunidad de ver la lectura como una actividad agradable en una formación efectiva. Sabiendo que la dificultad de desarrollar hábitos de lectura se pensó para trabajar el interés de los estudiantes en este sentido. La investigación se desarrolló referencias bibliográficas, trabajos de lectura en el entorno escolar basados en Paulo Freire, Cagliari, y otros autores mencionados en los fundamentos teóricos y la investigación cualitativa Ludke, Menga; André, Marli. El maestro como mediador de este proceso de acuerdo con su desarrollo dentro de la escuela se vuelve participativo unido en el proceso, es interesante con la familia remediar el problema, pero entendemos la dificultad caracterizada por algunos para participar en la vida escolar de sus hijos, si cada uno Realizando su función según lo planeado, el proceso se vuelve más liviano y más agradable para todos. En cada objeto, la lectura y la escritura se centran en el trabajo de investigación en un intento de ayudar al profesional docente en la resignificación de las teorías y prácticas de lectura en una expectativa conjunta. En resumen, este trabajo busca demandas para despertar el lenguaje del discurso mediante la formación consciente del lector. El trabajo expone reflexiones y conceptos sobre la lectura en los últimos años de educación básica. El estudio tiene como objetivo meditar en la estimulación de la lectura a medida que la escuela aborda el tema, es decir, qué estrategias para insertar esta habilidad en la práctica pedagógica, la motivación y la estimulación de aprender esta habilidad con los estudiantes; describa la importancia de la biblioteca en este proceso y señale los enfoques que los documentos oficiales nos dicen sobre el tema. La investigación, de naturaleza cualitativa, desarrollada en base a lecturas reflexivas de autores en el campo de la educación. Por lo tanto, se basó en las definiciones y conceptos que involucran la práctica de la lectura, de acuerdo con LAJOLO, (2004), CAGLIARI (1999), FREIRE (2000) y otros. Además, tratando de entrelazar la opinión de los educadores con su práctica diaria. Instrumento formulado con preguntas en la problemática. Finalmente, el documento busca reflexionar sobre la importancia de fomentar la lectura en la escuela con la contribución de los maestros y los padres de los estudiantes, para que comprenda que el estudiante es una parte principal en el proceso de enseñanza-aprendizaje.

Palabras clave: lectura, escritura, enseñanza - aprendizaje, asignatura, formación.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - ANTECEDENTES E REFORMULAÇÃO DO PROBLEMA	12
1.1 Antecedentes da Política Internacional	12
1.2 Antecedentes da Política Nacional	13
1.3 Estudos Nacionais e Internacionais	14
1.4 Pesquisas: Teses de Mestrado e Doutorado	15
1.5 Formulação do problema de Investigação	16
1.6 Perguntas de investigação	17
1.7 OBJETIVOS	17
1.7.1 Objetivo geral	17
1.7.2 Específicos	17
1.8 JUSTIFICATIVA	18
CAPÍTULO II: MARCO TEÓRICO	20
2.1 Concepção da leitura	20
2.2 Educação ao longo da vida e os paradigmas da Educação	21
2.3 Leitura e Literatura	22
2.4 Concepção cognitiva	23
2.5 Concepção interacionista	27
2.6 O educador e a formação do aluno leitor	28
2.6.1 Habilidades que devem ser desenvolvidas durante a leitura	29
2.6.2 Aspectos técnicos que contribuem na leitura	31
2.6.3 Prática da leitura significativa	34
2.6.4 Alicerce para formação do bom leitor	34
2.6.5 A busca da leitura prazerosa e espontânea	35
2.6.6 Influências inculcadas através da leitura	36
2.6.7 Leitura na escola	37
2.7 Leitura como ação coletiva de competência na produção de resultado significativo	39
2.7.1 A produção da leitura e suas condições	41
2.7.2 A importância da família no incentivo à leitura	43
2.7.3 A importância da escola para o incentivo à leitura	44

2.7.4 O papel do educador no incentivo à leitura	47
2.7.4.1 Usando variedades de gêneros textuais em sala de aula	49
2.8 A importância da formação docente frente as novas necessidades de	
leitura: letramento, multiletramento e a relação escola-família em foco	52
2.8.1 A formação docente como instrumento de construção das	
competências educacionais e inter-relacionais	54
2.8.1.1 Formação docente	54
2.8.1.2 Da alfabetização ao letramento e suas muitas facetas no olhar	
de Magda Soares	61
2.8.1.3 O multiletramento e sua aplicação para o ensino da língua e	
literatura como elementos que constituem a leitura	64
2.8.1.4 Do letramento ao Multiletramento: viabilizando saberes integrais	65
2.8.1.5 O uso da mídia no ambiente escolar	69
2.9 A relação escola-família: compartilhando interesses na/da aprendizagem	73
2.9.1 Da educação familiar para instrução escolar: <i>retomando papéis,</i>	
<i>interesses e responsabilidades</i>	74
2.9.2 A importância da relação escola-família	77
2.9.3 Relação escola-família no processo de construção da educação moral	
80	
2.9.4 Imprimindo vivências	83
CAPÍTULO III: MARCO METODOLÓGICO	85
3.1 Enfoque epistemológico: investigativo descritivo	86
3.2 Técnicas qualitativas de coleta de dados: questionário	
semiestruturado, observação não participante e análise de documentos	89
3.3 Triangulação	90
3.3.1 Validação de instrumento	91
3.4 Local da pesquisa	92
3.4.1 Amostra	95
3.5 Análise de conteúdo	97
3.6 Entrevista de profundidade	97
3.7 Fases da pesquisa	103
3.7.1 Escolha da instituição e algumas aproximações iniciais ao campo	103
3.7.2 Elaboração e aplicação de instrumentos: coletas de dados	103

3.7.3 Análise da informação	104
CAPÍTULO IV: ANÁLISE DA INFORMAÇÃO	106
CAPÍTULO V: CONCLUSÕES	108
5.1 Discussão teórica	109
5.2 Projeções Gerais	110
5.2.1 Sugestões para políticas educativas	110
5.2.2 Sugestões para os centros de formações	113
5.2.3. Sugestões para linhas de pesquisas	114
5.2.4 Apanhado final	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117

CAPÍTULO I - ANTECEDENTES E REFORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Sabe-se que é o ato de codificar (código) e interpretar (decodificar) é ressignificado mediante da leitura de mundo já vivida das ou não, as expressões são sucedidas sejam pelo escrito seja oral tende a ser uma ação de comunicação onde os interlocutores comunicam se entre si em situações diárias de interação. Diante disto, parte-se, então, da necessidade de ensinar nossos leitores a dominar o ato de ler todos os tipos de textos em circulação na sociedade.

Brasil (1997) relata-nos que são necessárias propostas didáticas orientadas no sentido de formar leitores, apresentando algumas sugestões para o trabalho com os alunos, que podem servir de referência para a criação de outras propostas. Neste sentido, propõe: leitura diária, leitura colaborativa, projetos de leitura, atividades sequenciadas de leitura, atividades permanentes de leitura em sala de aula, leitura feita pelo professor. Enfim, “uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever” (BRASIL, 1997, p.65).

1.1 Antecedentes da Política Internacional

Nessa abordagem é de fato que alfabetização, impressionante; mas, daí, não se deve inferir que ela tenha a pretensão pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de levar ao acúmulo excessivo de programas. A relação entre professor e aluno, o conhecimento do ambiente em que vivem as crianças, a adequada utilização dos modernos meios de comunicação (nos lugares em que eles são operacionais), pode contribuir conjuntamente para o desenvolvimento pessoal e intelectual da leitura e escrita de cada aluno educacional da UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem, Jomtien, 1990. É sabido que essas experiências devem iniciar antes na idade da escolaridade obrigatória na educação básica. Os saberes básicos e necessários desempenham, neste caso, seu verdadeiro papel: ler, escrever e contar. A combinação de ensino clássico contida na política internacional.

1.2 Antecedentes da Política Nacional

O MEC consolida para o ensino de aprendizagem um documento com embasamento elaborado em 1996, dois importantes dispositivos legais foram aprovados. O primeiro deles foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/1996), que ocorreu um novo arcabouço de orientações para níveis, etapas e modalidades de educação escolar, e também trabalho de profissionais responsáveis pela alfabetização de qualidade precisa considerar questões a estão a efetivar-se e atualizar seus conhecimentos sobre alfabetização, pois são grandes os desafios a atender contidos nos direitos na educação básica como o domínio da leitura e escrita, assim como Meta 9: elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional. (MEC, 2014, p. 93). A expressão real do fato leitura e escrita e outras dificuldades que decorre impactando a condição do ensino, existiu o aumento do ensino fundamental indispensável para 9 anos com começo a partir dos 6 anos de idade (BRASIL, 2006).

Em sequência, o plano de metas com o papel de compromisso Juntos Pela Educação (BRASIL, 2007), dentre as atuações que visam a característica da educação de qualidade, ficou definida, no início II do artigo 2º, a responsabilidade dos entes federativos com a alfabetização das crianças até, no máximo, os 8 (oito) anos de idade, aferindo os resultados por exame periódico específico.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino fundamental de 9 anos (BRASIL, 2010), encontra-se estabelecido que os três anos do ensino fundamental deve assegurar a alfabetização e letramento, também e o desenvolvimento das diversas formas de expressão, o contato direto com momentos de leituras com lituras/histórias diferenciadas como artefato de atingir a meta 5 do (PNE) Plano Nacional de Educação, em 8 de novembro de 2012, o ministro da Educação, Aloísio Mercadante, no governo da presidenta Dilma Rousseff, lançou o (Pnaic), compromisso firmado entre União, estados e municípios brasileiros, para atingir, o objetivo de alfabetizar todas as crianças até os 8 anos de idade, coincidindo com o final do 3º ano do ensino fundamenta.

O SAEB, com objetivo de avaliar a qualidade da educação básica, de instituições participantes do sistema no qual cumprem os critérios determinados por

cálculos de seu índice de desenvolvimento da educação básica; o sistema MEC oferece elementos para a formulação, reformulação e monitoramento de políticas educacionais como a universalização da BNCC com o desenvolvimento da meta 2,3 e 7 vinculadas aos suas estratégias nos currículos sendo responsável pelo Informativo das escolas no processo educativo vinculando metas e estratégias para o bom desenvolvimento do ensino aprendizagem.

Nessa concepção, os Parâmetros Curriculares Nacionais na Formação de Leitores, a legislação brasileira evoluiu na direção da garantia do direito à educação, até sua consagração como direito público subjetivo, na Constituição Federal de 1988. Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

1.3 Estudos Nacionais e Internacionais

A visão mais tradicional de linguagem reduz a língua a um instrumento de codificação e decodificação, não levando em conta as situações reais de comunicação refletindo nas leituras de embasamento considera um avanço onde aproximadamente de 80 países aplicarão as provas do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) O Pisa é coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), havendo uma coordenação nacional em cada país participante.

No Brasil, a coordenação do Pisa é responsabilidade do Inep, maior avaliação internacional em educação. Também o foco do Pisa 2018 é leitura, área que terá maior número de questões. No Brasil, 19 mil alunos de 661 escolas serão submetidos a esse exame, conduzidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais em parceria e coordenação com órgão (MEC) Ministério da Educação. O Pisa avalia o nível de conhecimento do aluno para a vida adulta. A avaliação, completamente feita em computador, compreende as áreas de leitura, matemática e ciências. Também são coletados elementos contextuais por meio de questionários aplicados em conjunto com os estudantes de 15 nascidos em 2002 e

matriculados a partir do sétimo ano do ensino fundamental, professores e diretores de escola.

Informações da Unesco para 1995 advertem que nossa região tem 43 milhões de pessoas em condição de analfabetismo absoluto – nenhum acesso ou domínio de códigos de leitura e escrita – e que a idade média das pessoas analfabetas aumentou de 43 anos em 1980 para 45 anos em 1995. A América Latina é a única região do hemisfério sul que na história uma queda no número total de analfabetos nos últimos quinze anos; em 1980, esse quantitativo era de 44 milhões de pessoas analfabetas (Unesco, 1995). O caso mais dramático em matéria de analfabetismo é o do Haiti, que apresenta taxa de alfabetização inferior a 50%. A Guatemala e a Nicarágua ainda não chegam a ter uma taxa de 70% de alfabetização. O Brasil, embora apresente taxas de alfabetização entre 70 e 90%, ainda tem 20 milhões de analfabetos absolutos, situados, principalmente, em áreas carentes da Região Nordeste. Áreas indígenas de países como Bolívia, Equador, Peru, México e Guatemala continuam expondo consideráveis percentagens de analfabetismo feminino. De acordo com projeções da mesma fonte, os seguintes países entrarão no século 21 com taxas superiores a 10% de analfabetismo: Jamaica (13,6%), Brasil (14,6%), Bolívia (14,4%), República Dominicana (16%), Honduras (24,4%), El Salvador (25,9%), Nicarágua (32,8%), Guatemala (42,1%) e Haiti (50,6%).

Consiste também em afirmar algumas orientações relevantes, identificadas pela UNESCO como modelo exemplar na importância vital da educação básica para o ensino e aprendizagem, como incentivar a alfabetizar e, rever funções assumidas pela educação nos ciclos determinantes, ainda, em fornecer respostas para as continuam a ser suscitadas pela evolução no ensino superior. Ainda no pré-requisito das políticas públicas nacionais e internacionais, assim em tratar de planejamento educacional a (OEA) Organização dos Estados Americanos, introduz novas tecnologias, para melhorar a qualidade da educação para atender aos padrões internacionais, o que implica em reajustamento do currículo escolar, garantia de acesso a todos cidadãos, cumprimentos de pactos internacionais, políticas que articulem escola e cidadania.

1.4 Pesquisas: Teses de Mestrado e Doutorado

Sabemos que existe uma diversidade de pesquisa que apresenta a problemática referida à leitura no âmbito educativo, através da leitura do trabalho de Maria da Paz Davila que disserta sobre a temática - Análise da prática pedagógica para o processo de ensino aprendizagem na sala de leitura numa perspectiva interdisciplinar sob orientação ATENAS COLLEGE UNIVERSITY, fortalece a pesquisa com a leitura desse trabalho apresentado na amostra que da ciência em educação. Dessa forma, é essencial redefinir junto aos professores consideração de leitura dentro das escolas que recebe os alunos da rede de ensino do município de Serra do Ramalho uma forma significativa em relação à leitura fortalecendo o aprendizado.

Neste sentido, abrange o prazer pela leitura e escrita e sua utilização como mediadora do processo de formação de adolescentes e jovens críticos para a comunidade letrada, capazes de intervir e compor a realidade em que vivem.

1.5 Formulação do problema de Investigação

Partindo da temática retrata a problemática na história do Ensino de na escola 02 de Julho no Município de Serra do Ramalho Bahia, reservado ao ensino da leitura e escrita na fase dos anos finais e escolarização para alfabetizar no elemento importante nos leva ao seguinte questionamento: Qual a importância da prática pedagógica para o processo de ensino aprendizagem na sala de aula numa perspectiva interdisciplinar conduzindo o interesse dos alunos pela leitura?

No desenvolvimento chamado “hábito de ler” muitas vezes continua a ser no plano do idealismo pela falta de recursos, de livros, de profissionais que atendam aos leitores. Sobre o interesse pela leitura nas diversas áreas, quando se compreende que esses interesses não serão alimentados através de obras diversificadas de difícil acesso.

O problema em si, reside na ausência da construção de hábitos de leitura e escrita significativa, de maneira que não há um comprometimento, um trabalho colaborativo e nem uma valorização mais intensa da leitura e escrita como instrumento de desenvolvimento dos demais saberes interdisciplinares e sociais. A leitura poucas vezes é desenvolvida dentro de suas potencialidades mais

complexas, muitas vezes é, ainda, enxergada como simples decodificação e produção do código escrito.

1.6 Perguntas de investigação

1 - Quais as potencialidades da leitura e escrita no processo de formação da aprendizagem?

2 - Qual é a atribuição da escola, professores os pais no desenvolvimento do PPP da escola ao que tange a alfabetização, letramento e até o multiletramento?

3 - Diante da construção de significados da/na aprendizagem, que papel a leitura e escrita representam nessa construção?

4 - Saber ler constitui uma demanda social, que precisa ser importante no processo educativo. De que maneira essa importância é atendida por a escola?

1.7 OBJETIVOS

1.7.1 Objetivo geral

- Compreender a prática da leitura como processo de formação da aprendizagem no Ensino do Ensino Fundamental II na Escola Municipal 02 de Julho em Serra do Ramalho-BA

1.7.2 Específicos

- Averiguar quais as potencialidades da leitura e escrita no processo de formação da aprendizagem e da construção de significados que a cerca;
- Apresentar a prática pedagógica dos professores e participação da família nas atribuições da escola para o incentivo na leitura letramento e alfabetização;
- Conceituar na leitura e escrita o processo de ensino a formação de leitor crítico, autônomo e instigador;

- Investigar e demarcar qual é a atribuição/contribuição da escola, dos professores e dos pais no desenvolvimento do PPP da escola ao que tange a alfabetização, letramento e até o multiletramento;
- Analisar de que maneira a leitura é desenvolvida e potencializada enquanto instrumento de atendimento da demanda social de formação dos sujeitos.

1.8 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa foi pensada e elaborado mediante a experiência docente na Escola municipal 02 de julho Município de serra do Ramalho.

Fez-se necessária construção desse Projeto em que ao analisar as questões referentes obtenção da linguagem e escrita representa sua contribuição no decorrer história do desenvolvimento cultural para sociedade escolar. Esse alcance acontece gradualmente a partir do momento em que as crianças entram em contato com os sinais gráficos, ao iniciar seu processo de escolarização e aquisição da língua. É previsto que esse desenvolvimento se dar através da influência deliberada do professor ou da pessoa que cumpra essa função.

Entretanto, alguns indivíduos sentem fracassos na aquisição e/ou sistematização da leitura e da escrita, determinados por diferentes fatores. Percebe que na escola possui a sua diversidade cultural, sendo necessária adequação do currículo ao contexto do para sanar as dificuldades de aprendizagem enfrentadas e que sejam minimizadas na busca do conhecimento que cada um tem da sua cultura e realidade possa desenvolver a sua autonomia elevando sua autoestima e conscientização do hábito da leitura.

A ação de ler faz parte de uma tecnologia que tende a interagir ao leitor através de informações significativas que poderão servir como sustentação para toda sua vida trabalho pode ser longo, o hábito de ler, mas deve ser implantado. À medida que ultrapassa o limite da leitura e perspectiva leva em conta suas representações, cresce o desejo de participar da construção do conhecimento de forma ativa com incentivo da leitura.

Tendo por base essas indagações, apresentar a leitura além de uma prática curricular, mas também como lazer e entretenimento, em que proporciona a construção, a compreensão e assimilação de conhecimentos no cotidiano em sala de aula, pois é perceptível que, muitas vezes, a leitura está presente como uma

prática árdua e até esquecida, uma vez que deve ser de forma espontânea e prazerosa para a construção do conhecimento.

Nesta percepção torna-se justificável que os alunos sejam incentivados e estimulados à prática da leitura em sala de aula, seja ela contada, escrita, inventada por meio de objetos ou de outras diversas maneiras lúdicas, até porque esta prática ultrapassa os muros da Instituição, pois criança que lê, o faz em toda parte. Ressalta-se que a intenção da pesquisa não é de apontamento de culpa ou condenação, mas de conscientização da importância da ação docente no processo de propagação da leitura formação no ensino aprendizagem do aluno.

Diversas podem ser as contribuições da leitura, tanto cognitivas quanto sociais e culturais. Mas que ações pedagógicas podem ser realizadas em sala de aula para incentivar a prática da leitura para avançar o processo de letramento e alfabetização nas series finais do ensino fundamental anos finais.

Desse modo, a leitura torna-se um processo de interlocução entre o leitor e o texto, que se dar através da escrita nesse processo interativo. A leitura hoje não se constitui em uma ação solidária, nem atividades monológicas do indivíduo como se pensava em algum tempo, pois no processo da leitura se produz interação do leitor não apenas com o autor, como também com os leitores virtuais criados pelo mesmo no momento da escrita, estabelecendo dessa forma, relações plurais e sociais na medida em que a leitura é compreendida cognitivamente, sobre tudo em seu caráter dialógico, constitui-se em preciso instrumento no processo de construção do conhecimento por oportunizar o leitor em elementos vitais na interlocução contínua de sua importância.

Pensando nesse contexto, torna-se necessário e viável, pois pretende fomentar a leitura, a interpretação e a produção por meio da contação de história. Com uma proposta de trabalho interdisciplinar com a literatura, nessa concepção busca reunir atividades de pesquisa e informações que contribuam para o resgate do hábito de ler, tornando o aluno à mola mestra do processo ensino aprendizagem.

Frente ao crescimento acelerado das novas tecnologias de comunicação e informação, faz-se cada vez mais indispensável à formação de leitores críticos, autônomos e reflexivos que sejam capazes de ler e compreender o que lêem, para que possam envolver e atuar melhor no mundo e sua própria realidade. Acredita nos alunos pode fazer a diferença no incentivo ao rotina a leitura visando um futuro de aprendizagem significativa, podendo colher excelentes frutos, com isso o

investimento nesse processo pode sim trazer grandes estímulos para as gerações futuras. Mas, além disso, acreditamos que a leitura e escrita são base fundamental para a formação na vida das pessoas, pois através dela é que o sujeito conhece outras realidades, enfatiza pensamentos e culturas, que através da leitura criamos, reconstruímos e produzimos.

CAPÍTULO II: MARCO TEÓRICO

2.1 Conceção da leitura

Esse significado consiste em um levantamento sobre leitura, para Solé (2008, p.22) “é um processo de interação entre o leitor e o texto”. É um momento único em que o leitor deve examinar detalhadamente o texto, identificando as ideias principais, a mensagem que o autor quer passar.

Nesse processo, “não quer dizer que o significado que o escrito tem para o leitor não é uma réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos.” (SOLÉ, 1998, p.22).

Nesse breve histórico da leitura e escrita é, um recurso na formação social e cultural, a leitura é um componente de referência essencial para o ingresso e a participação na sociedade letrada. Portanto, é uma ferramenta básica da comunicação do homem contemporâneo e a chave do saber que possibilita a participação ativa do cidadão na civilização moderna com perfeito domínio de símbolos e sinais significantes.

Segundo Sodré (2003), o ensino o ato de ler esteve primeiramente nos costumes dos jesuítas. Onde os mesmos desempenharam o domínio sobre os feitos da educa o escolarizada brasileira por meio de código na escolariza o. Até no período de 1970, a leitura era ponderada um ato automático. Ler era apenas decodificar os elementos linguísticos, sem levar em conta as circunstâncias sociais, culturais e históricas do leitor, do autor ou da situa o em que a produ o dessa leitura ocorresse (ZAPPONE, 2001). O ensino da leitura estava voltado   memoriza o, através de repeti es de signos escritos e seus respectivos sons.

Pode-se definir, também, ler como um ato intelectual, e instrumento de acesso à cultura e a realidade social de grande importância no desenvolvimento humano como fonte de informação, facilita a problematização de conflitos, e aquisição de diferentes pontos de vista, pois a pessoa bem informada tem uma concepção bem diferente de exercer a cidadania com facilidade.

Segundo Silva (20002, p.31): A atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Tal presença sem dúvida marcante e abrangente começa no período de alfabetização, quando a criança possa a compreender a significado potencial de uma mensagem registrada através da escrita.

2.2 Educação ao longo da vida e os paradigmas da Educação

Percebe-se que ler não é apenas ler é ler para o mundo, que significa mais do que ser capaz de ler um texto, é mesmo muito fascinante, uma vez que essa competência está ligada a diversidade de atividades comuns na escola. Atividades que envolvam a leitura de jornais, literaturas, revistas, conhecimento de mundo permitindo desenvolver habilidades de leitura, separando informações para a partir daí ser colocadas às opiniões tornando o sujeito construtor do seu próprio conhecimento, uma vez que o mesmo é capaz de raciocinar, articular ou deduzir um resultado, dando um ponto de partida ao domínio das linguagens. Como afirma Paulo Freire: “antes de ensinar a ler, tem que ensinar o aluno a ler o mundo”.

Um dos significados por Ferreira (2000, p. 423) a palavra ler é o de “captar” signos (um suporte) para recuperar informações por eles “codificados”. Assim, a temática pode ser compreendida em primeira instancia como ato de decifração.

Acredita-se o ato de ler é revolucionário, pois transforma o leitor passivo em leitor ativo, um co-autor, doador de sentimentos e, além de capacitá-lo para o estudo e uso de obra literária, capacita-o a influencias do contexto histórico e, entender, interrelacionar com questões referentes à sociedade de determinada época, as independente mente do tempo, da obra a analisar situações ainda existentes no contexto educativo.

Dessa forma, o leitor deverá em primeiro lugar decifrar o escrito, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que

o texto tem finalmente refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu valorizando componentes referentes à interpretação.

Conforme, Martins (1989, p. 44): O treinamento para a leitura efetiva implica aprendermos e desenvolvermos determinadas técnicas. Dos manuais didáticos aos estudos aprofundados sobre o ato de ler, todos oferecem orientações ora menos ora mais objetivas e eficientes. Todavia, cada leitor tem que descobrir e criar uma técnica própria para aprimorar seu desempenho, não apenas o intelecto, mas também o sentido e as emoções, deixando evidenciar como afirma Martins (1994, p. 36) que “se a leitura tem mais mistério e sutilezas do que a mera decodificação de palavras escritas tem também um lado de simplicidade que os letrados não se preocupam muito em revelar”.

2.3 Leitura e Literatura

O texto literário por si só já desperta ao prazer de ler e de escrever, interpretando e reconstruindo novas maneiras de vê as coisas.

Li-te-ra-tu-ra (...) essa coisa de escritor criar um personagem e fazer a gente acreditar nele feito coisa que toda a vida a gente reconheceu o cara, ou a cara, Literatura é fazer esse personagem inventado virar um espelho pra gente, é fazer a gente ficar da vida e o personagem faz um troço que agente acha besteira, mas em compensação é fazer a gente entrar numa boa se ele faz um troço que agente também quer fazer. Literatura é o jeito que um escritor descobre pra passar isso pra gente dum jeito que é só dele. (BOJUNGA, 1998, p.35).

A literatura representa, em “fazer artística”, uma dimensão prática dessa imaginação inferida por Bonjunga, um aspecto da faculdade de raciocínio. Assim, falando no interdito da linguagem, ela permite ao leitor extrair suas próprias conclusões no processo de leitura, ao se defrontar, por exemplo, com problema de situações cotidianas que lhe causam perplexidades: o indivíduo é estimulado, no processo do aprender, a compreender o como e o porquê de tais situações e é impulsionado a buscar soluções para elas.

No momento em que a leitura essa introjeção, o sujeito necessita entender que se passa dentro de si, não por meio da compreensão racional da natureza e do

conteúdo de seu inconsciente, mas por meio de divagações com o pensamento, de cogitações em que organiza os elementos adequados da história em resposta às pressões inconscientes. É nesse aspecto que reside o valor inestimável da literatura, ao oferecer novas dimensões à imaginação humana, àquilo que talvez ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só.

Condicionada à produção escrita desde a sua origem, a literatura pressupõe um documento destinado à leitura de cultura, o que implica a ideia de um conhecimento específico, justamente pelo tipo de signo empregado. No entanto, pelo fato de vivermos em um mundo de constantes mudanças, de novas cosmovisões e mundividências, também o ato de narrar redimensiona também segundo ARENA,2010.

A primeira, por entender que a literatura mede a relação da criança com a cultura de sua época, mas transcende a ela, tanto para o passado, quanto para o futuro, a segunda, porque a criança, imersa em um em um contexto cultural, necessita desse contexto para se apropriar da cultura que encharca o gênero literário que tem acesso.(ARENA,2010, p.15).

Porém, no decorrer da história, provavelmente persista o fato de que os acontecimentos de uma narrativa geralmente são mais atraentes do que a própria realidade. Dessa maneira, o que nos leva à leitura de um texto artístico é aquilo de interessante que nos tem para dizer. As personagens imaginárias preenchem vazios da realidade. Dessa forma, tanto a leitura quanto a criação de um texto narrativo é uma forma de sonhar acordado. Ao produzir-se o mascaramento da “verdade”, criamos uma falsidade necessária ao disfarce do real, causando prazer pelo jogo de palavras que se descentram para o imprevisível.

2.4 Concepção cognitiva

Pois a atividade da leitura é estritamente linguística que desenvolve constantemente na interação de significados e elementos culturais ideológicos do leitor. Constitui uma relação que se reduz à mera transmissão do conhecimento padrão da língua e demais conteúdos do currículo escolar. Aprende-se ler a partir de uma leitura significativa que vai além de ato visível, envolve técnica e o

estabelecimento de uma relação entre leitor e texto promovendo formação intelectual, sensibilidade, experiência e postura crítica.

Vigotsky (2007) entendemos dois níveis de desenvolvimentos relevantes às capacidades e já contraídas mesmo que não adquiridas, sendo eles, o nível de desenvolvimento real e o grau de desenvolvimento de potencialidade do cognitivo. O primeiro é aquele em que a criança já consegue efetivamente algumas atividades sozinhas, sem auxílio de outra pessoa, como andar de bicicleta, cortar com a tesoura, etc. “[...] o nível de ampliação real de uma criança define funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento” (VIGOTSKY, 2007, p. 139).

A zona de desenvolvimento proximal pode, portanto, tornar-se um conceito poderoso nas pesquisas de desenvolvimento, conceito este que pode aumentar de forma acentuada a eficiência e a utilidade da aplicação de métodos diagnósticos do desenvolvimento mental a problemas educacionais (VIGOTSKY, 2007, p. 99).

Por isso, o melhor método para o ensino da escrita é aquele em que as crianças aprendem a ler e a escrever, durante situações de brincar (VIGOTSKY, 2007). Brincando de escrever, elas aprenderão a escrever. Para (REGO, 1995, p. 114) no contexto escolar, peculiar com crianças pequenas, a brincadeira não deveria ser entendida como passatempo, pois esta “tem uma importante função pedagógica”.

Tomando por base esse conceito amplificado do ato de ler. O leitor passa a ser um sujeito ativo e conseqüentemente se transforma num manancial de significados e implicações que vão sendo descobertas a cada leitura. Assim, é fundamental perceber que cada nova leitura oportuniza o desenvolvimento de novas significações, não detectados em leituras anteriores e que nesse contexto, a leitura é tudo, um processo contínuo de compreensão.

Sobre isso, Silva (2002) afirma que se a compreensão, na perspectiva ontológica, significa habitar o mundo através de projetos existenciais, então, a leitura por necessariamente envolver compreensão, também vai significar uma saída de si ou um projeto de busca de novos significados. Por outro lado, se compreender é enriquecer-se com novos propósitos de mundo, então ler é detectar ou aprender as

possibilidades apontadas pelos documentos que fazem parte do mundo do ato de escrever.

Durante um período, o processo de escolarização brasileiro foi orientado por padrões de cunho tradicional. Com base nesse norte, a prática pedagógica do ensino da leitura concedeu primazia à decodificação de signos (BARBOSA; SOUZA, 2006; SANTOS, 2002). Nessa perspectiva, o ensino dessa ferramenta linguística priorizava a reprodução da fala de autores do campo literário, eliminando, assim, a possibilidade de o aluno construir significado expressamente do texto.

Baseando-se nos estudos sobre a teoria de Vigotski, os saberes são sistemáticos da escola muitas vezes sobrecarrega o conhecimento vivo frequentemente isolados e de sentido de conteúdos escolares que comportam instrumentos de técnicas prontas intelectuais e, muitas vezes, não há na escola, intercâmbios sociais adequados de construir saberes.

Isso conferia ao discente um papel passivo, que se limitava à reescrita e à refaça dos dizeres dos prestigiados autores da literatura brasileira e portuguesa (SOARES, 1998). Diante disto, o processo de construção de significados e de elaboração de significação face ao texto era algo que não se fazia presente nas práticas pedagógicas do ensino da leitura. Tal posição persistiu durante décadas nas unidades escolares brasileiras. Assegura o autor:

Nos últimos 30 anos, surgiu uma ampla literatura na qual se discutiu o modo como vinha se processando o ensino de língua materna no Brasil. Havia nestes trabalhos a preocupação de não apenas criticar as práticas de ensino de língua portuguesa presentes na escola, mas sobretudo apontar questões de nível conceitual e metodológico na direção de uma nova forma de se conceber o ensino da leitura e da escrita. Já na década de 1980 alguns trabalhos das áreas da Linguística e da Psicolinguística passaram a questionar a noção de ensino-aprendizagem de língua escrita que concebia a língua apenas como código e, dessa forma, entendia a leitura apenas como decodificação e a escrita somente como produção grafomotriz. A linguagem deixava de ser encarada, pelo menos teoricamente, como mero conteúdo escolar e passava a ser entendida como processo de interlocução. Nessa perspectiva, a língua é entendida como produto da atividade constitutiva da linguagem, ou seja, ela se constitui na própria interação entre os indivíduos. Passou-se, assim, a prescrever que a aprendizagem da leitura e da escrita deveria ocorrer em condições concretas de produção textual. Desloca-se o eixo do

ensino voltado para a memorização de regras da gramática de prestígio e nomenclaturas (SANTOS, 2002).

Para Cagliari (1999, p.104.):

A leitura deve ser uma atividade fundamental desenvolvida na escola, pois dela dependem todas as compreensões, e não só das outras disciplinas, mas de todo o conjunto que estrutura o projeto pedagógico e humano na escola e na sociedade. CAGLIARI (1999, P.104.)

E nesse sentido do enriquecimento da abordagem sobre a importância do incentivo a prática leitura, busca-se o estudo e embasamentos de pesquisa bibliográfica em obras de vários autores, onde faz afirmações a respeito do tema professor em atuação: “Motivamos a classe a ler, a ler sempre [...] poucos são os comentários do gosto e interesse para o ato de ler, talvez. Lêem porque eu incentivo muito e às vezes até dramatizo o assunto resumidamente, para que o aluno se interesse mais por leitura. [...]” (LAJOLO, 2004, p.13) “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros. (LAJOLO, 2004, p. 7)”.

O ambiente escolar é grande responsável pelo ensino e apoio à leitura, contudo, a leitura não existe exclusivamente na escola, e sim por toda parte da vida e do dia a dia. De acordo com Cagliari (2009, p.149):

A maneira como a escola costuma introduzir os alunos na leitura através do bê-a-bá, isto é através das famílias silábicas, pode acarretar problemas sérios para a formação do leitor. O reconhecimento famílias silábicas, como o próprio reconhecimento das letras, faz parte do processo de decifração e não é leitura propriamente dita. [...]Se a escola insistir muito nisso, o aluno pode se tornar um leitor. Que lê silabando ou, quando, quando muito, um leitor de palavra por palavra, o que não é correto. É preciso que o leitor diga o que leu como se ele fosse o autor daquilo que está lendo.

A aprendizagem é um processo que se dá através da reflexão, da ativação de pensamentos, sentimentos e sensações que despertam o desejo para a leitura. O

processo de aquisição da leitura é um trabalho de construção de significados do texto, a partir de suas curiosidades na produção do conhecimento que possui a respeito do assunto e do que sabe sobre a língua.

A leitura acontece quando se produz o sentido e quanto experiências de leituras anteriores, mas consciência na formação de sentido terá o leitor, pois é preciso compreender também as entrelinhas. Só quem lê interpreta, questiona, estabelece julgamentos que pode e deve fazer, exercendo assim, plenamente a sua cidadania. Quem lê pode mudar sua realidade para melhor.

Ler, acima de tudo, significa pensar, comentar, ser a favor ou contra, trocar opiniões, posicionar-se e, sobretudo, é estar em contato com o texto e encontrar nele significados. Para Freire “a biblioteca popular como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como um fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto” (2000, p.38). E para que isso ocorra é necessário recorrer a diferentes estratégias que possibilitem compreender a finalidade da leitura, é ler e compreender o que foi lido.

Para Freire (2000, p.5) “A leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo, que nos interessa a viver.” Segundo o autor, é importante para o desenvolvimento do hábito da leitura, ler tudo aquilo que produz uma identificação com a vivência diária do aluno, a leitura não deve ser apenas para produção de conhecimentos literários, mas sim prazerosa, sendo os alunos direcionados no processo.

Assim, se acredita que quanto mais cedo acontecer o contato com a leitura prazerosa, mais cedo o aluno desenvolverá o hábito, seja pelos pais em casa, e pelos educadores dentro da sala de aula, embora também, deve ser vista e trabalhada a leitura de uma forma dinâmica, a leitura também pode ser recreativa. Sendo assim, é fundamental que a criança veja a leitura como um ato mágico e prazeroso e não apenas como obrigação ou avaliação, imposta por outras pessoas, é preciso que o aluno tenha interesse na leitura e que com ela possa desenvolver seus atos críticos, políticos e intelectual. Freire (2000) afirma que a leitura não pode ser vista como imposição ou como obrigação e sim como ato mágico, é preciso que a criança leia o que gosta.

Os educadores podem e devem inserir o hábito da leitura, usando de histórias infantis, antes mesmo que o aluno saiba decifrar palavras. Uma técnica que

tem sido usada e aprovada como incentivo a leitura é a contação de histórias em voz alta, isso faz com que o aluno se interesse pelo contexto da história e ainda o desperte para a leitura, nessa fase é importante que o educador desenvolva sua criatividade, pois o aluno se mostra curioso e interessado naquilo que o conquista, tendo assim o professor uma chance maior de atrair a leitura para si.

2.5 Concepção interacionista

Nesta concepção para fraseando, entende há concepções anteriores, isto é, o processo de leitura. Assim, visões interacionistas consideram a leitura como um processo cognitivo e perceptivo, o prática leitora condensa tanto as informações presentes no texto, como as informações que o leitor traz um norte e a construção dos sentidos ocorre através da interação entre leitor e texto. Solé (1998) considera o modelo interacional como o mais apropriado para o entendimento do ato de leitura como um processo de compreensão, do qual participam tanto o texto, sua forma e conteúdo, quanto o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios.

não apenas enfatize o papel do leitor ou do texto, mas que aceite que o produto da relação entre leitor e texto é o sentido da leitura. Isso quer dizer que a interação entre texto e leitor ocorre de maneira a se retomarem ora a perspectiva do leitor, ora a do texto, conforme a necessidade para cada situação de leitura. (DURAN, 2009, p. 4).

Para esse enfoque, o leitor usa a sua competência enquanto leitor e interage com o autor, por meios de práticas interpretativas, seguindo as “dicas” que o autor implica ao longo do texto, para que consiga aproximar de conclusões. Diante disso, sabemos defende-se os modelos interacionais como os que mais contemplam a dinâmica que cerca o ato de ler, visto que não há uma supremacia nem do texto, nem do leitor, mas uma relação interativa entre ambos na construção dos sentidos.

2.6 O educador e a formação do aluno leitor

Não sobrecarregando as especificidades do professor, mas é ele o mediador do processo que leva o aluno a ter o sucesso ou fracasso em suas habilidades e competências do saber fazer pedagógico. O educador é o grande responsável pela formação do aluno.

Conforme a autora afirma:

A aprendizagem tem como objetivo a formação do sujeito capaz de saber o que fazer da vida, de construir sua própria história (expressão política), mas sempre com sentido solidário, pois a ética dessa história se origina no mundo dos valores no qual a educação deve se fundar. (HOFFMANN, 2000).

É por isso que é preciso haver uma entrega do professor em sua práxis, para que venha despertar ao aluno o mago das descobertas e repositório da tríade passado, presente e futuro, entendendo-se como sujeito co-participante do seu progresso em voga. Portanto, o professor é um mediador na aquisição da linguagem. Um educador que será capaz de ajudá-los a envolver a realidade, expressar a realidade e expressar-se, descobrir e assumir a responsabilidade de ser elemento de mudança da realidade. Assim, ler e escrever, desta forma deixará de serem mecânicos atos, mas sim um ato de liberdade que abranger a vida e aprender a linguagem.

Para tanto, é importante que o professor busque a sua prática pedagógica e que utilize uma metodologia condizente com a realidade do aluno, partindo de diversificados gêneros textual, perpassando por estratégias de leitura e analisando no aluno habilidades compatíveis que possam formar um leitor crítico autônomo verdadeiramente.

A formação do leitor quero enfatizar, não é um produto do acaso; o potencial que todos os seres humanos possuem para ler o mundo e a palavra (ou qualquer outro tipo de signo) não vai se desenvolver na vida da pessoa, caso as condições para a produção da leitura não se fizerem presentes no corpo social (SILVA, 1999, p. 160).

Portanto, conforme Lauriti e Christal (2013) acrescentam que a figura do mediador de leitura, o professor, é elemento fundamental no incentivo à leitura, e agrega a leitura um valor substancial no desenvolvimento da cidadania, inclusão social e afirmação de identidade. Juntando a isso, os apontamentos de Lauriti e

Christal (2013) sobre o estímulo à leitura como ato de cidadania, pois pode articular as competências e habilidades individuais, com propósitos positivos as várias distorções presentes na sociedade brasileira.

2.6.1 Habilidades que devem ser desenvolvidas durante a leitura

Não adianta passar a página de um livro se sua compreensão não foi alcançada. Impõe-se, pelo contrário, a insistência na busca de seu desvelamento. A compreensão de um texto não é algo que se recebe de presente. Exige trabalho, paciência de quem por ele se sente problematizado. Não se mede o estudo pelo número de páginas lidas numa noite ou pela quantidade de livros lidos num semestre. Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las (FREIRE, 1987, p. 4).

Ao iniciar-se uma leitura podemos antecipar informações do texto. Para isso, buscaremos conhecimento prévio do aluno/leitor sobre o assunto para que ele levante hipótese. Outro ponto bem relevante é o suporte (capa, orelha, título, editora...) o qual através das expectativas geradas com a análise deste suporte trará para a leitura uma antecipação e aproximação a respeito do assunto.

No processo de leitura pode-se esperar que o leitor caminhe por conta própria. No entanto, essas habilidades precisam ser desenvolvidas de modo que o leitor seja autônomo na aquisição de sentido, na sua interpretação e entendimento.

Durante a leitura, o leitor poderá fazer a conformação das antecipações de sentido levantadas antes de leitura do texto. A intenção nessa estratégia serve para auxiliar-lo a entender todas as informações obtidas até ali. O uso apropriado do dicionário ou inferência para aquelas palavras desconhecido. Buscar informações complementares em textos de apoio. Esse método ajuda na compreensão do assunto de conhecimento específico, por exemplo. Através da busca de informações em textos complementares também podemos fazer a identificação das pistas linguísticas que marcam os conceitos, sintetizando o conteúdo. Para isso, uma sugestão dada seria elaboração de um mapa conceitual usando flechas, símbolos e numeração.

A construção do sentido global do texto tende a ser estabelecido durante a leitura, visto que, com algumas estratégias de leitura desenvolvida até momento

será estabelecida uma pré-definição sobre o que se trata o texto e sua desenvolvida. A leitura é inesgotável, essa relação está para além de codificar e decodificar há em suas entrelinhas uma relação com o que foi lido e aquilo que foi entendido pelo mesmo nas premissas qualitativa e participativa.

O desenvolvimento de estratégias de leitura antes e durante o processo de leitura; não poderemos deixar de citar a importância em desenvolver habilidades após a leitura do texto. Porque, através da leitura feita será possível confrontar o que foi levantado, antecipado para a compreensão do texto lido. Além, de ser um meio de explorar e aprimorar seu grau de criatividade.

Para tal, o leitor construirá um resumo do texto. Fará uma parafrazeou questões escritas, com isso, estimula também a produção escrita do leitor, pois este fundamentará a sua interpretação do texto lido. Depois, terá argumentos suficientes para confrontos de posições e comentário a respeito do texto. Seja ele lido individualmente; seja lido coletivamente.

Por fim, uma avaliação crítica do texto. Uma avaliação entremeada às discussões, aos confrontos de ideias levantadas. Um preenchimento de possíveis lacunas, paráfrases semiocultas ou implícitas. Dessa forma, o aluno só tem a ganhar através da contribuição interdisciplinar no processo ensino-aprendizagem e, que seja em longo prazo esse conhecimento adquirido pelo aluno e verificado pelo mediador que é o professor numa ação constante.

Muitos são os fatores utilizados para os critérios de seleção e adoção de um livro para torná-lo literário. Entra em cena a difícil questão do valor, no século XIX, diversos autores que hoje são lidos como referências de literariedade não tinham espaço para a publicação de suas obras porque eram fechados como inferiores.

Uma obra para ser considerada Grande Literatura ela precisa ser declarada literária pelas chamadas “instâncias de legitimação”. Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, etc. Então, Márcia Abreu, (2006) nos leva a reflexão de que um padrão de literatura não pode ser universal. Precisamos dar importância ao fator histórico e cultural daquele indivíduo, suas referências pessoais, seus gostos. Um ser (leitor) com a oportunidade de escolher e eleger algo como literatura.

Portanto, a leitura tende a ser algo subjetivo (particular), a qualidade estática não está no texto, mas nos olhos de quem lê. Um espaço aberto para criações e

recriações. Diferente daquelas leituras em que busca apenas uma linguagem estruturada. A maneira como é estruturada a linguagem do texto não elimina o seu significado, pois não deixa de ser um recurso empregado.

2.6.2 Aspectos técnicos que contribuem na leitura

Torna-se claro a diversificação dos tipos escritos quando se aprende a ler e a escrever, são utilizados como meios de aprendizagens e fazem com que os alunos alcancem os objetivos propostos pelo professor. É fundamental que todos os educadores, estejam atentos a ideia de que conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos se faz indispensável para uma aprendizagem efetiva dos seus educandos.

Processo Afetivo

O papel das emoções na leitura está ligado aos três níveis básicos de leitura como: níveis sensorial, emocional e racional. Cada um dos três corresponde a uma forma de aproximação do texto.

Para Martins (1994), “esses níveis são interrelacionados, senão simultâneos, mesmo um ou outro sendo privilegiado, segundo as suas experiências e expectativas assim como, seus interesses”.

Sentido sensorial

A leitura sensorial começa cedo e acompanha durante toda a vida do leitor. Não importando o tipo de leitura se é minuciosa ou simultânea.

A leitura sensorial está ligada a visão, o tato, a audição, o olfato, podem também estarem ligados aos aspectos lúdicos como: o jogo de cores, imagens sons, cheiros e dos gostos incita o prazer, a busca que pode agradar ou trazer rejeições aos sentidos.

A leitura sensorial vai mostrando ao leitor o que lhe agrada ou não, mesmo sem as justificativas.

Sentido emocional

O sentido emocional, lida com o subjetivismo e, o leitor passa a ser envolvido pelo seu inconsciente.

Na leitura emocional emerge a empatia, ou seja, se colocar do outro lado e não pensar mais no que se sente ao ler e sim o que o texto provoca no leitor.

Quando uma criança ler um texto ela sente a curiosidade, é essa curiosidade que a motiva a ler cada vez mais, o fato do desconhecido passar a ser conhecido e assim, passando para o lado da empatia até mesmo de modo exagerado pois, a criança consegue captar as emoções mais profundamente que um adulto.

A maioria das vezes tem-se a semiconsciência de se estar lendo algo insignificante, sem originalidade, ou até mesmo fora da realidade. Esse pensamento define uma ligação mais forte com o inexplicável, por isso, muitas vezes o leitor sente-se inseguro e até mesmo chegando a incapacidade de explicar o porquê de se prender a leitura.

Sentido racional

A leitura racional relaciona-se com as leituras sensoriais e emocionais fazendo-se estabelecer uma ligação entre o leitor e o texto, trazendo uma reflexão e reordenação do mundo objetivo, possibilitando a própria individualidade como o universo das relações sociais.

A leitura racional é uma leitura intelectual, pois, permite o questionamento das informações na qual permite uma ampliação de conhecimentos. Ela também tende a ter uma visão mais longe.

A visão racional transforma um novo conhecimento ou em novas possibilidades acerca do texto lido.

2.6.3 Prática da leitura significativa

É de grande importância que o professor proporcione momentos de leitura, mais significativas, incentivando a formação leitora do aluno para que esta possa desenvolver no aluno um conjunto de capacidades, tornando-os produtores de textos, e em condição de inserir-se no seletivo grupo da população que tornam-se proficientes por dominarem as regras e as técnicas (gramaticais e norma culta) a demais de desenvolver o gosto de ler. O professor deverá ter cuidado de fazer dessas experiências de leitura algo que realmente seja prazeroso e gratificante.

Neste sentido, a família possui um papel de suma importância para o desenvolvimento intelectual do aluno, pois é neste contexto que o educando deveria obter o primeiro contato com a leitura. Portanto para a autora:

Aborda que é essencial que bem antes de chegar à escola a criança tenha contato com livros, pois o sucesso escolar é construído pela maneira de viver em casa, sobretudo no que se refere ao aprendizado da leitura e da escrita essa maneira trará conseqüências negativas ou positivas que tecem sua vida afetiva. (KLEIMAN (1989, P.86).

Portanto, nesse processo o conveniente, a princípio, é não cobrar nenhuma atividade do aluno até fazer com que eles adquiram o gosto da leitura, somente discutir que cada um achou da obra lida o que chamou sua atenção, se gostou ou não e ainda o que aprendeu com ela.

2.6.4 Alicerce para formação do bom leitor

De acordo com Brasil (1997), para tornar os alunos leitores para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler requer esforço.

Nesta perspectiva, a escola precisa mostrar aos alunos que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que se conquistado plenamente dará autonomia e independência. Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis ao aprendizado. Afirma Hoffmann:

Estender tempos de aprendizagem exige, da mesma forma, maior oportunidade ao educando de expressão de suas idéias. Assim, é essencial o investimento em pedagogias interativas, a formação de turmas menores, para que se possa observar e compreender o aluno em atividade e na relação com os outros (HOFFMANN, 2002: 63).

Assim, a prática de leitura, que não se restrinjam apenas aos recursos materiais, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais

impressos, o espaço, e outros aspectos determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura.

Para desenvolver a inteligência linguística, recomendam-se exercícios de leitura, assim como a redação de histórias, criação de imagens, músicas, simulações, teatros, pesquisas e principalmente atividades que envolvam trabalhos grupais e cooperativos.

No estudo sobre a formação do leitor crítico, é pertinente considerar que formar um leitor com esta característica é também desenvolver uma prática de leitura que se desperte e cultive o desejo de ler, ou seja, uma prática pedagógica eficiente que dê suporte ao aluno para realizar o esforço intelectual de ler não só textos simples, mas também aqueles nos quais precisará utilizar de todas as suas estratégias de leitura. Assim sendo, “Fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia”.

A sociedade brasileira demanda uma educação de qualidade, que às aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar em todas as áreas relacionadas à educação e capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem e na qual esperam ver atendidas suas virtudes e necessidades sociais, políticas e econômicas com os PCNs fundamental que o ensino da leitura esteja baseada na função social que o conhecimento exerce na sociedade, principalmente, relacionada ao uso da língua através da leitura, embora possa considerar as habilidades comunicativas.

2.6.5 A busca da leitura prazerosa e espontânea

Um ensino de qualidade, ou seja, um ensino mais relevante e expressivo para os alunos é necessário criar estrutura de formação iniciada e continuada, partindo de hipótese de que a leitura é o veículo básico e essencial para a inserção do indivíduo no universo letrado, mas que seja prazerosa do leitor com o texto, e que correspondem às expectativas da sociedade em relação ao processo de aprendizagem, estabelecendo metas a curto e longo prazo, com objetivos claros, tomando por base o currículo escolar.

Estas desenvolvimentos propiciariam no momento de novas leituras a possibilidade do leitor fazer inferências e novas releituras, agindo, assim, como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem não só da língua, mas também das outras disciplinas. A leitura e a escrita são hoje um dos maiores desafios das escolas, visto que quando estimulada de forma criativa, prazerosa e dinâmica, sem imposição, pode criar vínculo que possibilita a redescoberta do prazer de ler, a utilização da escrita em contextos sociais e a inserção da criança no mundo letrado.

A leitura é um elemento de referência fundamental para o ingresso e a participação na sociedade letrada. Sendo assim, se torna uma ferramenta básica da comunicação do homem na sociedade contemporânea e a chave para o agendamento de um saber já adquirido. Compreende nesse procedimento, “não quer dizer que o significado que o escrito tem para o leitor não é uma réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos.” (SOLÉ, 1998, p.22). Faz assim com que esse homem se torne um cidadão inserido na civilização moderna com perfeito domínio dos símbolos da comunicação.

Dessa forma, dentro da rotina semanal é o espaço ideal para essa conquista com resultados significante, garantir um ambiente favorável e agradável, onde a literatura deve ser proporcionada aos sujeitos, sem restrições nem obrigações, o leitor exerce com autonomia e fascínio a prática da leitura, transformando o ato de ler num relacionamento espontâneo, dialógico e afetivo com o texto. Desse modo, além de ultrapassar a fronteira da mera decifração dos signos linguísticos, começa a delinear uma nova visão de mundo e de leitura de forma prazerosa, gerando um saber crítico com discernimento para o alicerce da formação.

Sabemos que nos últimos anos, as tecnologias se tornaram central tanto para o trabalho quanto para o acesso à informação, à cultura e ao lazer. Compreendemos a maioria dos brasileiros ainda não tem acesso a computadores, muito menos à Internet na própria escola. Mas atualmente muitas pessoas lêem e escrevem é por meio de paradidáticos. Por isso, a escola precisa se equipar com pra acesso à Internet e, desse modo, permitir que a crianças e adolescentes que compartilhem através de projetos educativos, acumulando saberes que diz respeito à aprendizagem da leitura e da escrita.

Para este desenvolvimento Brasil (1997, p.58) descreve algumas condições:

- Dispor de uma boa biblioteca na escola;

- Dispor de um acervo de livros de classe e outros materiais de leitura;
- Organizar momentos de leitura livre;
- Planejar as atividades diárias de leitura;
- Oportunizar aos alunos a escolha de suas leituras;
- Possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola;
- Construir na escola uma política de formação de leitores nos quais todos possam contribuir com sugestões.

2.6.6 Influências inculcadas através da leitura

Segundo Kleiman (1998), ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que nascemos e fomos educados. Por isso, podemos afirmar que a leitura enquanto prática social é algo bastante complexo, pois está intimamente ligado às nossas raízes socioculturais e conseqüentemente à formação da nossa cidadania, portanto, é importante fazermos algumas definições acerca da palavra cidadania. E por isso é que nos desenvolve significados e interesses por a mesma, a leitura.

A palavra cidadania deriva-se da palavra cidadão. No sentido etimológico a palavra cidadão deriva-se de civitas, que em latim significa cidade. Segundo Ximenes (2000, p.170), “cidadania é a condição de cidadão” e “cidadão é o indivíduo no pleno gozo de seus direitos políticos e civis”.

Segundo Dallari, 1998:

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social. (DALLARI, 1998, p. 14)

Sendo assim, a leitura é uma porta aberta na formação do cidadão e conseqüentemente na construção de valores que o conduzem à uma cidadania plena, uma vez que através da leitura o indivíduo terá a possibilidade de construir

novas relações com as informações presentes no espaço global de uma forma dinâmica, crítica e autônoma, tornando-se sujeito construtor de sua própria história e da história coletiva de seu país, o que lhe estimula tanto ao ato de ler como de produzir leitura – a escrita.

Vale ressaltar que a maioria dos conteúdos informacionais que a criança encontrará no mundo são prioritariamente documentos escritos e variados e por isso requer do leitor um mínimo de conhecimento linguístico e acerca dos diferentes gêneros textuais para ter compreensão seja por qual via for. Isso torna ainda mais evidente a importância da leitura como prática social na construção da cidadania.

2.6.7 Leitura na escola

Segundo Galvão e Batista (2000, p. 12),

desde o século XIX a escola primária brasileira, hoje escola de ensino fundamental, via a formação do leitor como um processo que se restringia basicamente à transmissão das habilidades básicas de leitura e escrita, bem como das regras ortográficas do português, havia também uma forte preocupação com a transmissão dos conteúdos instrutivos e das regras e modelos de comportamento, ou seja, eram ensinados aspectos morais e ideológicos da sociedade, nesse sentido além dos livros didáticos eram usados como materiais de leitura o Código Criminal e a Bíblia.

A partir do século XX, a escola primária brasileira uma suposta evolução em relação ao ensino da leitura, buscando contemplar o uso social da língua escrita, na diversidade dos modos de ler e nos diferentes gêneros textuais, através da introdução de todo um conjunto de textos que antes era proibido nas escolas como: quadrinhos, rótulos, listas, quadros e tabelas, placas, publicidade entre outros. No sentido de tornar a leitura escolar algo contextualizado que tivesse um caráter prático e motivador do desejo de ler nos alunos.

A suposta evolução no ensino da leitura nas escolas, ainda hoje é algo que ficou mais no discurso e só foi incorporado na prática de pouquíssimas escolas brasileiras, pois as que seguem uma linha pedagógica tradicional, persistem utilizando prioritariamente o livro didático como o único ou principal elemento para sistematização das práticas leitoras.

Mesmo com a existência de fatores de mudança e transformação das práticas leitoras nas escolas, o desejo de ler ainda é algo que está bastante distanciado da maioria dos alunos, principalmente daqueles oriundos das classes populares que só encontram prioritariamente na escola acesso às práticas de leitura e escrita.

O desafio é formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece, dispostas a identificar-se com o semelhante ou a solidarizar-se com o diferente e capazes de apreciar a qualidade literária. (LERNER, 2002, p. 28)

Ao passo que o outro autor salienta que:

[...] se quisermos inculcar o hábito da leitura precisamos ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento e motivar a criança a ir ajustando o conteúdo de suas leituras à medida que suas necessidades intelectuais e condições ambientais forem mudando. (BAMBERGER, 1995, p. 20).

Sendo assim, remete à escola articular situações didáticas necessárias que possam propiciar aos seus alunos situações de leitura.

Para que a instituição escolar cumpra com sua missão de comunicar a leitura como prática social, parece imprescindível uma vez mais atenuar a linha divisória que separa as funções dos participantes na situação didática. Realmente para comunicar às crianças os comportamentos que são típicos do leitor, é necessário que o professor os encarne na sala de aula, que proporcione a oportunidade a seus alunos de participar em atos de leitura que ele mesmo está realizando, que trave com eles uma relação 'de leitor para leitor'. (LERNER, 2002, p. 95)

Hoje o grande desafio da escola é incentivar a leitura despertando nas crianças o gosto e o desejo de ler.

O desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam 'decifrar' o sistema de escrita. É - já o disse - formar leitores que saberão escolher o material escrito adequado para buscar a solução de problemas que devem enfrentar e não alunos capazes apenas de oralizar um texto selecionado por outro. (LERNER, 2002, p.27.)

A demanda na sociedade contemporânea faz aumentar ainda mais a necessidade de se criar na escola uma comunidade de usuários ativos da língua. Para que isso ocorra será preciso despertar nos alunos o desejo de ler e “ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido” (KLEIMAN, 1998, p.16). Por isso as atividades de leitura na escola devem ser promovidas de acordo com o nível de desenvolvimento cognitivo do aluno, afim de que ele possa estabelecer sentido ao que ler.

2.7 Leitura como ação coletiva de competência na produção de resultado significativo

Acredita-se que, na formação competente, é necessário exercitar as desenvolvimentos de leituras no intuito de desenvolver as competências comunicativas com essências de valores, condutas e sensibilidades por parte dos leitores. Sabe-se, a leitura é fundamental no processo ensino-aprendizagem para participar de uma cultura mais sofisticada na sociedade, apresentada simbolicamente através dos desejos e utopia do leitor. Para isso, escola/família/educador possuem papéis distintos, colaborativos e integrados que conduzem o desenvolvimento da leitura como premissa para a produção de um leitor dentro da integralidade de relações e saberes que a contemporaneidade requer na busca de cada sujeito em suprir suas carências e atingir seus anseios.

E vale a pena argumentar que para se realizar um trabalho significativo com a leitura o qual possa resultar em um leitor crítico, é preciso se desprender de atividades de reprodução que visam tão somente fazer o aluno-leitor passar os olhos sobre o texto, decodificando as palavras e se prendendo a superficialidade do escrito e oralidade através de da temática. Portanto, formar o leitor críticos e autônomos é uma necessidade de se construir cidadãos também críticos, para lutarem por seus espaços na sociedade e no mercado de trabalho, sendo investigativo reflexivo, realizando seus ofícios com eficiência.

O papel da educação antes de tudo oferece todos os instrumentos de crítica e reflexão acerca da sociedade em que vivemos, enfim, de que possamos superar a

continuidade de tradições, pois ela supõe a possibilidade de rupturas, pela qual a cultura se renova e o homem se aperfeiçoa construindo sua nova história. Segundo FREIRE, “é pensando criticamente à prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Com a prática de leitura constante, na escola, daí sim trabalhar a interpretação, contexto histórico, a construção dos sentidos, as técnicas que deverão seguir ao ler, para aperfeiçoar o olhar crítico e analítico do aluno durante uma leitura. Com esse conhecimento literário a leitura será muito mais fácil e prazerosa, visto que o texto só tem sentido com a relação estabelecida entre leitor, autor e sociedade.

A leitura só tem fundamento quando o indivíduo está aberto ao aprendizado, pois quando se acredita que já se sabe tudo, ela perde sua importância significativa em relação à leitura do mundo.

É inegável que a leitura do texto escrito constitui uma conquista da humanidade. Pela leitura, o ser humano não só absorve o conhecimento, como pode transformá-lo em um processo de aperfeiçoamento contínuo. A aprendizagem da leitura possibilita a emancipação da criança e a assimilação dos valores da sociedade.

Como se diz Silva (1985:22-23), a leitura, se elevada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade). Dessa forma, a leitura se caracteriza como sendo uma atividade de questionamento, de conscientização e de libertação.

Segundo Kato (1986), o desenvolvimento das teorias sobre a leitura acompanha o desenvolvimento da própria linguística. Em uma retrospectiva histórica na pesquisa dessa habilidade, três elementos se alternam como focos de atenção: o autor o leitor e o texto. A ênfase em um e outro está diretamente relacionada às diferentes concepções de linguagem, que terminam por modular as várias práticas e orientações em sala de aula.

Primeiramente, tem-se a concepção de linguagem como forma de expressão do pensamento, ligada diretamente à tradição. Nela vigora a pedagogia do Certo e do Errado, traduzida por um modelo linguístico que privilegia as classes dominantes, sendo que todas as demais formas de uso da língua são discriminadas. Quanto à leitura, há ênfase no autor, agora entendida como simples reconhecimento das ideias

do mesmo, em que a significação decorre do relacionamento entre texto e a intenção do autor, a sua vida, a sua obra. Logo, ler é reconhecer a intenção do autor.

Entende-se que a leitura se integra à produção em pelo menos dois sentidos: ela incide sobre o que se tem a dizer e sobre as estratégias do dizer (GERALDI: 1993). As duas habilidades fazem parte de um processo em que a escrita se inicia com a leitura, pois se esta proporciona a construção de sentidos, isso acontece por meio da interação do leitor com o texto.

2.7.1 A produção da leitura e suas condições

Segundo Pêcheix (1969), a leitura enquanto um processo discursivo é adquirida, pois é algo que se adquire na medida em que se produz, sendo entendido como um processo de caráter crítico, ativo e discursivo a ser desenvolvido por cada indivíduo, particular e coletivamente, em uma construção verbal interativa que possibilite a delineação e assim dominância das figuras do leitor e autor como condutores do processo de leitura a ser desencadeado.

Para isso, são traçados condições que buscam configurar a leitura enquanto processo com condições determinadas e indeterminadas, em que o social é agente contribuidor e delimitador do discurso em seu âmbito de produção individual ou coletivo. Cabendo ao discurso caracterizar-se como manifestação que intermédia a liberdade e ordena a linguagem e sequência de toda estrutura ideológica do discurso enquanto produto e ao mesmo tempo formação social, dando-lhe funcionalidade. Que, geralmente, caracteriza-se por sua incompletude causada por as múltiplas variações do conhecimento e sentidos atribuídos a ele (o discurso), devido a singularidade de conhecimentos produzidos pela/na vivência social e cultural de cada um, que o possibilita intertextualizar ou não cada discurso, atribuindo-lhe sentido e propiciando interação.

O autor ainda relata que o sentido do texto/discurso dar-se através das leituras e entendimentos conceituados previamente, e isso faz com que o discurso que geralmente é produzido por um indivíduo singular – o autor, seja entendido pelo leitor como incompleto, já que seus conceitos e conhecimentos prévios o remetem a outras leituras e conceitos, dando-lhe a sensação de um discurso que se

complementa ou deixa de se complementar com outras falas que, no olhar singular do autor, poderia e complementa o referido discurso mas, que não foi dito.

A linguagem é entendida como instrumento de comunicação que, através de seus subsídios metodológicos, deve agir não como lugar de informações, mas como processo que busca produzir significações, atribuir e construir sentidos de acordo sua intencionalidade e para além das mesmas possibilitando interações. Assim, leitura é compreendida como interação, e para isso é necessário traçar modos de leitura a serem assumidos pelo leitor. Para isso, são estabelecidos elementos constitutivos de regem todo discurso em busca de uma reflexão efetiva e de sua legibilidade.

Para isso, é preciso estabelecer primeiro a noção de tipo, que define como o discurso deve ser apresentado para sua maior legibilidade, para seu melhor funcionamento. Estabelecendo a posição do falante por meio de regras que relevam as relações entre situações do mecanismo de formação social e posicionamento do respectivo leitor, estabelecendo não só a figura do leitor, mas também, do discurso e do interlocutor. Para se traçar um tipo discursivo que possa eleger singularmente o leitor capaz de estabelecer relevâncias de fatores a serem eleitos de acordo a intenção de significação de cada texto.

Pêcheix (1969) refere-se ainda sobre a noção de contexto e sujeito, onde são traçados três tipos de sujeito: o enunciado – derivado da análise do texto; o da enunciação - deriva da análise do contexto; e o textual – derivado da consideração do texto como um todo, do contexto textual. Que são eles que desenvolvem e dão sentido ao texto e aos diferentes tipos de leitores que, é caracterizado de acordo com seu nível de experiências de linguagem e sua competência gramatical que o possibilita diferentes modos de interação na leitura e suas diferentes formas de apresentação.

Aborda ainda o desenvolvido o conceito de leitura parafrástica e polissêmica que não se distinguem de forma gradual e que determinam os diferentes tipos de discurso e sua relação. Sendo a parafrástica o reconhecimento no sentido de reprodução do autor, ou seja, assimilativa, e a polissêmica que é a atribuição de múltiplos sentidos atribuídos a determinado ao texto, ou seja, leitura criativa, devido a capacidade individual de imaginação de cada indivíduo.

É necessário que a escola busque delinear as características e funções desses elementos na constituição da leitura e do processo de apropriação e

desenvolvimento do conhecimento, capazes de eleger leituras e mecanismos discursivos mais adequadas aos objetivos individuais e coletivos da instituição, e acima de tudo, dos indivíduos em seu contexto.

Favorecendo o entendimento do aluno acerca de como funciona um texto, qual sua unidade pragmática e sua elegibilidade de ideias. Possibilitando um trabalho explícito que contribua para a modificação, construção e qualidade de produções de leitura do aluno enquanto sujeito ativo e articulador do próprio conhecimento.

2.7.2 A importância da família no incentivo à leitura

É importante a presença da família dando-lhes suporte para as necessidades das crianças e dos adolescentes, sendo que esse suporte deve acontecer também com o processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar. O sucesso no processo de aprendizagem escolar depende de alguns elementos considerados fundamentais: a organização do espaço físico como: uma boa sala de leitura, a disponibilidade de materiais educacionais, além do envolvimento no processo de desenvolvimento dos filhos. A aprendizagem é um processo individual, porque cada um tem um jeito de apropriar-se no desenvolvimento para adquirir os conhecimentos, que acontece desde o nascimento e se estende por toda a vida. A aprendizagem envolve pensamento, afeto, linguagem e ação. Esses processos precisam estar em harmonia para que o sucesso seja obtido, e a família tem o papel essencial e indispensável nesse processo. A família sempre desenvolveu e sempre desenvolverá expectativas com relação aos filhos. Com relação ao processo educacional, não é diferente. Quase todos os pais querem que os filhos tenham sucesso escolar, e quando não há um desenvolvimento satisfatório é preciso analisar o estudante, a sua família e a escola.

É na família que a criança forma a sua identidade e desenvolve o seu equilíbrio emocional. Uma das missões dos pais é a transmissão de valores éticos e morais, os pais que oferece às crianças, desde cedo o contato com obras-primas de literatura, infantil, ou seja, tomar contato com os livros de boa qualidade. Com isso, é possível que a criança crie o hábito e o prazer pela leitura, sendo uma atividade

prazerosa entre os filhos e seus familiares construindo uma forma mágica de brincar com as palavras, estimulando as crianças a desenvolver o gosto pela leitura.

O bom leitor não se faz por acaso. Muitos são formados na infância, em família que podem lhes oferecer contato com a literatura infantil e em escolas que proporcionam experiências positivas no início da alfabetização (CARVALHO, 2010, p. 11).

Então, crianças que seus pais leem diariamente e se mostram dedicados pelos livros têm muito mais chance de se interessarem por a leitura. Os pais devem dar o exemplo, se gostam de ler, se estão sempre com um livro na mão, a criança também vai querer fazer isso, comprar livros, promover rodas de leitura com os filhos, eventos de conversas, contar histórias, lendas, piadas essas são formas culturais que também ajudam muito, pois despertam a curiosidade e incentivam a intimidade da criança com os livros. Pais que não leem e não incentivam a leitura, por tanto, não podem reclamar a falta de interesse dos filhos.

2.7.3 A importância da escola para o incentivo à leitura

De acordo Alarcão (2004, p. 12) “as escolas são lugares onde as novas competências devem ser adquiridas ou reconhecidas e desenvolvidas”. É no espaço escolar que a prática da leitura se faz presente na vida das pessoas desde o momento em que passam a compreender o mundo a sua volta. No constante desejo de aprender a ler, de interpretar o sentido das coisas que os cercam, de perceber o mundo sob diversas maneiras, de relacionar a ficção com a realidade em que vivem no contato com um livro, enfim, em toda essa situação, está de certa forma lendo, embora muitas vezes o indivíduo não se dê conta disso. O educando adquire habilidades para falar, escrever, ler e interpretar textos orais e escritos em situações mais cotidianas ou mais formais.

[...] ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejamos com certas garantias em uma sociedade letrada (SOLE, 1998, p. 18).

É fundamental que o professor estimule e valorize a leitura por parte do aluno como fonte de informação complementar à aula e como via de acesso aos mundos criados pelas diversas formas de leitura, possibilitando o prazer ou quaisquer outros objetivos que o texto possa proporcionar. A leitura deve ser um instrumento para melhorar a qualidade das relações pessoais, como meio eficaz para expressar sentimentos, experiências, ideias e opiniões.

Para Freire (1996, p. 64) “o respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do seu saber que ele traz consigo para a escola”. O educador precisa ser flexível e dinâmico sabendo-se apoiar e respeitar cada educando, pois, são personalidades e culturas diferentes e com esse respeito, o educador no ambiente escolar, irá dar oportunidade para a criança conhecer o mundo encantado dos livros, é um dos papéis fundamentais da escola, seja através dos clássicos infantis, contos, lenda, anedotas, quadrinhos, gibis, fábulas dentre vários outros gêneros textuais. Sabe-se que a família é a escola precisam andar juntas, ambas tem papel fundamental no comprometimento com os alunos incentivando-lhes o hábito de leitura, de acordo Alarcão (2004. p. 44) “Más o que é uma escola? Uma comunidade educativa, um grupo social constituído por alunos, professores e funcionários e fortes ligações à comunidade envolvente através dos pais a dos representantes do poder municipal.” A escola, é um órgão que não anda sozinha precisa da ajuda de todos que nela se engloba cada um compartilhando da forma que lhe convém, é um espaço onde as pessoas se relacionam e convivem, num processo de ensino-aprendizagem que estabelece através de expectativas do aluno e instituição, pesquisa, comunicação e favorecendo o seu autoconhecimento e respeito a todos.

É fundamental que escola crie projetos de leitura, busque também sala de leitura ou bibliotecas, jogos que envolvem leituras, assim darão oportunidade para se trabalhar à leitura na escola, precisa rever também a questão das salas superlotadas, devido esse problema o educador tem muita dificuldade em desenvolver um bom trabalho, disponibilizar bons materiais didáticos, oferecer ambiente escolar favorável aos futuros leitores para que os alunos possam se beneficiar ao máximo é necessário desenvolver sistematicamente essa estratégia, que pode se acrescentar desde as séries iniciais todo esse cortejo facilita melhor o desempenho das atividades do professor.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 58):

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura - a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisarão fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisarão torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não se desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.

Sendo assim para formar bons leitores a escola precisa de condições favoráveis para a prática de leitura por que a escola comprometida incentiva, o educando a buscar ideias, traçar seus objetivos, participar ativamente da comunidade, culturalmente, estimulando a prática de estudos, mostrando a importância da leitura na vida, o poder que ela tem, de libertar, de abrir os olhos, esclarecer dúvidas, refletir, pois a leitura traz milhares de informações para a formação de um indivíduo. A prática de leitura não depende somente dos livros, mas conta com ajuda de outros meios como artes, cinema, teatro, música e da dança que também requer uma leitura do educando, com todos esses recursos os educando terão um aprendizado melhor e mais experiências, assim melhorando seu conhecimento.

2.7.4 O papel do educador no incentivo à leitura

O educador em particular tem uma responsabilidade extraordinária na formação e no aperfeiçoamento da pessoa como ser integral. O educador constrói e deve estar comprometido com as pessoas, não somente com o conhecimento, mas com o bom uso desses conhecimentos que servirão como luz para iluminar e alimentar toda a existência. Ser educador é ter percepção, impulso vital para a sobrevivência, trabalhar o desconhecido que mora dentro de cada educando, de modo que se possa evoluir nesta grande Teia da Vida.

Apesar de tantas dificuldades encontradas em relação aos educando, e ambiente escolar, o educador é a peça fundamental para incentivá-los a serem

leitores. Segundo Solé (1998, p. 92) “[...] motivar as crianças para a leitura não consciente em que o professor diga: “fantástico! Vamos ler!”, mas em que elas mesma o digam – pensem”. Para isso é fundamental que os educadores sejam os elementos de ligação entre os educando e os livros, pois estes ampliarão o potencial imaginativo da criança, tornando-se mais criativa. Então o educador precisa planejar bem suas atividades de leitura, selecionar textos de acordo com a necessidade da turma, criar critérios para questionamentos após a leitura fazendo várias indagações aos educando sobre o gênero textual por ele lido, para que o mesmo seja interpretado no momento em que o leu, e sempre o motivando avançar seu próprio ritmo para que eles possam ir adquirindo novas descobertas.

Sabe-se, conforme Freire (2003, p. 04), que é praticando a leitura que se aprende ser um bom leitor, já que “Se é praticando que se aprende a nadar, Se é praticando que se aprende a trabalhar, É praticando também que se aprende a ler e a escrever. Vamos praticar para entender e aprender para praticar melhor”

Dessa maneira, o educando que lê mais ou que passa a ter o hábito de ler revelará um desempenho melhor tanto na sala, quanto na sua vida cotidiana, pois se posicionará diante dos fatos, acontecimentos e será capaz de selecionar os textos que entendem uma necessidade sua, interpretando, analisando e produzindo com eficiência.

Nessa prática, o educando não pensa, não faz e não fala pelo aluno. Dá tempo, espaço e oportunidades para que ele próprio pense, faça e fale a respeito de suas ideias e experiências. O professor não espera nem predetermina respostas e desempenhos únicos, padronizados. Ao contrário, procura analisar, compreender e valorizar os resultados de cada um. Ele sabe que respostas diferentes são resultantes de níveis de evolução do processo de conhecimento, de variações culturais, ambientais, de concretos e individuais do aluno (SOARES, 2010, p. 45).

É aos poucos que as crianças vão se descobrindo com o mundo da leitura, é um desenvolvimento contínuo, sendo através de estímulos tanto por meio da escola, dos educadores, quanto pela própria família, formando assim um conjunto importantíssimo para ela e dando-lhes espaço para interagir e construir seus próprios conceitos.

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem, cansam por que acompanham as idas

e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas certezas. (FREIRE, 1996, p. 86).

O educador precisa em sua sala de aula buscar atividades que deve ir além e criar condições de leitura tratando-se de dialogar com o aluno sobre sua leitura, ou seja, sobre o sentido que ela dá: seja algo escrito, quadro, livros, sons, imagens, ideias, situações reais ou imaginárias. Então conforme Soares (2010, p.53) “professor, ao compartilhar uma leitura com o aluno é importante”:

- Explicar o motivo da leitura: se o texto é divertido, se o final é inesperado, se informa sobre algo que está sendo estudado pela turma, se é uma história emocionante, se é um poema bonito, entre outros.
- Criar estratégias para ajudá-los a compreender o sentido do texto a partir do contexto, evitando paradas para explicar palavras consideradas difíceis.
- Demonstrar entusiasmo com a leitura realizada, voltando ao texto para reler a parte mais interessante, os trechos que não foram entendidos.
- Emitir opinião sobre os textos lidos e ouvir a opinião das crianças.

A leitura é muito importante, pois além de ser o muito eficaz e contínua proporciona a aprendizagem do educando, também auxilia o desenvolvimento da personalidade dos mesmos. É um instrumento que proporciona condições de formar pessoas críticas, e é uma fonte de crescimento interior. Ler não é apenas instruir, mas divertir e enriquecer.

2.7.4.1 Usando variedades de gêneros textuais em sala de aula

Desenvolver em sala de aula as variedades de gêneros textuais é uma ótima oportunidade de lidar com a leitura nos seus mais diversos usos do cotidiano. Se a leitura se realiza por intermédio dos textos, deve-se possibilitar aos educando a oportunidade de produzir e compreender os gêneros textuais de maneira adequada a cada situação.

A organização do ambiente da sala de aula pode facilitar a convivência da criança com texto. Uma biblioteca ou uma caixa com livros de histórias, um baú com coleções de jogos de leitura, coleções de textos, jornais e revistas, embalagens e rótulos diversos

podem constituir rica matéria-prima para uma oficina pedagógica em que o professor e os alunos trabalhem, brinquem e construa juntos seus conceitos, recriando e produzindo ideias escritas. (SOARES, 2010, p.67).

A melhor alternativa para trabalhar o ensino de gêneros textuais é envolver os educandos em situações concretas de uso da leitura, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se deseja alcançar. Soares (2010) a importância de trabalhar os gêneros textuais um a um com os educandos é fundamental. É preciso deixar as crianças expressarem seus gostos e preferências pela leitura de diferentes gêneros, permitindo a leitura como qualquer arte. Sendo-se que são muitas as variedades de gêneros textuais então serão apresentadas algumas sugestões a serem trabalhadas com educandos:

Textos jornalísticos:

- Mostra o claro predomínio da função informática da linguagem;
- Divulga as novidades sobre os mais variados temas em diferentes partes do mundo:

Podem ser: Notícia, reportagem e entrevista.

Contos:

- São relatos de fatos fictícios e não fictícios;
- Há um início com uma série de acontecimentos e a resolução de conflito;
- Nos contos de fadas as personagens, geralmente são seres encantados, com objetivos mágicos e poderes sobrenaturais, como fadas, anões, gigantes, etc.

Poemas:

- Geralmente é escrito em versos;
- Possui linhas curtas e agrupamento em estrofes;
- Apresenta ritmo e rima;
- Expressa sentimentos e emoções;

Textos informativos:

- Trazem informação sobre determinado fato, objeto, pessoa, etc.
- As frases tem sentido claro;
- O vocabulário é preciso.
- Pode ser: definições, mapas, biografias, pesquisas, artigos de jornais, relatos de experiências.

Histórias em quadrinhos:

- Há combinação de imagens com o texto escrito;
- Há balões e onomatopeias (sons).
- Podem aparecer em jornais e em tirinhas.

Convite:

- Texto curto: nome do convite; objetivo (reunião, festa, etc); data do evento; local; hora; quem convida.

Cartaz:

- Texto objetivo;
- Confeccionado no papel grande que se fixa em lugar público;
- As cores das letras e ilustrações são tons fortes e grandes.

Cartão:

- Um cartão deve conter o nome da pessoa para quem será enviada, uma mensagem, o nome de quem envia e a data.

Fábulas:

- Narração alegórica (fictícia);
- Uma fábula é um conto em que as personagens falam, sendo animais ou objetos com características humanas;
- Há sempre uma frase a nos ensinar alguma coisa para não cometermos erros, é a moral da história.

Textos publicitários:

- Informam sobre o que se vende com a intenção de criar no receptor a necessidade de consumir;
- A informação é parcial, pois só o dado positivo do produto;
- Anúncios;
- Costuma aparecer na “seção de classificados” de jornais, com a oferta e procura de imóveis, veículos, cursos, serviços, etc.

De acordo Soares (2010, p. 60):

É importante que o aluno conviva com vários gêneros textuais, para que entre em contato com diferentes usos sociais da língua e perceba por que e para que se utiliza a escrita. Essa vivência vai possibilitar o conhecimento de diversos textos e vai ajudá-lo a interagir com diferentes modelos. Além disso, essa interação possibilitará ao aluno se manifestar de uma forma variada ao produzir os textos.

O educador precisa buscar variedades de textos para diversificar sua aula, assim o educando vai aprendendo mais e seu potencial avançará, nem só na leitura quanto em sua escrita, oralidade nas produções textuais e também para seu desempenho enquanto pessoa na sociedade em que vive.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 54):

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

Quando ler, é para aprender a ter interação com a prática da língua portuguesa e com todas as áreas do conhecimento. A prática de leitura deve acontecer no espaço escolar buscando um âmbito completo em que o educando tenha a necessidade e a vontade de se relacionar com o que está escrito. É importante que o educando entenda que ler é uma interação e absorção de um mundo, por isso deve existir diversidade de textos para que o educando possa escolher o mais apropriado ao seu gosto e a sua realidade, só assim poderá reduzir os problemas na aquisição da leitura.

2.8 A importância da formação docente frente às novas necessidades de leitura: letramento, multiletramento e a relação escola-família em foco

A formação docente, seja ela inicial ou continuada, vem sendo o foco das diretrizes educacionais frente à necessidade de desenvolvimento de habilidades que propiciem maior/melhor qualidade de educacional, sendo uma dessas necessidades voltadas para a melhoria do processo de aquisição da leitura pela criança.

Ler não significa mais a codificação do código escrito, mas envolve toda uma contextualidade social e significados para a criança. Isso significa ler, compreender, estabelecer relações e tecnologias, além de ser uma atividade que, assim como todo o processo educacional, deve ser compartilhada entre escola e família, sendo a relação escola-família aquela que conduz, estimula e colabora com a formação de significados da/para leitura enquanto instrumento crítico, social e integrativo.

Assim, deste subtópico justifica-se por a necessidade de se compreender a importância que a formação docente representa no desenvolvimento e atendimento das novas necessidades no processo de desenvolvimento da leitura pela criança do Ensino Fundamental II. Sendo essas necessidades nem tão novas, mas que se inovam de acordo com as necessidades sociais e tecnológicas que vive, que tanto impõem novos modos de leitura e suas relações com o mundo, como por ainda contar com a importante colaboração da participação familiar frente à necessidade e importância que a relação escola-família representa para a criança no decorrer de suas construções escolares, sociais e identitárias.

Para isso, a pesquisa aqui desenvolvida possui caráter bibliográfico com uma abordagem qualitativa, tendo contado com a pesquisa de campo para melhor entendimento tanto dos elementos que compõem as novas necessidades de aprendizagem, como do papel que a formação docente representa na busca da melhoria da qualidade no processo de leitura da criança. Sendo o educador o fio condutor de interesses e fazeres na educação.

É então apresentado na primeira temática os fundamentos e construções históricas acerca da formação docente, conceituando e situando sua importância no que se refere à construção de conhecimentos e habilidades inovadoras, que dão ao profissional subsídios para atuar de forma a suprir as novas exigências educacionais, sociais e tecnológicas da educação, visto que a excelência na

qualidade educativa está intimamente entrelaçada com o fazer docente, sendo seu preparo fundamental no processo de leitura e seus novos propósitos e vias.

Na seguinte, abordo o olhar de Magda Soares acerca da reconstrução da atividade de alfabetização que deu vida ao tão conhecido Letramento, enquanto ação que não apenas se codifica o código escrito, mas se atrela a essa codificação significados da vida real, onde a leitura assume papel reflexivo e social acerca da realidade de quem lê.

Sentindo a necessidade e “imposição” que as tecnologias e suas ferramentas geram na sociedade e acaba em seguida refletindo diretamente no andamento escolar, abordo o multiletramento e sua aplicação para o ensino da língua e literatura enquanto elementos que constituem a leitura. Notada a necessidade por a variedade de leituras as quais os indivíduos necessitam dominar diante das novas mídias e tecnologias, essenciais ao processo educativo, já que educar é tornar o indivíduo apto a conviver e lidar com os diferentes modos de expressão da vida em sociedade, sendo a leitura meio essencial para tal feito.

Notando-se a educação institucional não se faz sozinha, busco na última temática ressaltar a importância da relação escola-família no compartilhando interesses na/da aprendizagem das crianças do Ensino Fundamental I, isso inclui o estímulo e produção de significados e contextos propícios ao desenvolvimento da leitura. Sendo de competência do educando o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que viabilizem o estreitamento entre a família e a escola e o resgate das relações e responsabilidades sobre o desenvolvimento educacional da criança, sendo a prática docente um dos elos dessa relação fundamental ao fazer educativo e à formação social da criança.

Buscando assim compreender a relevância da formação docente na busca em suprir as novas necessidades educacionais da leitura, tais como o letramento, o multiletramento e a relação escola-família enquanto fator essencial ao estímulo, desenvolvimento, produção de significados e da identidade que dá ao sujeito melhores contextos naquilo que se aprende e apreende através do ato da leitura.

2.8.1 A formação docente como instrumento de construção das competências educacionais e inter-relacionais

Ao educador contemporâneo do Ensino Fundamental II cabe ligar com o problema antigo que é a má alfabetização, que culmina em maus leitores e aprendizes decadentes dessa modalidade de ensino, visto que é recorrente a necessidade que grande parte dos alunos possuem nesse processo. As más condições de formação desses leitores ocasiona a má formação de tantas outras aprendizagens, inclusive a de mundo.

Dado esse problema, é preciso que o educador tenha habilidades em acionar diferentes dispositivos que possam corroborar para se melhorar o desenvolvimento da leitura, mesmo que ainda sejam uma carência tardia, além auxiliar no preparo dos sujeitos para as atuais e futuras situações em que a leitura de boa qualidade possa lhe amparar a caminhada.

2.8.1.1 Formação docente

A formação profissional tem sido objeto de discussão e debate de várias políticas públicas de educação. Atualmente, os cursos de formação de professores têm uma preocupação central: melhorar a qualidade do ensino e renovar as práticas pedagógicas, sendo a Educação Fundamental I uma das grandes preocupações, pois ela é responsável por os principais elementos educacionais, dos quais outros saberes são concebidos, são eles a leitura, escrita e interpretatividade da criança. E, embora a educação tenha sofrido uma grande transformação, ela ainda encontra-se perdida, na medida em que busca uma base educativa e significativa que possa dar condições de empreender as exigências cognitivas e formativas do cidadão.

Assim sendo, existe a necessidade de se construir uma conjuntura que atenda as expectativas dos professores na associação entre teoria e prática e nas formas de atendimento de suas necessidades para a autonomia e melhoria da profissionalidade que possa ser efetivamente útil ao seu desempenho em sala de aula nos desafios do cotidiano escolar.

Neste sentido, pode-se identificar que os cursos de formação continuada necessitam inserir em seus programas e currículos as diretrizes pedagógicas que incentivem a correlação entre conteúdo e prática para favorecer experiências para os educadores.

Quero ressaltar que a intenção deste subtópico é buscar analisar questões que auxiliem a outras discussões no que diz respeito a formação continuada. Buscando cada vez mais a melhoria na educação, uma vez que o trabalho é resultado de uma inquietação com alguns pontos elencados com outras discussões acerca da formação de professores. Para que esses possam em fim suprir as novas necessidades educacionais, tais como o letramento e o inovador multiletramento, que são meios dos quais a educação, especificamente a leitura, sejam desenvolvidos com novas potencialidades, estando dentro de um contexto e articuladamente integrado com os novos contextos sociais, instrumentos tecnológicos interativos e que possa junto a isso desenvolver um trabalho compartilhado entre a escola e a família, visto que a educação infantil necessita dessa interação por o significado que representa para a criança. Mas para isso é preciso que o professor tenha em processo de formação adquirido habilidades para tais feitos.

Os processos são os meios dos quais se promove a diferenciação, tanto da formação inicial como da formação continuada. A palavra formar quer dizer estruturar, fazer crescer e essa formação depende de determinados requisitos indispensáveis para iniciar-se na formação que se concretiza na formação acadêmica.

Segundo Menezes (2001), a formação de professores é a preparação para o trabalho de uma grande variedade de profissionais voltados ao apoio, à orientação e a condução do desenvolvimento humano, em diferentes etapas da educação, faixas etárias, áreas do conhecimento, especialidades, ou seja, o conjunto de informações e habilidades a serem desenvolvidas pelos docentes.

A explicação do termo serve para dar maior clareza à ideia de se colocar em questão o que envolve a formação de professores. Nessa direção, é possível examinar que a concepção do termo formação continua sendo bastante utilizada por autores brasileiros e estrangeiros como Nóvoa (1992) e Perrenoud (2000 e 2002). Encontramos em Ferreira (1998, p. 304) o verbete formação como “ato ou efeito ou modo de formar; maneira porque se constitui uma mentalidade, um caráter ou conhecimento profissional”. Por isso, importa perceber criticamente que a formação não deve enfatizar apenas o externo, o superficial, o “dar forma a alguém”, mas é preciso reconhecer, conforme Azevedo e Macedo (2000, p.172), que “o ato formativo

requer, para ser coerente, uma constante reflexão sobre si mesmo sob pena de transformar-se em meras práticas receitas e petrificadas”.

O eixo pretende delinear a apresentação do estudo, apenas as tendências atuais na formação de professores, não serão enfocados os problemas à universidade no tocante as políticas públicas, legislação e regulamento que estabelecem os padrões em âmbito nacional para a formação de professores.

Conforme Salles (*Op Cit*):

A formação inicial estaria, pois, diretamente relacionada, sobretudo, com a aquisição de determinadas habilidades, mínimas e indispensáveis, de acordo com as regras existentes, sendo atualmente obrigatório a formação inicial por parte de todos os profissionais que exerciam o antigo magistério. (p. 03)

Com as atuais demandas educativas e as exigências de formação, muitos professores deixam a condição de profissionais leigos para realizar a formação inicial, marcada pela ênfase na certificação de habilidades, tendo essa fase a característica de habilitação para o exercício prático da profissão. Sendo o contexto da formação do professor no seu sentido continuado quer seja ela em serviço ou não, significa antes de tudo, uma continuação dos seus esforços para apreender conhecimentos atualizados e envolve ainda uma dimensão maior que reflete na questão da profissionalidade, na identidade e na postura reflexiva diante da prática didático-pedagógica.

Percebo com essa fala que os cursos de formação continuada não estão interessados na realidade das escolas públicas e não julgam necessário que os seus estudantes se preparem para atuar no espaço escolar. As didáticas específicas, no curso de matemática, que é mais notável, por exemplo, estão mais ausentes com saberes que tratam da interação entre professor, aluno e objeto de estudo, ou seja, as relações de ensino e aprendizagem de cada conteúdo para cada faixa etária.

Assim, Salles (2006) aponta que a tendência da formação continuada centra-se na noção destinada a atualizar ou suprir lacunas diagnosticadas na formação inicial de professores. E, portanto, tem uma noção profundamente resumida na extensão saber-fazer-transformar do educador. Como se constata, trata-se da visão de uma extensão e complementação de formação inicial, ao longo da vida profissional docente, e outra como “reflexão da reflexão da prática” como salienta Pimenta (1999, p.05).

Ramos (2001, p.28) critica a “visão reducionista formada por uma prática fortemente voltada ao pressuposto da melhoria da formação inicial”. Como se essa fosse considerada deficiente nos campos de atuação de cada uma das estratégias de formação de professores: a inicial e a continuada em serviço. “Embora ambas busquem cumprir o seu papel específico assistindo ao docente em situações diferentes e em fases distintas de sua prática profissional” (SALLES 2006, p.15).

O surgimento da formação de professores se efetivou devido as pressões da sociedade e das instituições educativas quanto a formação acadêmica inicial e continuada, fato que aumenta sensivelmente a sua autonomia e responsabilidade diante das políticas culturais que as condicionam, como a questão da melhoria da qualidade da mão-de-obra. Assim, Ramos (2001, p.34), ressalva que “a questão das competências está profundamente arraigada nas transformações da sociedade globalizada que trouxe novos conhecimentos, competição no mercado de trabalho e uma maior interconectividade”.

Portanto, a formação continuada reflete ao contexto das políticas educacionais que têm repercussão nos processos de atuação profissional, como elementos inerentes à melhoria da qualidade de ensino. Em razão dos desafios educacionais, que exigem competências específicas e atualização profissional constante, a educação continuada é atualmente em suas várias dimensões, seja na educação presencial ou em modalidades de ensino à distancia, geradora de desdobramentos, debates e discussões acerca da contribuição da educação continuada e sua importância, na melhoria da qualidade profissional dos educadores. Salles (2006) avalia que a formação continuada tem função:

Uma construção de identidade do profissional que remete para uma concepção da aprendizagem, encarada como um processo interno ao sujeito em que as diferentes e parcelares aquisições se combinam num sistema harmonioso a partir de uma atribuição de sentidos.

Assim, compreende-se que a concepção de identidade profissional se reflete na forma como o docente faz e transforma a sua prática educativa, dentro de um caminho novo de descobertas através das parcelas de aquisições de conhecimentos que a formação continuada em serviço permita ampliar, que de acordo a pesquisa de campo comprovará as definições acima.

Conforme Gatti (2003, p.03), considera-se que a “formação continuada de professores consiste numa questão psicossocial em função da multiplicidade de dimensões que essa formação envolve especificidade a atuação do universo de conhecimentos dos professores”. Ancorando-se na constante reavaliação do saber, que deve ser escolarizável, sendo, por isso a dimensão que mais direciona a procura por projetos de formação continuada.

A formação continuada dos profissionais que atuam no mercado de trabalho, se tornou uma questão fundamental. E quanto ao professor, a responsabilidade parece ser dobrada com as mudanças educativas advindas do desenvolvimento tecnológico, quando ainda existe a manutenção da ideologia de que a educação é a saída para crises do país.

Na concepção de Perrenoud (2002, p.11),

A prática pedagógica atinge um nível de complexidade, porque o docente ver-se envolvido em diversas atividades em conteúdos. O ensino atualmente exige, uma ampla gama de conhecimentos dispostos em conteúdos que são importantes para a formação do educando, é uma extrema responsabilidade selecioná-los de modo que o educando possa conhecê-lo de forma satisfatória a fim de preparar-se para sua formação.

A operacionalização exigida do educador é mais rápida do que as próprias condições que o sistema oferece para melhorar a qualidade de seu trabalho. O professor precisa estar preparado para aprofundar conteúdos programáticos, relacionar os conteúdos com situações reais e desenvolver habilidades nas resoluções de problemas, o que em algumas situações fica evidente. Portanto, os cursos de formação devem contribuir para formar educadores capazes de enfrentar os desafios de educar e preparar os alunos para avançar no ciclo fundamental II.

Para Loureiro (2001, p.18).

As exigências intensas a competição dos educadores e a sua responsabilidade como educador, é contribuir para o aumento considerável da busca para a melhoria das habilidades e conhecimentos. Mas ao mesmo tempo em que há uma exigência com o profissional da área de pedagogia onde são colocados problemas complexos de aprendizagem adequada para a realização de um bom desempenho.

A formação de professores deve fornecer subsídios para o professor conseguir autonomia de conhecimentos práticos e teóricos para solucionar os problemas no ensino fundamental I. E é aí que reside extrema importância de que os cursos de formação de professores estejam direcionados para o ensino-aprendizagem significativos de conceitos, assim como para o desenvolvimento de habilidades de soluções de problemas.

Como o professor ajudará seus alunos a solucionar problemas se eles mesmos muitas vezes não conseguem solucioná-los? Quando se fala de formação de professores, penso que não se deve apenas a sua formação inicial e continuada, mas de uma formação que trate não somente dos conteúdos pedagógicos, mas também dos conceitos específicos das situações-problemas que envolvem interpretação, capacitando-os a atuar, de forma efetiva, no ensino e na aprendizagem.

Portanto, conforme Salles (2006, p.03) “a formação inicial e a formação continuada são fases da formação e tem por função o aprimoramento do trabalho pedagógico”. “A formação continuada trata da continuidade da formação profissional, proporcionando novas reflexões sobre a ação profissional e os novos meios para desenvolver e aprimorar os trabalhos pedagógicos”.

Assim, essa formação poderá favorecer aos profissionais uma maior autonomia para trabalhar as dificuldades do educando. No entanto, os cursos de formação nem sempre conseguem preparar devidamente os educadores para os desafios de minimizar as dificuldades dos alunos no ensino fundamental I. A formação é um requisito fundamental e deve oferecer subsídios ao educador para ensinar em classes diversificadas e favorecer a mediação da aprendizagem.

Os processos de ensino em todas as modalidades exigem do professor a execução de novas experiências de ensino, quer no ponto de vista teórico ou prático, quer do ponto de vista metodológico, e vivenciar uma prática pedagógica sem ala de aula, no sentido de permitir ao educando uma visão mais concreta das formas de aprender a disciplina com a intermediação do professor na construção do conhecimento. A necessidade de buscar e atuar com novas propostas pedagógicas por parte dos professores, é percebível pela prática do professor, que ainda continua sendo tradicional, fragmentada.

Percebo que as exigências em relação ao profissional de educação se tornaram cada vez mais abrangentes no que concernem as exigências quanto à

construção de competências, é fundamental que os docentes possam refletir sobre sua prática pedagógica e questionar o seu papel social, as formas de execução dos conteúdos, métodos aplicados, a postura ética frente às questões político-sociais e nas formas de melhorar a significação do aprendizado, a partir de práticas sociais nos conjuntos de situações que exige dos docentes um múltiplo conhecimento interdisciplinar.

O processo de educação continuada envolve o desempenho das funções docentes e as práticas sociais, historicamente definidos pelos valores postos no contexto. Isso significa que, por vezes propostas didáticas poderão se confrontar com as experiências e expectativas pessoais ou desejos dos docentes. Segundo Toschi (2001, p.81):

A educação continuada de professores envolve a perspectiva da formação pessoal e do autoconhecimento. Enfocada pela necessidade de interação entre contextos diversos e a necessidade de entender o mundo e a sua inserção profissional. Neste processo de formação, a valorização do potencial dos professores de sua criatividade e expressividade no processo de ensinar e aprender.

Nesse sentido, a educação continuada tem a finalidade de preparar o profissional de educação para as demandas que exigem competências especiais em relação com as necessidades educativas postas em contexto. Assim como na concepção de Dourado (2001, p.69), em que se defende que “um projeto de formação continuada não pode ser construído ignorando o conjunto das dimensões que estão envolvidas, a natureza e as características psicossociais do ato educativo”.

Portanto, os contextos institucionais e sociais que enquadram as práticas dos professores são diversos e as demandas por educação se constroem em campos bastante diferentes, o que impõe um envolvimento de aspectos metodológicos e epistemológicos sobre as formas de atuar com os educadores.

Nessa perspectiva, o curso de formação inicial precisa de uma reformulação no seu currículo que venha atender as novas necessidades presentes na sala de aula, pois constato essa carência na observação e também na vivência de graduandas, o que fortalece a importância da formação continuada, não como conserto de formação inicial, mas como uma necessidade.

Machado (1998) avalia que os cursos de formação de professores têm a função de reduzir as dificuldades metodológicas dos professores de forma a dar subsídios aos educadores para minimizar os índices de reprovação e insucessos no ensino-aprendizagem. Mas, os cursos de formação tem falhado no desenvolver de propostas e ações didático-pedagógicas, bem como nas orientações para o enfrentamento de dificuldades metodológicas na busca de soluções para os problemas crônicos de fracassos, evasão e a falta de motivação que exigem práticas pedagógicas.

Os resultados dessa análise, com educadores que realizaram os cursos de formação continuada favorecem a compreensão de que os cursos fornecem o instrumento teórico, sem ter uma preocupação com os dilemas relativos aos métodos de ensino. Com isso, conclui-se que o surgimento dos cursos e vagas para formação de professores se não forem acompanhados de qualidade operacional, podem sim afetarem a formação docente de forma inversa.

2.8.1.2 Da alfabetização ao letramento e suas muitas facetas no olhar de Magda Soares

Em sua obra, Magda Soares busca, por meio deste texto, estabelecer relações entre uma de suas produções anteriores, “As muitas facetas da alfabetização”, e da atual reconstrução conceitual do que venham a ser alfabetização e letramento para a perspectiva teórica, metodológica e pedagógica. Assim, ela busca realçar o conceito de letramento, antes ainda não nomeado como tal em seu texto anterior, e estabelecer relações entre esses conceitos. Propondo-nos novas reflexões acerca da evolução, dos problemas ainda vividos, possibilidades e do conceito em si.

Na invenção do letramento, ela se surpreende por ter sido algo que, embora ocorrido em diferentes sociedades e com contextos e causas totalmente diferentes, tenha acontecido no mesmo momento histórico. Surgia aí, a necessidade de se delinear práticas que iam além do ler e escrever, como se refere a autora, “práticas sociais” que sucediam da escrita. Em busca de se conceituar e delinear com mais clareza os caminhos a serem percorridos é que no Brasil, assim como em outros países, em 1980 tem-se a nomeação do termo letramento. Tornando-se o objeto das

indagações e construções das áreas da educação e da linguagem e trazendo com isso, o surgimento de novas e diferenciadas formas e necessidades de dominação da leitura e escrita, o que fez com que surgisse a necessidade da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, para a ampliação e requerimento de novas competências que fossem além do ler e escrever, que seria o uso dos mesmos, leitura e escrita, para práticas sociais.

Com isso, surge a necessidade de se avaliar em que patamares andavam a capacidade e nível de desenvolvimento dos indivíduos no que se referem alfabetização e letramento. Onde, pode-se perceber que em países como França e Estados Unidos, assim como outros desenvolvidos ou do Primeiro Mundo, o desenvolvimento dos indivíduos alfabetizados e graduados em relação ao letramento era insuficiente. Ou seja, embora “alfabetizados”, grande parte dos indivíduos não dominavam habilidades de leitura e escrita o suficiente para o desenvolvimento de práticas sociais. Já nos países de quarto mundo, como era o caso do Brasil, o problema era devido a alta taxa de analfabetismo, então, por não dominarem se quer a aprendizagem inicial da leitura a escrita, entendia-se que isso dificultava a articulação de práticas sociais e trabalhistas. Essa avaliação, concluía que não basta ler e escrever, mas que era preciso haver o domínio de competências do uso das mesmas.

Assim, no Brasil se buscava dar enfoque à necessidade de uso competente da leitura e escrita enquanto processo de leitura, compreensão e articulação social do mundo. Onde alfabetização e letramento, no contexto brasileiro, praticamente caminham juntos e ocupam posições diferentes mas com ideais iguais. Mas que, com o conceito disseminado a partir do Censo de 1940, passa a se entender que quanto mais tempo o indivíduo estiver inserido na aprendizagem escolar, mais ele será capaz aprender sobre ler e escrever e de se tornar apto a dominar e fazer uso progressivo das mesmas. Constituindo-se um indivíduo letrado, capaz de realizar leituras e escritas, produzi-las e entende-las como entrelace e tradução do mundo.

O que a autora entende como “apagamento da alfabetização” e a trata no tópico como a desinvenção da alfabetização. Em que ela caracteriza por a perda da especificidade do processo de alfabetização nas escolas brasileiras. Caracterizado pelo frequente fracasso vivido na aprendizagem de forma amplamente perceptível nas avaliações, evasões e índices de aprendizagem. Em que ela, a autora, acredita ser fruto dessa perda de delineação e objetivos do processo de alfabetização que

vem se fundindo e confundindo com os do letramento. E com isso, foi se perdendo o foco da necessidade da alfabetização enquanto especificidade de alguns desenvolvimentos específicos da leitura e escrita. Alterando assim, a concepção do processo de construção da representação da língua escrita pela criança.

Mas, Soares ressalta que defender a especificidade do processo de alfabetização em nenhum momento quer dizer que ela presa por uma dissociação entre alfabetização e letramento, mas sim que o processo de alfabetização deva anteceder o processo de letramento, pois, para se articular no mundo como ser letrado com excelência, é preciso e que domine a leitura e escrita, e para dominá-las é preciso sabê-las. E isso é perceptível nos dias atuais, onde as crianças se articulam maravilhosamente, mas quando são propostas a ler e principalmente escrever, dar-se conta que essas crianças são impossibilitadas de articular-se por meio delas. Isso dar-se ao fato de as crianças estarem, no ambiente escolar assim como no social e familiar, sendo aguçadas a se desenvolverem no âmbito de letramento e não da alfabetização.

Isso para a Magda, requer a necessidade de uma reinvenção da alfabetização. Que o que se é hoje entendido como métodos conservadores sejam retomados de forma que supra as novas necessidades. Para que problemas como das concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas da leitura sejam supridas assim como o desenvolvimento alfabético e ortográfico que possibilite ao indivíduo a aquisição se desenvolver no contexto do letramento. Tornando-os indivíduos ativos e capazes de superar o atual fracasso de descontração social vivida.

Por fim, embora diferentes e conjuntas ao mesmo tempo, alfabetização e letramento requerem espaços e desenvolvimentos diferenciados que atuem e construam valores adequados a cada época de desenvolvimento. Tornando o indivíduo verdadeiramente capaz de articular-se frente o mundo educacional e socialmente.

2.8.1.3 O multiletramento e sua aplicação para o ensino da língua e literatura como elementos que constituem a leitura

Este tópico busca causar uma reflexão sobre o conceito de multiletramento e de sua aplicação no ensino da língua e da literatura, além do uso das novas práticas e mudanças que se instaurou devido a inserção/avanços tecnológicos que, inevitavelmente, vem se tornando uma das vias de aquisição, exercitação, compartilhamento, produção e exposição das expressões humanas, que são a língua e a literatura, adquiridas e produzidas por intermédio da escrita, leitura e interpretação do sujeito.

Cabe então uma análise acerca do contexto escolar quanto ao seu estímulo a leitura através do uso de tecnologias ou falta do mesma nesse processo, já que as tecnologias se fazem cada dia mais presentes na vida de maioria dos indivíduos, sendo a escola parte integrada da mesma. Então, é compreender como educadores vem se comportando frente a essa necessidade do multiletramento, quais são os amparos dos PCNs frente a isso, e dos instrumentos tecnológicos - os aplicativos, como viabilizadores de uma aprendizagem mais contemporânea em suas formas de aquisição e prática da mesma. Sendo a formação docente uma das necessidades fundamentais para que o educador tenham não apenas habilidades com os aparatos tecnológicos, mas principalmente conheça as formas que esses instrumentos possam ser utilizados enquanto estimula a leitura.

A vida moderna traz consigo novos espaços e meios de/para comunicação, informação e interação, tendo em vista que esses são princípios essenciais à educação, e que dão à linguagem novas formas de apresentação. Por isso é importante que essas novas estratégias tecnológicas sejam também trabalhadas/utilizadas no âmbito educacional, presando a formação de um leitor ativo, crítico, reflexivo, capaz de dominar as tecnologias para fins benéficos no sentido educacional e podendo ser um aliado na formação do leitor que seja capaz de interagir, interpretar e se inserir nas necessidades sociais e linguísticas contemporâneas.

2.8.1.4 Do letramento ao Multiletramento: viabilizando saberes integrais

O multiletramento vem se tornando uma prática cada vez mais comum, isso devido a evolução tecnológica que deu a comunicação textual novas nuances em sua representação na escrita, na fala, na comunicação visual, sonora e nos recursos tecnológicos, que são cada vez mais a mão das pessoas, como os tablets, celulares, smartphones, computadores, etc.

Diante do intuito de uma educação inovadora e que atenda as necessidades individuais, coletivas, sociais e econômicas, os PCNs regem a adequação escolar, através da prática docente, na busca de uma nova abordagem de ensino, norteando os educadores a conduzirem o ensino de língua portuguesa e literatura através de variados gêneros, metodologias e instrumentos, valorizando a formação integral dos sujeitos, tendo o letramento ou multiletramento também como uma prática social, que torna o indivíduo apto a interagir diante das variadas formas de linguagem e suas representações.

A prática da leitura é cada vez mais representada por instrumentos tecnológicos, seja por seu uso social, educativo e ao que se refere a aquisição de informações e saberes de uma forma mais rápida e atualizada. As mudanças tecnológicas viabilizam o uso mais rápido e vasto de meios de leitura, e vem sendo ainda um meio fortemente utilizado para a comunicação dos indivíduos em suas relações sociais, por isso o letramento através de vias tecnológicas se faz cada vez mais uma necessidade a ser incorporada nos fazeres educativos escolares.

Vivemos constantemente inseridos em um ambiente e estímulos por meio de linguagem verbal e não verbal, que de certa forma representam significados para nós. Com o uso de tecnologias, passamos a exercer a língua e a linguagem de novas formas, utilizando mensagens MSN, Whatsaap, chats, grupos, aplicativos – APP e tantos outros instrumentos tecnológicos que nos possibilitam o uso das mesmas – língua e linguagem, de maneiras diferenciadas, mais amplas e assim mediam o acesso a textos literários por uma nova dinâmica. É a modernidade promovendo a rompimento de barreiras e inovando a prática de se conhecer.

Isso gera significativas modificações na organização dos textos e o modo de como acontece a aproximação e interação do indivíduo com texto, sua escrita, leitura e produção da mesma, tornando a aquisição da língua, da linguagem e texto em si como formas de interação social. Isso acontece, por exemplo, no fato comum

que é o publicar, compartilhar ou comentar um texto nas redes sociais, levando o sujeito a compreender a linguagem e as intencionalidades tanto da escrita inicial do texto como da singularidade de quem o publica dentro de sua intencionalidade naquele momento. Ou seja, o texto é produzido dentro de uma intenção do autor em seu contexto, e o uso tecnológico pode dar ao mesmo texto um novo sentido ou um novo contexto, isso de acordo a intencionalidade de quem o compartilha ou pública.

Está aí a importância e o sentido de letramento, que é o de dar contexto e interação ao que se aprende em leitura e escrita. É um termo utilizado para o desenvolvimento da leitura e da escrita de maneira mais significativa, dando ao texto sentido social. Devido aos avanços tecnológicos, surgiram grandes modificações nos meios de comunicação, incorporando ao letramento um novo contexto frente as novas práticas e comportamento sociais que se expressam através da leitura e escrita enquanto sistema simbólico e também produto tecnológico, sendo o uso, entendimento e interação com a tecnologia uma das necessidades urgentes que se pretende alcançar.

O que se pode concluir é que o letramento e as tecnologias são competências que os indivíduos desenvolvem naturalmente hoje em dia, mas que cabe a escola lhes propiciar esse contato interativo, de forma que se possa sobressair diante das diversas formas de leitura e escrita ofertadas no meio que se vive. Os jogos e redes sociais são grandes aliados nesse processo de aquisição e domínio da leitura, escrita e tecnologia, em que a criança se sente motivada a aprender através de uma nova dinâmica, há nisso uma necessidade contextualizada da aquisição desses saberes e de uso dos mesmos.

Diante do ato educativo que é letrar através do uso das novas tecnologias de maneira que o sujeito seja capaz de interpretar, refletir e interagir diante dos diferentes modos da leitura, escrita e linguagem, é que surge o conceito de multiletramento.

Segundo Baladeli (2011, p.9):

O multiletramento possibilita ao leitor/navegador a compreensão dos novos modos de representação da linguagem verbal e não verbal que se materializam em diferentes gêneros textuais, digitais veiculados na Internet, domínio discursivo em crescente evolução. Para ter acesso aos bens culturais e sociais e para participar nas práticas sociais, é requerido dos sujeitos letrados que façam o uso eficiente da leitura e da escrita.

Surgindo assim, devido os avanços tecnológicos, a necessidade de novos processos de letramento capazes de proporcionar aos indivíduos condições necessárias à compreensão da convergência entre as linguagens e o papel da tecnologia enquanto suporte e meio para as novas práticas discursivas. Sendo o multiletramento essa habilidade interpretar a língua e suas linguagens.

Embora as novas tecnologias sejam cada vez mais frequentes no cotidiano, o ambiente escolar ainda é um espaço muitas vezes alheio as mesmas. Seja pela falta aptidão docente ou carência tecnológica nas escolas, diante a necessidade de minimização dessa lacuna o PCN sugere que os processos educativos façam uso de recursos didáticos, devendo o educador proporcionar ao estudante uma linguagem capaz de mediar a interação social, respeitando as diferenças de cada um dentre seu ato comunicativo, incentivando a ato da leitura, da sua verbalização e da oratória. Pois, segundo os PCNs:

A linguagem é considerada aqui como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. (BRASIL, p. 5)

As tecnologias devem então permitir aos sujeitos se comunicar, informar acerca de seu meio, podendo e devendo para tanto interagir como via essencial para a sua efetiva aprendizagem e aquisição da escrita, da leitura, linguagem e compreensão de mundo, para o “SER LETRADO”. Seja por meio de textos verbais, não-verbais e das especificidades que apresentam diante dos novos recursos tecnológicos que nos despertam para outros modos de interpretação.

De forma que o uso tecnológico, assim como a excelência da qualidade educativa, são premissas essenciais ao fim ou minimização da lacuna social, fruto das desigualdades humanas e acarretadoras de tantos outros problemas, de maneira que o multiletramento assume um potencial muito mais amplo.

As novas tecnologias já são partes integrantes de nossas vidas, podendo e devendo ser utilizadas também como instrumentos educativos que promovem a comunicação e informação. Podendo então sem usado em metodologias inovadoras para o desenvolvimento da leitura, escrita, língua e domínio de variadas linguagens,

de forma que o processo educativo passa ir além dos espaços físicos e entrem em mundos virtuais em que o indivíduo possa interagir, dando contextos e significados ao que aprende.

Talvez essa seja uma dificuldade, seja pela falta de formação, de instrumentos tecnológicos ou até mesmo pela falta de habilidades de professores por não possuírem grandes usos com as novas tecnologias, sendo o jovem cada vez um privilegiado por sair na frente quanto a uso desses instrumentos. O que se faz preciso e proveitoso no uso de aparatos tecnológicos e seus aplicativos como vias de acesso ao conhecimento e formação crítico-reflexiva do indivíduo frente a as novas necessidades do letramento. O fato é que os professores ainda não possuem aptidão para o uso de novas tecnologias na educação.

O texto assume uma nova linguagem e metodologia de acordo ao uso tecnológico, renovando, facilitando acessos e propiciando a interação entre leitor, texto e autor, o que é propício e frutuoso à uma aprendizagem significativa em que o sujeito compreenda a importância de sua participação em seu processo educativo, não apenas contemplando, mas dando ao ato da aprendizagem sua colaboração, assim como acontece no processo de aquisição leitura e da escrita frente as variadas linguagens.

É preciso que a educação torne o indivíduo socialmente apto a compreender as formas e meios de comunicação em suas diferentes linguagens, símbolos e expressões. É preciso que se desperte para uma sensibilidade interpretativa no olhar daquele que lê e que vive ciberneticamente aquilo que lê, desenvolvendo habilidades e cultivando a formação integral do indivíduo.

Letrar é ter no desenvolvimento/aquisição da leitura e escrita a compreensão de mundo, já multiletramento é letrar por meio de novas tecnologias, atendendo as novas necessidades de conhecimento e domínio do sujeito acerca de saberes escolares como é a língua e a literatura, dos saberes tecnológicos e sociais. Devendo então a escola preparar o sujeito para a execução de sua vida em sociedade, em que ele possa por meio de variados instrumentos, ler de variadas formas tudo aquilo que compõem e se integra em seu mundo.

2.8.1.5 O uso da mídia no ambiente escolar

Graça Caldas, em seu texto “Mídia, escola e leitura crítica do mundo”, aborda o uso da mídia nas salas de aula e sua forma excessiva, despreparada e alienadora que é usada a depender da postura tanto daquele que a escreve, como daquele que a utilização no ambiente escolar, o professor. Com isso, ela traz a tona o modo como esses recursos são utilizados e ressalta qual deve ser o intuito pedagógico e jornalístico acerca desse instrumento informativo enquanto estímulo do processo cognitivo daqueles a utiliza como meio de formação crítica do sujeito.

Ela trata do avanço e a (má) adequação da mídia ao processo educativo desenvolvido nas escolas, onde hoje, mais que nunca, se traz a mídia como percepção, análise e (in) formação do sujeito integral. Assim, é notável, inclusive pelo alto uso e mencionamento em sala de aula, que a mídia exerce um grande potencial no que se trata de influenciar a formação cidadã do indivíduo, devendo a escola adotar esse tanto como um de seus métodos de ensino, como também foco da formação crítica do sujeito por meio de questionamentos das informações e fatos trazidas/os pela mesma. Pois não importa apenas trazer a mensagem para sala de aula, é preciso questioná-la quanto a sua qualidade enquanto instrumento do saber que se constitui no processo educacional.

Para que isso aconteça, a autora enfatiza a importância da formação de professores leitores críticos das mídias, tornando-se um fator essencial para a boa adequação dos conteúdos noticiados pela mídia ao conteúdo e aos propósitos desejados. O que ela quer dizer, é que o professor é o principal articulador dessa relação mídia e sala de aula, e cabe a ele estabelecer relações entre esses saberes para que os conteúdos, tanto da mídia como de sala de aula, não sejam apenas vagos e descontextualizados instrumentos educacionais.

Para isso, é preciso que o professor tenha uma formação crítica enquanto leitor e assimilador de informações e das mesmas com seus objetivos. É a mídia enquanto instrumento de formação crítica por meio da inquietação do questionamento, da discussão e da análise e assimilação de saberes em suas diversas linguagens.

É a partir dessa inquietação de questionamentos e criticidade que o aluno poderá desenvolver a capacidade de percepção acerca do potencial de manipulação

deliberada de informações que a mídia possui sobre os sujeitos. E é aí que se torna fundamental a capacitação docente, para que ele possa perceber e alerta para as armadilhas de linguagem, daí a importância do professor também dominar as mesmas, podendo então perceber as potencialidades e limitações dos conteúdos midiáticos.

Graça Caldas ainda faz críticas ao grande número de recortes/conteúdos extraídos da mídia que são utilizados/apresentados na maioria dos livros didáticos. Os mesmos são utilizados como suportes didáticos/metodológicos, mas fogem ao contexto sóciohistórico e assim dificultam a assimilação por não estabelecer relações e maiores conexões entre fato e tempo histórico. Ou seja, esses recortes são utilizados de forma solta e sem muitas informações que as contextualize, impossibilitando maiores e melhores assimilações de uma leitura crítica.

O grande desafio reside em se estabelecer não apenas o uso, mas a interação entre mídia, escola e leitura crítica de/do mundo. Para isso é fundamental a formação/preparo do professor em uma formação de leitura e linguagem que o torne apto a transformar as diversas informações da mídia em uma compilação crítica que resulte em um conhecimento crítico e capaz de articular, transformar e compreender melhor o mundo de forma mais integralizada e crítica.

Enfim, cabe ao professor, enquanto articulador dos valores e objetivos escolares, fazer com que a sala de aula seja um ambiente desafiador que tem na mídia um de seus instrumentos de emancipação de pensamentos por meio de sua formação crítica, que o torna capazes de produzir suas próprias e embasadas concepções acerca de sua aprendizagem e daquilo o cerca no mundo. Ou seja, os tornando sujeitos articuladores de si e do mundo.

Uma dessas carências refere-se ao desenvolvimento da educação ambiental, forma pela qual a educação vem buscando para que o sujeito possa compreender melhor o meio e suas necessidades. Sales e Ricco abordam em seu texto, “A educação ambiental no Ensino Fundamental: o auxílio dos meios de comunicação e mídias nas práticas pedagógicas”, como a mídia e os meios de comunicação podem colaborar na inserção da educação ambiental no ensino fundamental. De forma que os recursos tecnológicos cotidianos possam ser fortes aliados para uma educação voltada para a preservação do meio. Sendo de fundamental importância que a educação ambiental faça parte tanto do currículo como das práticas pedagógicas viabilizadoras direta da qualidade do meio e,

indiretamente, da saúde populacional. E é nesse intuito que as autoras têm nesse texto o objetivo de pontuar possibilidades de utilização dos diferentes meios de comunicação na/para educação ambiental, tornando-se fortes aliados metodológicos.

Mas, elas ressaltam que existem grandes desafios, um desses desafios reside na desassociação ainda existente entre vida humana e meio ambiente. E muito embora haja esse conhecimento acerca dos reflexos ambientais na qualidade da vida humana, poucas são as ações efetivamente realizadas para a inserção e desenvolvimento das práticas ambientais como um trabalho a ser desenvolvido em conjunto nas práticas pedagógicas das mais variadas disciplinas. Ou seja, o problema tanto reside em se implantar a educação ambiental no ambiente escolar como no desenvolvimento da mesma nas diversas disciplinas.

Assim, a urgência de criação e efetivação de solução dos problemas culminam na necessidade de implantação efetiva da educação ambiental no âmbito escolar. Cabendo à educação um papel de educação socioambiental, incluindo temas o meio ambiente como tema transversal assim como defendem os PCNs. E é nesse contexto que o uso das mídias pode, e deve, ser utilizada enquanto instrumento pedagógico valioso de comunicação e disseminação de ideias e ações. Já que com defendem elas, pautadas por Vandavelde, o ato educativo está fortemente atrelado ao ato da comunicação.

A globalização traz consigo a urgência de informações e ações que causou e causa grandes reflexos nos aspectos educacionais. Tudo é muito rápido e disseminado em grande escala, de forma que provocam integração tanto de saberes como de pessoas, e é aí que mídia e educação podem, juntas, conquistar maiores espaços e significados na sociedade contemporânea. E já que a mídia hoje possui um grande panorama de alcance já conquistado, seu uso na promoção de práticas ambientais a torna uma forte aliada.

As mídias poderão atuar como aliadas, facilitando e integrando os saberes de uma ampla formação tanto docente como discente. Por outro lado, ele deve ser utilizada como foco dos saberes disciplinares, fazendo parte de uma didática que foque tanto os saberes disciplinares como transdisciplinares. Sendo de fundamental importância que escola, assim como o professor, perca seu paradigma conservador e passe a enxergar melhor as mídias como uma forte aliada contemporânea. Sendo ainda preciso, haver a implantação de novas tecnologias assim como o preparo dos

profissionais docentes, ambos voltados para o preparo de indivíduos sociais mais ativos, cabendo ainda, principalmente ao papel do professor, investir na formação de leitores críticos por meio da melhor interpretação de mundo e saberes.

Com isso será possível não apenas formar leitores de imagens, mas questionadores e produtores de saberes, dando à aqueles que fazem parte do corpo escolar, principalmente alunos, a oportunidade de se expressar enquanto produção do saber e estímulo a produção do mesmo. Trazendo a tona a criticidade no campo educacional e das mídias, assim como prescreve as orientações dos PCN's, que defende a importância de se educar em busca da melhoria de vida através de medidas de melhoria e restauração ambiental.

Assim, os PCN's tratam as questões ambientais como Temas Transversais que estão embutidos em temas como Convívio Social, Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual que devem, ou presume-se que deva devam ser incluídos nas estrutura curricular das instituições escolares brasileiras de toda a educação básica. Formando indivíduos que possam estar comprometidos em preservar, conservar e manter/desenvolver a sustentabilidade do meio.

É nesse sentido que o uso das diferentes mídias podem agregar melhorias na educação ambiental, servindo de meio de informações ao qual se pode comparar, interligar e fazer questionamentos significativos acerca o que é apresentado. Tornando-se um instrumento pedagógico capaz de aliar na formação de cidadãos críticos que devem ser educados desde cedo, durante seu desenvolvimento, principalmente, no ensino fundamental que é onde se formam as primeiras e as mais significativas características de identidade do sujeito.

Para isso, o preparo do professor é imprescindível para que, por meio das mídias, ele possa ter a capacidade de despertar em seus alunos reflexões e possibilitar à eles condições de desenvolver efetivas ações. E um dos principais propiciadores dessa evolução educativa é o diálogo aliado a informação serão os primeiros passos para uma formação efetiva de conhecimentos que poderão ser usados eficientemente no planejamento de ações e na formação de ideias acerca da temática ambiental na contemporaneidade e suas necessidades e possibilidades.

Enfim, as mídias são cada vez mais frequentes na vida contemporânea, inclusive no ambiente escolar, cabendo aos meios pedagógicos e seus articuladores, os professores e professoras, fazer uso dessas informações de forma nova de aprendizagem e formação consciente de cidadãos preocupados e

engajados com os problemas ambientais do mundo. Entendendo que são parte de um todo integrado que é o mundo e que a qualidade de vida depende da qualidade do meio enquanto resultado de suas ações de preservação e recuperação ambiental. Cabendo a educação, com a ajuda das mídias e os meios outros de comunicação, enquanto instrumentos contemporâneos poderosos, desenvolver saberes que culminem e ações de fato.

2.9 A relação escola-família: compartilhando interesses na/da aprendizagem

A educação escolar vem a cada dia assumindo maiores responsabilidades, fato esse que vai de encontro com o papel da família no processo de aprendizagem no Ensino Fundamental I, já que a família cada vez mais se ausenta do processo educativo da criança, seja por questões contemporâneas trabalhistas, sociais e tecnológicas, seja por falta de ações pedagógicas que estimulem, valorizem e demonstrem aos familiares a importância de se assumir a responsabilidade de participação na qualidade educativa da criança.

Educar na contemporaneidade vem cada vez mais requerendo também o preparo da criança a vida em sociedade, e muitas vezes essa se torna uma tarefa exclusivamente familiar, sendo que ela é o segundo grupo social em que a criança se insere, já assegurada por valores e comportamentos familiares, sendo a família seu primeiro grupo social e aquela que dá a criança características comportamentais e afetivas que a escola é muitas vezes incapaz de desconstruir.

É necessário que a família retome suas responsabilidades frente ao processo educativo da criança e possa então garantir à criança uma aprendizagem acompanhada, participativa, com qualidade e que seja capaz de despertar as relações entre saberes e fazer da afetividade que isso envolve um dos incentivos a aprendizagem.

Educar necessita ser uma atividade compartilhada em que pais e escola assumam seus papéis e compartilhem a tarefa do preparar para a vida. Pois a criança necessita não apenas do saber, mas das relações e afetividade que esse processo lhe desperta e dá significado e motivação ao aprender.

A relação família-escola é uma relação que comprovadamente influencia no processo educacional da criança, tanto incentivando ao melhor desempenho e

progresso ao que se diz respeito ao alcance de modalidades mais elevadas da educação. Segundo as ideias de Paixão (2006) e Portes (2000), os alunos com acompanhamento familiar estão mais sujeitos a terem acesso ao ensino superior. O que faz com que tais estudos sirvam como base da formação das ideias educacionais.

Esses ideais por sua vez passou a instituir novas ações, como é o caso da do Dia Nacional da Família na Escola – 24 de abril, que durante o governo de Fernando Henrique, e ainda fez-se a pesquisa com vistas no perfil dos professores brasileiros, que foi feita pela UNESCO e o MEC em 2004, buscando conhecer o fazer, pensar e almejavam os professores da época (PAIXÃO, 2006). E um dos almejamentos desejáveis e proveitosos era a participação das famílias no processo escolar da criança.

Paixão (2006) salienta que todas as pesquisas que retratam a história da educação brasileira constata a necessidade da e preocupação de uma relação família-escola mais comprometida, isso já desde o início do século XX. Sendo destacada principalmente a partir do movimento escolanovista e o higienista, como defendiam Armanda Á. Alberto e Cecília Meireles.

Percebe-se então que essa relação é extremamente desejável já a muito tempo, visando o compartilhamento de interesses, responsabilidades e participações. Tornando-se uma das carências pressentidas pelo profissional docente em que ele se vê como aquele que instiga e que cobre essa participação familiar, devendo para isso, desenvolver estratégias e instrumentos que tornem viável essa participação.

2.9.1 Da educação familiar para instrução escolar: *retomando papéis, interesses e responsabilidades*

O conceito de família é um dos mais antigos nas sociedades humanas em seus diversos tempos e contextos. E ao tentar conceituar o termo família, nos remetemos logo à uma ideia de grupo ordenado composto por pai, mãe, filhos e outras ligações parentais, seguindo seu papel histórico em sociedade, em que segundo Lenoir (1998), se define em uma organização estrutura e unido, sendo ela – a família, aquele que tem por dever transmitir valores e normas comportamentais,

independente de sua classe social, uma vez que é nela que acontece o primeiro contato do indivíduo com a vida em sociedade.

Até pouco antes do século XVII a transmissão de valores e o desenvolvimento de saberes e habilidades profissionais e morais eram ensinadas pela família, havendo uma perpetuação cultural em que os mais velhos da família eram encarregados da transmissão de saberes aos mais jovens, preservando a sobrevivência e perpetuação do costumes, hábitos comportamentais. Nesse ideal, a família se incumbia de instruir e educar, preparando-os para a vida em sociedade (Cunha, 2000).

Mas, esse era um modelo familiar em tempos de atividades artesanais e comportamento culturais e educacionais ainda preservados como forma de sobrevivência dos indivíduos em sociedade, sofrendo assim uma forte ruptura com o fato do início do processo industrial fortemente pregado pelo capitalismo, que trouxe consigo a divisão social do trabalho, como defende Karl Marx.

O novo modelo de divisão de trabalho causou verdadeiras transformações tanto na estrutura como no modelo de educação familiar, que já não atendia mais as necessidades da sociedade moderna que estava se desenvolvendo com vistas no processo de civilização das produções. O indivíduo passou a então ser educado para a produção dentro de suas especificidades, e não mais educado para a vida em sociedade, pois o que se pretendia era a formação de mão de obra rápida, eficiente e barata.

As cidades assumiam uma nova ordem de civilização e de dinâmica, de maneira que, a partir do século XVII, a instituição escolar surgia como uma das necessidades de se perpetuar os ensinamentos familiares, a escola era então o prolongamento da educação familiar, que nesse momento mais assumia seu papel do que dava continuidade. a família deixava de ser a responsável exclusiva pela educação do jovem e a escola assumia responsabilidades no desenvolvimento de saberes técnicos e científicos que embasavam a nova dinâmica social moderna.

Principalmente a partir do século XIX, o Brasil passou a se preocupar com em instruir e educar a população menos favorecida com a preocupação de formação do indivíduo para o trabalho, que então elevaria o desenvolvimento nacional, já que naquele momento o Brasil sofria as adaptações pós Independência. A educação da massa popular era, segundo Filho (2006), uma das estratégias para se obter uma Nação Brasileira, que por sua vez, pautava-se em ideais liberais e iluministas e

requeria a ordem e a civilização. Isso gerou um choque entre a educação que se tinha - a qual dizia agora ser incapazes de se alcançar os ideais dessa época, e adotando métodos educacionais de educação coletiva, que requeria menos tempo e menos gastos e geraria então mais renda à indústria por seu alto número de oferta.

A consolidação da Industrialização impulsionou a formação de um processo urbano com o ideal de sociedade moderna e republicana, que necessitava novas e melhores habilidades e saberes ao trabalhador. Com isso passou-se a se preocupar com a expansão do ensino e com qualidade através do uso de materiais, programas, currículo, espaço físico, equipe pedagógica, formação docente e tantos outros fatores que alicerçam uma boa educação. Mas essa era uma preocupação que se volta principalmente a etapa de formação profissional, de maneira que a educação primária até fim do século XIX ainda era insatisfatória, isso tornava o analfabetismo um fato comum, já que à massa do trabalho cabia apenas a venda de sua força.

A implantação da República marca o início das preocupações e esforços na renovação educacional, buscando uma pedagogia nova eficiente em promover a educação nas massas populares, cabendo a isso a uma reforma na constituição teórica e prática da escola primária, já que, segundo Silva (2008), os interesses agora contemplavam a educação enquanto meio eficiente de se instruir e civilizar a população. Com isso instituiu-se a Lei nº 88 de 8 de setembro de 1982, que subsidiou o surgimento dos grupos escolares e maior valorização do material pedagógico, a organização do tempo e das rotinas escolar e renovação do currículo.

A transferência do papel educacional da família para a escola fez com que a educação de desenvolvesse mais e melhor, assumindo de acordo as necessidades novos discursos, temáticas e políticas. Com o advento da modernização e as novas configurações do trabalho e da educação, a família perdeu sua função educativa, mas que foi retomada, ao menos tenta-se até hoje retomar, através da pedagogia renova, buscando a colaboração da família no processo educativo de seus filhos. A família reaparece como colaborativa educacional na busca da instauração ampla do instruir e civilizar o sujeito através da educação, que neste momento via a família como elemento indispensável a interação escola e sociedade que se previa nos movimentos escolanovista e higienista.

O que se percebe é que a escola, desde a sua origem até o desenvolvimento pedagógico, educacionais, estrutural, curricular, didáticas e matérias, foram sempre pensados a partir de uma necessidade capitalista acerca do

trabalho e da formação de mão de obra, ficando a escola a mercê de suas necessidades enquanto preparo para o trabalho, cada vez menos relacionada a construção de valores morais e familiares.

Ressalta aqui que o ato de enfatizar durante esse texto a desvalorização do trabalhador, os novos arranjos familiares e a degradação da qualidade de vida como vista a esses serem fatores que, também, acabam hoje por dificultar o assumimento de responsabilidades por parte da família, o que gera grandes sequelas e entraves no processo educativo da criança. Seja essa ausência de acompanhamento gerada pelas dificuldades/impossibilidades do sistema trabalhistas capitalistas e dito moderno, seja por a concepção individualista do cuidar, ou por a aquisição de uma ideia de escola como preparadora para o mundo do trabalho, que é o que muitas vezes consiste na vida do indivíduo.

2.9.2 A importância da relação escola-família

Diante da necessidade educacional de reaproximações mais estreitas entre a escola e a família, vive-se ainda grandes desafios e incertezas referentes ao papel e as responsabilidades que ambas possuem na formação da criança para um desenvolvimento integral, pois ambas são essenciais ao processo educativo, devendo relacionar-se de maneira cooperativa.

Dessa maneira, a Constituição Federal Brasileira de 1988, garante educação como direito humano igualitário, afirmando que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2003, p.122)

Tornando a educação um dever de todos, cabe a partir daí compreender como se deve estabelecer tais relações e o papel que cada um ocupa. As esferas e instituições educacionais se encontram na busca de caminhos que viabilizem o estabelecimento harmonioso dessa relação, de maneira que os valores morais e éticos não mais se conflitem.

Abordar a relação escola exige a participação coletiva na construção de suas bases reflexivas na busca de delinear o papel de cada um e dos problemas que essa relação enfrente cotidianamente, mas viver tais situações de conflito não deixam de ser formas de se encontram caminhos que lhes conduzam à uma medida equilibrada de seus papéis e responsabilidades, e juntas possam compor o processo de formação integral do indivíduo.

Assim, escola e família desempenham função social, que devem por sua vez nortear o educando, que assim como os demais, vive em processo de socialização constante, mas com o agravante de seu inquietante mundo das incertezas que é a formação de identidade que a criança vivencia no Ensino Fundamental I, onde ele deve ser estimulado a desenvolver relações afetivas e sociais, as quais dão a família importante papel. Pois como conceitua Castro (2000), a família é a matriz das instâncias sociais, e tem ela papel fundamental no desenvolvimento biológico, social e moral da criança.

A noção inicial de família, formada por pai/homem, mãe/mulher e filhos, surge como iniciativa da sociedade moderna, com referenciais políticos e religiosos, tendo essa organização familiar se modificando com a implantação do capitalismo e seu processo de industrialização. Esse conceito levou em média três séculos para perceber o valor do sentimento familiar, infância e da afetividade, as quais agem efetivamente na qualidade do desenvolvimento social e educativo. A criança até então era vista como um adulto em miniatura e estava sujeita a viver as mesmas situações que os adultos, não enxergando suas especificidades e necessidades sociais, educativas e afetivas.

A infância, a partir do século XVIII, passa a conquistar espaço considerável na sociedade. Passa a ser enxergada como uma fase singular, que necessita de atendimento de necessidades específicas a essa faixa de idade, comprovando as modificações que a família acabou passando nesse decorrer de tempo. A educação então era promovida de forma direta e informal, sendo uma tarefa dos familiares mais velhos. Isso envolvia a formação moral do sujeito e existia, ainda que muitas vezes intencionalmente, como atividade afetiva. Mais adiante surgia a escola como continuação e atendimento das necessidades educacionais que a família já não conseguia mais desempenhar, que por sua vez, era voltada para a formação técnica do sujeito para o trabalho.

Isso fez com que a escola passasse a ter a socialização como uma de suas funções, que ia além da sua função exclusivamente didática. Esse é um fato que aconteceu devido a implantação industrial, que segregava as pessoas social e educativamente, gerando a divisão educacional por classes sociais. Justifica-se aí e pelo fato da dita civilização que requeria cada vez mais da força de trabalho, o motivo pelo qual a família de distanciava do processo escolar novamente.

Embora com vistas iniciais no favorecimento econômico, a qualidade em educação passou a ser uma das preocupações centrais, e entre seus tantos instrumentos e inovações pedagógicas, passou a retomar a participação da família no processo educativo como fundamental ao desenvolvimento integral da criança. A família posava a reassumir seu papel de responsável pela transmissão de valores, viabilizando a forma comportamental da qual a criança irá se relacionar em sociedade e formar sua identidade.

A instituição familiar brasileira vem passando por grandes mudanças desde a escravatura até os dias atuais, tendo sido as modificações desencadeadas pela industrialização apenas mais um impulso para essas transformações, Santos e Toniosso (2014, p. 127), com bases em Kaloustian (1998), entende:

a família como sendo a instituição diretamente ligada à proteção integral da criança e do adolescente, já que será a partir das relações familiares que o indivíduo iniciará sua convivência social e cultural no seio da sociedade. [...] a família é vista como um espaço privilegiado de socialização, no qual a criança terá suas primeiras práticas de convivência e divisão de responsabilidades, buscará junto com os outros integrantes da família meios de sobrevivência e, será o lugar em que iniciará seu exercício para a prática da cidadania, com os critérios de igualdade, respeito e dos direitos humanos.

Demonstrando dessa maneira a valorosa relação e atribuições da instituição escolar com a família, presando tanto por o ideal inicial de origem da função escolar enquanto continuação da família, como tornando o ato educativo um fazer integral e compartilhado com a relação escola-família que tanto se busca.

A relação familiar diante do processo educativo da criança sofre severos reflexos sejam eles referentes a questões morais, éticas, culturais e sociais, seja por os problemas desencadeados a partir do processo de implantação das indústrias enquanto elemento que modificou a dinâmica familiar, tendo as questões econômicas, trabalhistas e também culturais como verdadeiros obstáculos à

diminuição da lacuna que ainda existe entre escola e família. Tendo sido o trabalho e a nova organização da família uma atividade sem amparo de políticas públicas que orientasse as novas relações intra e extrafamiliares.

A família é a primeira instituição social do indivíduo, devendo ser ela a primeira a orientar a formação inicial e o desenvolvimento da identidade da criança, ensinando-a a conviver em outras sociedades mais complexas. Visto que escola é a segunda comunidade social que a criança tem contato efetivo e se inicia em seu contato social com o mundo exterior a família, ela também passa a desempenhar papel social, mas de forma que não deve e nem possui condições de desempenhar esse papel sozinha, pois a mesma elabora um trabalho coletivo, e portanto impossível de se implantar ou atotar valores que atendam a todas as necessidades.

O grande conflito dessa possível relação reside ainda nesse assumir responsabilidades compartilhadamente. A escola tem por função principal o desenvolvimento curricular, e através disso vai adequando o indivíduo à vida social, não como ação familiar, mas como estabelecimento de relações e preparações sociais que envolvem o indivíduo naturalmente em suas relações, inclusive trabalhista e para sua qualidade de vida – individual e coletiva.

Desse modo a relação escola-família se faz necessária e frutuosa frente o processo integrado na construção educacional e na formação de valores e comportamentos do indivíduo. Isso estreita saberes, objetivos e gera uma afetividade que age como impulsionadora da qualidade das atividades e do interesse que a criança desempenha, e que se reflete na qualidade dos resultados a curto e prazo. Educar é tarefa social, e sendo família e escola as principais organizações sociais vivenciadas pelo indivíduo, cabe a elas aliar saberes e fazeres em que cada um colaborativamente assumam responsabilidades na formação integral do sujeito.

Mas muitos ainda são os questionamentos que intermediam essa relação, tais como: qual será a medida certa dessa relação? Quais os papéis de cada um? E as funções? Na sociedade contemporânea será possível para a família assumir suas responsabilidades? E tantos outros questionamentos que ainda insistem em permear essa relação, mas que são proveitosas por irem norteando o estabelecimento dessa relação em uma aprendizagem conjunta entre a escola e a família.

2.9.3 Relação escola-família no processo de construção da educação moral

A construção moral da criança é de interesse de ambas as instituições – familiar e escolar, que se forma de acordo as aprendizagens, habilidades e vivências a que ela é orientada a desempenhar em sociedade, fazendo parte de sua identidade o modo singular, e ao mesmo tempo social, que a criança imprime em sua identidades os conceitos de moralidade e ética que compostos por seus valores.

Na concepção Meniana:

Ser “moral” implica em pensar nos outros, em qualquer outro, na humanidade [...] Ser “moral” implica em ter vontade: querer raciocinar além do próprio “eu” [...] Ser “moral” implica, às vezes, em perder vantagens imediatas para si em prol de outros que nunca conheceremos [...] Às vezes, implica até em sermos revolucionários, em sermos contrários a leis que nos humilham, a leis que nos tornam submissos, sem dignidade. (MENIN, 1996, p. 42)

Conceitos esses que se constroem cotidianamente na construção do ser, seja a ela intencionalizada como acontece no processo escolar – modelo de educação formal, ou na construção natural da aprendizagem familiar – não formal e informal. Nesse campo, Piaget (*in* Oliveira e Menin, 2012), delinea a existência de duas vertentes morais que se interligam inevitavelmente, sendo elas a autonomia e a heteronomia, que existem como o “porquê” desenvolvemos ações e cumprimos ou não as regras.

A moral heteronomia é aqueles em que cada um toma suas decisões de acordo as consequências da escolha, agindo com prudência, interesse e se conformando com as ordens externas, obedecendo padrões e regras impostas, tudo isso na busca de fugir de eventuais punições e percas da obtenção de bens materiais. Eu diria que é uma moral compensatória e comodista a que todos nós indiscutivelmente possuímos. A autonomia, que é quando por influências e razões de nossos valores éticos e morais, construímos regras e normas que regem nossas ações norteadas pela razão e emoção que nos dão autonomia sobre nosso modo de ser e agir, e isso advém da nossa capacidade crítico-reflexiva.

Menin (1996) aborda que o desenvolvimento moral depende da descoberta e da forma que ela é praticada nas relações sociais e no modo e frequência que a praticamos. É aí, que a meu ver, reside a importância da interação escola-família,

onde a criança possa vivenciar tais experiências de maneira integral e correlacionada, havendo interesses mútuos sobre o mesmo objeto de formação, a criança. A escola não assume mais o papel de prolongamento da família, mas como instituição que complementa e agrega valores, relação essa em que cada uma ocupa um lugar distinto dentro desse processo educativo.

Assim, ainda segundo Oliveira e Menin (2012,p.03):

A escola deve posicionar-se moralmente em relação a certos valores fundamentais, pois é um espaço que permite relações de troca, de cooperação, solidariedade e, até mesmo, situações de conflitos, que são boas oportunidades para os alunos refletirem sobre seus atos, se colocarem no lugar dos outros e combinarem como agir.

No campo familiar, a moral adentra no campo de formação sóciofamiliar, dentro de uma lógica de grupo mais específica, mas sem deixar de ser coerente com todo em sociedade. Já na instituição escolar, a moral adentra ao campo da interdisciplinaridade e ocupa diferentes espaços escolar. Tendo como foco a formação integral, a construção de identidades, a postura crítica e a autonomia modo de ser e agir.

As relações sociais, escolares e familiares se constituem principalmente através do diálogo, fato que nem sempre se prolonga nas relações familiares devido a “justificativa” de tempo. Assim como muitas vezes ainda acontece em sala de aula, espaço privilegiador das aprendizagens em que muitas vezes o professor não dialoga significativamente com seus alunos, apenas se comunica por força da situação, não conhecendo a lógica ou limitações da criança, emperrando a vida da criança, pois o diálogo significa o momento ou relação em que se aprende para a criança, em que se cria a confiança adequada para uma boa aprendizagem e formação de valores e da afetividade que deve permear toda relação de aprendizagem.

Se relacionar-se é estabelecer diálogos, está aí o ponto de partida para formação moral do indivíduo e sua construção prática do ser moral, dentro de valores coletivos, os quais são conhecidos e entendidos através do ato de relacionar-se, que deve acontecer desde a matriz social – a família, passando por a secundariedade social escolar e seguindo-se por todas as formas de articulação social.

Dessa forma, família e escola desempenham papel essencial na educação moral da criança, participando de sua construção identitária. Papel de interação escola-família que recai mais uma vez nas atribuições da escola, não sendo ela a única interessada e responsável, mas a articuladora/organizadora desse processo, embasando um projeto político pedagógico – alma do fazer escolar coletivo, numa concepção integral da aprendizagem com vistas na realidade do aluno – individual e coletiva, de aproximação entre escola e família, da construção de valores, na administração de conflitos, construção de valores e da moral, além do preparo docente que subsidie o professor a atuar em tais iniciativas.

Muito embora a família seja a base social, moral e intelectual da criança, ela não é a única responsável cabendo a escola também desempenhar tais responsabilidades. Devendo para isso desenvolverem uma relação de cooperação entre a escola e a família, caminhando juntas e dando suporte uma a outra. Alindando potencialidades e sanando dificuldades que geralmente são encontradas no processo de desenvolvimento intelectual e social da criança, pois é momento de incertezas e constantes construções e reconstruções do modo de ser.

Educar e formar cidadãos autônomos exige colaborações e compartilhamentos, dando à criança bases das quais ela possa desenvolver suas potencialidades morais e crítico-reflexivas, as quais propiciem a tomada de rumos prósperos e frutuosos a que toda ação educativa, seja ela familiar ou escolar, pretende durante sua jornada de formação do indivíduo.

2.9.4 Imprimindo vivências

A instituição escolar teve desde sua origem sobre a visão de subalterna a família e suas impossibilidades educacionais, seja devido os novos modelos sociais e divisões do trabalho com o ausentamento parental das funções educativas, seja por o novo modelo educacional que se queria. O fato é que cada vez mais a escola foi assumindo responsabilidades que não apenas didático-curriculares e a família cada vez mais se ocupando de outras atividades, abdicando suas responsabilidades e muitas vezes seus interesses.

Com vistas na melhoria da educação, percebe-se a importância da retomada familiar a esse campo, como berço da formação social e moral da criança. Devendo

então reassumir e retomar seu papel enquanto educadora. O fato é que muitas vezes parece termos perdido o “jeito” dessa relação, se é que um dia ele efetivamente existiu, pois, principalmente a quem trabalha no campo educacional ou atua no outro lado da linha – a família, o que se percebe é um enfrentamento e delegação de responsabilidades onde a família espera da escola o cumprimento curricular e mais tudo aquilo que ela não pode proporcionar à criança, e a escola espera da família tudo aquilo que ela não possui possibilidades de desenvolver sozinha, como é o caso da iniciação social e moral da criança, pois como se diz: “ninguém entorta o pepino depois de crescido”.

A relação escola-família envolve não apenas a questão de assumir papéis dentro de um trabalho educativo que deve ser de colaboração entre as duas, mas desempenha ainda para a criança o seu norteamento no mundo, construindo sua identidade dentro de uma lógica moral coletiva, mas com autonomia de ser de cada um. Envolve ainda uma afetividade estimuladora e criadora de importantes avanços sociais e educacionais – se é que ambas se desatrelam.

Educar vai além, além do fazer familiar, do fazer escolar ou da instrução do ser e do fazer dentro de suas habilidades. Educar é construir gente e gente é coisa que não existe de uma ou outra coisa, mas que integra relações, saberes, decisões e afetividades. Então, não vejo evidentes motivos de escola e família estarem assim em um verdadeiro relacionamento escola-família preocupadas em engajadas em fazer GENTE.

CAPÍTULO III: MARCO METODOLÓGICO

Tendo a pesquisa a necessidade de uma organização do processo e estruturação dos objetivos da pesquisa, é preciso que haja uma escolha metodológica e de seus instrumentos de pesquisa. Sendo este capítulo organizado de modo a propiciar clareza desse processo neste trabalho. Assim, segundo Andrade (1999, p.129) “metodologia é o conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento”. “Neste sentido, a metodologia é entendida como um conjunto de métodos e técnicas a serem utilizados como processos da pesquisa”.

Desta maneira, esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, onde foram analisados os significados, motivos, valores e atitudes que envolvem a leitura em suas diversas vias. No entanto, a pesquisa além de ser uma atividade prática que contempla teórica, precisa relacionar pensamento e ação na busca por respostas de situações que acontecem no espaço escolar, baseado em estudos anteriores sobre o tema, como forma de responder as novas indagações, criando novos pressupostos.

A pesquisa de campo procedeu de observação e se aprofundou na observação e aplicação de questionários para uma maior averiguação de fatos exatamente como ocorrem no real e ressaltadas com base numa fundamentação teórica, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado. Sendo valioso ressaltar a importância da pesquisa bibliográfica para essa pesquisa, onde foram selecionados autores importantes, em uma tentativa de compreender o objeto de estudo por diferentes ângulos e visões, sendo relevante selecionar conhecimentos já catalogados em bibliotecas, editoras e internet (PRESTES 2002 p.26).

A pesquisa qualitativa para Bogdan e Bikelen apud Ludke e André (1986, p.13) “envolve a obtenção de dados do pesquisador com a situação estudada, enfatiza e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. A técnica de pesquisa que será utilizada é a pesquisa de campo, pois esta permitirá a minha aproximação, como pesquisadora, à realidade sobre o objeto de estudo. O que para Marconi (1996, p.75) “pesquisa de campo é aquela utilizada com conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta ou uma hipótese, que se queira comprovar”.

3.1 Enfoque epistemológico: investigativo descritivo

A definição e organização do processo metodológico são de grande relevância para a apresentação de um trabalho de pesquisa de relevância e comprovabilidade desta pesquisa, com o propósito central de analisar a prática de leitura e escrita como processo de formação da aprendizagem no Ensino do Ensino Fundamental II: um estudo de Caso na Escola Municipal 02 de Julho em Serra do Ramalho-BA.

Fonseca (2002) ressalta a importância dessa cientificidade metodológica como uma necessidade do estudo para que se possa alcançar maior entendimento dos fatos em seus contextos, para isso proporcionar maior compreensão das causas de tais fatores e assim poder imprimir maior probabilidade à pesquisa. Fonseca defende que para isso é preciso inicialmente traçar um questionamento central e organizar de que maneira se procederá nessa investigação, na coleta de dados, quem deverá ser pesquisado, onde, sua historicidade, Etc. É preciso compreender as relações desses dos diferentes saberes e lados daquilo que se pesquisa. Não se pode obter um estudo científico sem o uso e esclarecimento de sua metodologia, pois é o método que garante a fidedignidade do estudo.

Segundo Fonseca,

O conhecimento científico é produzido pela investigação científica, através de seus métodos. Resultante do aprimoramento do senso comum, o conhecimento científico tem sua origem nos seus procedimentos de verificação baseados na metodologia científica. É um conhecimento objetivo, metódico, passível de demonstração e comprovação. O método científico permite a elaboração conceitual da realidade que se deseja verdadeira e impessoal, passível de ser submetida a testes de falseabilidade. Contudo, o conhecimento científico apresenta um caráter provisório, uma vez que pode ser continuamente testado, enriquecido e reformulado. Para que tal possa acontecer, deve ser de domínio público. (2002, p. 11)

Desse modo, Fonseca descreve o método como a organização da pesquisa como um todo, de maneira sistemática e através de um processo investigativo que seleciona instrumentos que melhor se adequam as suas necessidades de maneira imparcial.

Este trabalho, por sua vez, possui um enfoque epistemológico exploratório investigativo descritivo, que tem como propósito, além do amparo teórico, a análise

sobre a prática de leitura e escrita como processo de formação da aprendizagem no Ensino do Ensino Fundamental II: um estudo de caso na Escola Municipal 02 de Julho em Serra do Ramalho-BA, busca delinear, compreender os papéis e dificuldades dos sujeitos envolvidos nesse processo, e ainda salienta a importância desse processo de desenvolvimento da leitura e escrita na formação social do sujeito.

Diante da visão de Minayo (2002), percebe-se a pesquisa científica como uma investigação cautelosa acerca de dada temática, buscando sanar seus objetivos na mesma medida que esses são os principais fatores que norteiam a pesquisa, a escolha por a metodologia e instrumentos de coleta de dados mais adequados. O objeto de estudo é então compreendido como um fenômeno social que é fruto de tantos outros fatores e transformações, que é preciso que esses sejam compreendidos para que possa então perceber de que maneira eles influenciam ou interferem no objeto de estudo em questão. Minayo (2002, p. 24), ressalta ainda “a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou “objetos sociais” apresentam”,

Esta pesquisa dotou uma linha exploratória descritiva à medida que considera para tais resultados os estudos teóricos que delinham o conceito e ampliam as relações estabelecidas e gera um arcabouço riquíssimo acerca da temática, dando maior profundidade e relevância ao estudo. Já seu âmbito descritivo se dá através da importância que dos dados dos resultados coletados representam para este estudo, bem como as respostas obtidas através dos questionários semiestruturados e a análise de documentos.

Para isso, diante do potencial bibliográfico de suma importância para este trabalho, Fonseca salienta que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (2002, p 32)

A teorização bibliográfica norteia e dá maior respaldo ao estudo, por este trazer em si saberes que são resultantes de outros estudos, respaldados por cientistas da área de pesquisa específica, que se deleitaram profundamente em suas temáticas, muitas vezes por toda uma vida acadêmica. A pesquisa bibliográfica representa então a tentativa de compreender a fundo e em diferentes ângulos e visões o mesmo objeto.

A observação da realidade e o delineamento do problema se tornaram necessários, buscando averiguar as dificuldades e necessidades envolvidas no desenvolvimento da leitura no Ensino Fundamental II. Essa etapa se fez essencial para melhor explanação da temática, seus conceitos e sujeitos, dada a importância de conciliação de saberes teóricos e práticos, bem como da contextualização dos dados a serem coletados. Para isso, a coleta de dados se constitui para este trabalho como a coleta de dados valiosos, tendo sido coletados através da realização de questionários aplicados à educadores e alunos da Educação de Jovens e Adultos. Dando ciência das ações e concepções dos sujeitos envolvidos, podendo assim compreender melhor a realidade de suas práticas e das dificuldades de ambos no processo de desenvolvimento da leitura.

Também atuou como fundamental para este estudo a análise documental, podendo com isso complementar ou contradizer os outros dados coletados nas variadas técnicas de coleta de dados. Desta maneira, a análise de dados complementa o teor qualitativo desta pesquisa e fundamentam os dados coletados por os outros instrumentos aqui utilizados.

Utilizar esses variados instrumentos de coleta de dados é o que possibilita a discussão dos resultados de forma amparada por o arcabouço teórico construído no galgar deste trabalho como construção e amparo do saber aqui organizado.

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Juntas, a pesquisa bibliográfica e documental traçam caminhos muito parecidos, mas ambas são distintas e podem até mesmo se contradizerem em algum momento. Sendo a bibliográfica a traz dados teóricos construídos em obras (geralmente livros, artigos, revistas, entrevistas) de pesquisadores importantes da área e que norteiam, delineiam e produzem saberes capazes de dar bases ao estudo que se pretende realizar. Já a análise documental há uma variação de meios e aproximação dos mesmos da realidade, visto que a análise documental abre brechas para a análise de produções locais, particulares e variadas que relatam ou descrevem a temática analisada, propiciando ainda uma aproximação entre objeto pesquisado e pesquisador, e viabiliza à ele compreender e definir seu objeto de pesquisa a partir de uma ótica própria ao grupo de amostra.

3.2 Técnicas qualitativas de coleta de dados: questionário semiestruturado, observação não participante e análise de documentos

O atual trabalho caracteriza-se como qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica, questionário semiestruturado, observação não participante e análise de documentos, visando a um aprofundamento nos elementos do procedimento de estímulo ao ato de ler na educação básica séries finais, baseando em estudos e referenciais teóricos de autores que trabalham com o tema.

Segundo Bogdan e Biklen (1982, apud *Ibíd.* p.13):

A pesquisa qualitativa ou naturalística envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Bogdan e Biklen (1982, apud *Ibíd.* p.13):

A pesquisa de campo possibilitou um amplo alcance de informações, além da utilização e articulação descritivas dessas informações contribui na possibilidade de análise, discussão e desenvolvimentos no hábito da leitura dos alunos e a contribuição dos professores.

Os subsídios desse tipo de investigação estão presentes na sua competência de compreensão dos elementos relacionados à escola, uma vez que

retrata toda a riqueza do dia a dia escolar. Assim, os estudos qualitativos são favoráveis por proporcionar a real relação entre teoria e prática, oferecendo ferramentas eficazes para a interpretação das questões educacionais.

A pesquisa também possibilitou reflexões sobre o assunto partindo da interpretação de citações de autores importantes na literatura sobre o tema, tais como Paulo Freire, Cagliari e Lajolo entre outros citados no presente trabalho que contribuíram de maneira significativa para os dados e para análise.

Sobre a coleta e a análise dos dados, primeiramente foi realizado um diálogo com alguns professores e levantamento de pesquisa bibliográfica e análise dos documentos que apresentam relação com o tema da pesquisa e, a partir do exame da literatura científica considerada relevante à realização da pesquisa, foi elabora um questionário semiestruturado que serviu de base para o desenvolvimento prático e conhecimento mais aprofundado do estudo no âmbito escola”. Segundo Martins (2008), o estudo de caso, contempla as técnicas de levantamento de informações e dados – observação, análise do discurso, questionários etc. – também o trabalho de campo

A pesquisa qualitativa costuma ser direcionada ao longo do seu desenvolvimento, e não busca enumerar ou medir eventos nem emprega instrumento estatístico para análise dos dados. Segundo Neves (1996), “seu foco de interesse é amplo, fazendo parte dela a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo”.

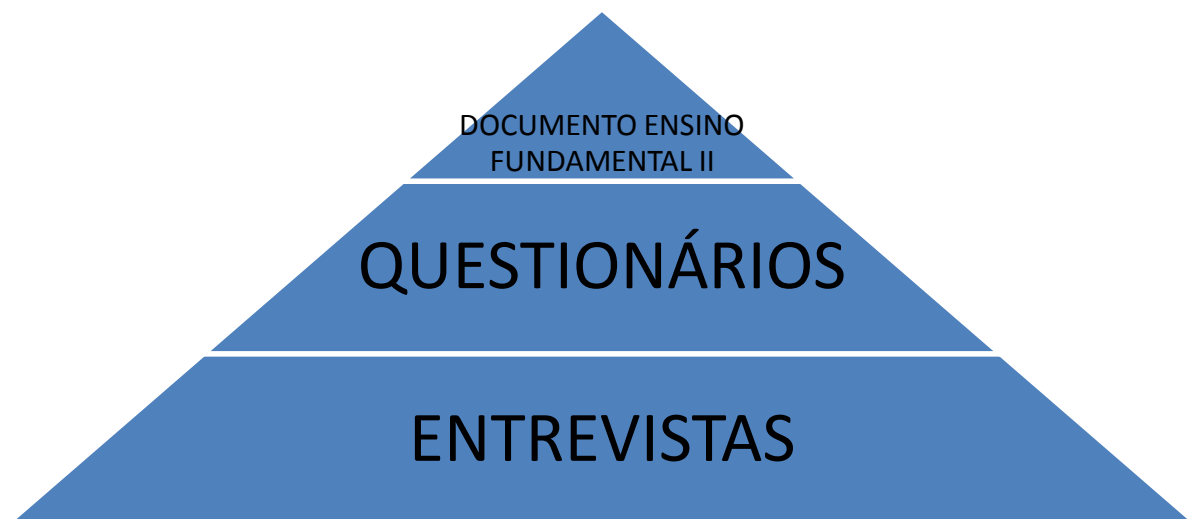
3.3 Triangulação

A pesquisa de campo se conclui com a triangulação, depois de analisadas as técnicas de coleta de dados já citados, como aborda Trivinos para ampliar a descrição e compreensão do foco em estudo:

A técnica da triangulação tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social sem raízes históricas, sem raízes significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorrealidade social. (TRIVINOS, 1987. P.138)

Com a soma dessas informações é que se pretende aqui neste trabalho esclarecer os procedimentos de explanação, de forma a perceber na pluralidade dos significados educacionais que cercam o desenvolvimento significativo da leitura e escrita no Ensino Fundamental II, de maneira, a apeter os procedimentos utilizados para a obtenção de êxito a essa pesquisa, de forma a perceber na abundância e na compreensão dos fatos.

Figura 01 – triangulação – modelo da investigação..



3.3.1 Validação de instrumento

A validação de instrumentos inseridos no potencial metodológico desta pesquisa é essencial para checagem de sua precisão, atendimento das expectativas, aplicabilidade e adequação às necessidades em se coletar dados. Esse é um processo de verificação da adequação dos instrumentos aos objetivos traçados e do potencial científico dos mesmos.

Inicialmente na coleta de dados ativos envolvidos 73 pessoas para essa pesquisa são os alunos das turmas do 6º ano ao 9º ano do curso fundamental II no ano 2018, 02 professores que atuam nessas respectivas turmas em língua portuguesa e 01 diretora.

Dessa maneira, a primeira etapa de validação foi feita por o Dr. Marcio Wendel Coêlho coordenador do curso e orientador da tese, dando delimitações e ao mesmo passo traçando outros campos cerca da temática, de modo a ampliar conhecimento sem se perder o fio tênue da coerência e coesão deste trabalho. O orientador em questão possui em seu bojo curricular Licenciado em Pedagogia pela UNISA - Universidade de Santo Amaro/SP, Especialista em Gestão Escolar com Ênfase em Psicologia Escolar pela UNISA - Universidade de Santo Amaro/SP, Especialista em Pedagogia Hospitalar pela UNISA - Universidade de Santo Amaro/SP, Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Americana - Assunción/PY, Doutor em Ciências da Educação pela UAA - Universidad Autónoma de Assunción/PY, Doutor em Ciências da Saúde & Psicanálise Clínica pela Open University International de Buenos Aires/Ar e Pós Doutorado em Neuropsicologia Clínica Hospitalar pela Universidade da Colúmbia Britânica em Vancouver/Canadá.

A segunda etapa do processo de validação contou com a honras do professor Drº Evanildo Bragança Mendes Graduado em Pedagogia, Especialista em Docência do Ensino Superior; Tecnologia de Informática na Educação; Educação Física Escolar; Inteligência Multifocal, Ciência da Educação, Mestre em Ciência da Educação e Doutor em Ciência da Educação.

A coleta de dados realizados são a busca para compreender “A Prática de Leitura e como Processo de Formação da Aprendizagem no Ensino do Ensino Fundamental II: Um Estudo de Caso na Escola Municipal 02 de Julho em Serra do Ramalho-BA”, diante de um olhar acadêmico que valide os significados das experiências vivenciadas em sala de aula por professores e alunos, e dos sujeitos que deveriam permear esses fazeres (pais, sociedade, direção escolar). Podendo imprimir neste trabalho uma realidade ímpar, e traçando possíveis caminhos que possam mostrar sanar ou minimizar tais problemas, podendo ainda trazer para o seio escolar e social uma outra visão acerca do seu cotidiano problema, não mudando as informações e olhares, mas possibilitando à eles enxergam também sobre outra ótica.

3.4 Local da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal 02 de Julho em Serra do Ramalho Bahia. O trabalho com a leitura tem a finalidade ao incentivo a leitura, formar leitores competentes, mas também formar escritores sendo estes capazes de produzir textos com eficácia. Não se trata apenas de extrair da informação escrita, letra por letra ou palavra por palavra, e sim, a compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Neste contexto, Brasil (1997, p.53) afirma que “qualquer leitor experiente que consiga analisar sua própria leitura, conseguirá constatar que a decodificação é apenas um dos procedimentos que o leitor utiliza quando lê”.

Com isto, a leitura fluente envolve muitas outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não são possíveis com rapidez e proficiência. A utilização desses procedimentos permite controlar o que vai sendo lido e permite tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscando-se diante do desconhecido, buscando no texto a comprovação das suposições.

Na verdade a metodologia científica explica os sinônimos naturais de forma objetiva. A ciência deve ser um conhecimento popular, continuamente renovada para que todos os esforços de divulgação frutifiquem. Cada princípio exposto e cada teoria proposta, devem ser divulgados para além da pequena área frequentemente visada. Este é o verdadeiro valor da ciência, a importância de sua expressão horizontal.

Nessa informação tudo tem que ter um método aceito e testado e que seja válido. A metodologia é o estudo de caso com. A metodologia serve para que a ciência possa existir e obtenha uma coerência. Portanto, segundo SAMPIERI (2010), a pesquisa científica, é a essência como qualquer tipo de pesquisa, só que mais rigorosa e organizada e realizada de maneira mais minuciosa.

A pesquisa científica é, concebida como um processo, o termo que significa dinâmico, mutante e evolutivo um processo composto por múltiplas etapas relacionadas entre si, que acontece ou não de maneira sequencial ou contínua.

Pesquisa é um processo composto por diferentes etapas interligadas. É de fundamental importância esclarecermos esta concepção a cerca de sala de leitura que se baseia despertar o interesse do aluno para o ato de ler. Esta pesquisa apresentará um estudo realizado na escola 02 de Julho da rede de ensino no

municipal, localizada na RUA A S/N Bairro Agrovila 20 zona rural, município de Serra do Ramalho Bahia. Funciona em 3 turnos. O 1º turno com crianças da educação infantil matrenal III e pre-escola e 1 e 2, com crianças do 1º e multisseriado 2º/3ºano ciclo da alfabetização. No 2º turno de 4º ao 5º ano e o 6º ao 9º ano, turno noturno funciona o E.M. Estrutura física: o prédio possui 07 salas de aula, pátio, sala dos professores, sala da diretoria, cantina, sala de leitura, sala de informática, banheiros e quadra de esporte.

O município de Serra do Ramalho – BA, possui 43 escolas do Ensino Fundamental, sendo que 20 delas aproximadamente, possuem sala de leitura. A população da escola é de aproximadamente 186 alunos, dentre esses somente 70 alunos do ensino fundamental II os quais fizeram parte da amostragem do quantitativo. Nesta investigação serão ouvidos professores responsáveis por este espaço com objetivo de analisar como vem sendo desenvolvido o ato de ler dentro da escola da referida comunidade.

Serra do Ramalho é um município brasileiro do estado da Bahia, a 845 km de distância da Capital/Salvador, localizado no território do velho chico, sua grande população segundo os históricos vinnheram de Sento Sé e sobrodinho. Sua população estimada de 31 646 habitantes (IBGE/2010) e possui uma área de 2 677,366 km².

Originalmente considerada um município da agricultura ruaral apresentou um considerável desenvolvimento nos últimos anos com sua emancipação, decorrentes da falta de moradias para os migrante construíram bairros rurais chamado agrovilas para destribuir para a polulação juntamente com um lote rual com escolas e também pequenos mercados, hoje somente na sede do município existe, faculdades, hospitais, bancos, correio, cartório centros de compras, concessionárias de automóveis, entre outros acabou acarretando em grandes transformações na estrutura urbana da cidade.

Escola 02 de Julho, fundada em 1988, recebeu esse nome em homenagem a Independência da Bahia que aconteceu no dia 02 de julho de 1822, cuja data foi de grande importância para o nosso estado e esse nome também homenageia a nossa comunidade que faz aniversário na mesma data.

Ao longo desses anos, a escola sofreu algumas mudanças. Na época em que foi fundada, funcionava no prédio da cobal. A partir de 1990 passou a funcionar no seu prédio atual, composto na época por cinco salas de aulas, uma cantina, uma

diretoria, uma sala para os professores, um almoxarifado, três banheiros masculinos e três femininos. Só em 1992 ela foi fechada á frente e o fundo, pois os alunos tinham acesso à escola pelos dois lados, após este ano passaram a entrar na escola por uma única entrada e em 2004 foram construída mais três salas de aula para melhor atendimento aos discentes.

Em 2007 a escola foi contemplada com o **PAPE** um programa do governo federal e recebeu 64.000.00 para ser usado em reforma nas salas de aula, isto ajudou bastante, pois foi possível colocar quadros brancos, cerâmicas e forros de PVC nas salas de aula, com esse programa, a escola recebeu mesas e cadeiras novas para os/as alunos/as e professores/as e também dois ventiladores para cada sala. Ainda nesse mesmo ano foi demolida uma das salas de aula para a ampliação do pátio da escola, pois sua estrutura não era suficiente para suportar o público em época de comemorações. Quando fundada, o ensino era voltado apenas para o Ensino Infantil e Fundamental I do 1ª a 5ª série, só em 1990 começou a atender os/as alunos/as do Ensino Fundamental II do 5ª a 8ª série e em 2010 aderiu o ensino dos 9 anos do 1º ano ao 9º ano, onde a Base Nacional comum curricular diz que o ciclo de alfabetização termina no 3º ano.

O Município de Serra do Ramalho organizou o Ensino Fundamental I em Ciclo de Alfabetização, e Ciclo Complementar, sendo que este compreende os três primeiros anos do Ensino Fundamental de 9 anos que, segundo a Resolução da CNE/CEB nº 07 14/12/2010, na passagem do 1º para o 2º ano de escolaridade e deste para o 3º não haverá retenção, levando em consideração toda uma organização para garantir os direitos de aprendizagem. Já o Ciclo Complementar (4º e 5º anos) bem como os demais anos do Ensino Fundamental estão organizados de forma seriada e/ou multisseriado 2º/3º ano contemplando as especificidades.

Como objeto de conhecimento que é, leitura precisa ser explicitada. Deste modo, defende-se que as estratégias de leitura precisam ser ensinadas para que o leitor- aprendiz se torne um leitor autônomo e competente. No entanto, acreditar-se que este ensino precisa acontecer em situações contextualizadas e significativas de modo que o aluno-leitor possa reconhecer a leitura como uma atividade social que permite a sua atuação no cotidiano e sua inserção no mundo letrado.

3.4.1 Amostra

A amostra é uma característica da validade ao contingente de sujeitos pesquisados, segundo Sampieri, Calado e Lúcio (2010) existem duas grandes ramificações de tipos de amostra uma não probabilista e a outra probabilista. Desta forma e para dar conta da pesquisa o tipo de amostra será probabilística, pois, nesse tipo de amostra “são todos os elementos da população tem a mesma possibilidade de ser escolhido e são obtidos pela definição das características da população e do tamanho da amostra ou pela seleção aleatória ou mecânica das unidades de análise” (SAMPIERI, CALADO e LÚCIO, 2010, p. 195).

Dessa forma missão da educação no município - Prefeitura Municipal de Serra do Ramalho assumiu o compromisso político de priorizar a educação e garantir a todas as crianças, jovens e adultos o direito a uma escola pública de qualidade. Garantir aos alunos das escolas públicas um ensino de qualidade é um desafio árduo e complexo, não se trata de construir paredes, comprar móveis ou materiais didáticos, trata-se de transformar concepções, crenças e posturas seculares que determinam a cultura escolar e profissional, interferindo, portanto, na qualidade da aprendizagem dos alunos.

É necessário que as camadas populares tenham acesso a uma escola básica que possibilite ao aluno chegar a um conhecimento científico para que conheça e entenda o mundo em que está inserido, portanto, o compromisso do município é assegurar uma educação de qualidade, garantindo o acesso, a apropriação do conhecimento e a formação da cidadania da criança, do jovem e do adulto de Serra do Ramalho.

Partindo desta perspectiva, a escola enquanto Instituição social se torna um espaço propício para a propagação da leitura e escrita, principalmente em sala de aula, no qual se torna um espaço além da sistematização dos conhecimentos ou dos conteúdos da “grade” curricular, mas também um eminente espaço de socialização, de produção de cultura, de aprendizagem e principalmente de leitura.

Neste estudo considera a leitura como a experiência mais importante para a escola a ponto de determinar o nível de fracasso em questão interdisciplinar, e ainda acredita que as competências do professor aliadas às considerações afetivas, são fatores importantes em relação ao aprendizado da leitura e escrita.

A amostragem selecionada, por critério de disponibilidade à participação, teve como envolvidos 73 pessoas para essa pesquisa, que são os alunos das

turmas do 6º ano ao 9º ano do curso fundamental II no ano 2018, 02 professores que atuam nessas respectivas turmas em língua portuguesa e 01 diretora.

3.5 Análise de conteúdo

Ressalto que fazer este tipo de pesquisa foi algo de extrema importância, pois nesse trabalho consegui destacar alguns pontos importantes e também pontos que precisam ser mudados para que realmente a leitura faça parte da vida escolar e social do indivíduo.

3.6 Entrevista de profundidade

Questionário para entrevista da professora 1 de Língua Portuguesa

1. Que sujeito/leitor pretende formar com relação à prática de leitura eficaz?

Ensinar a ler, antes de tudo é um ato de cidadania, tarefa que deve ser partilhada pela família e pela escola, pois a partir do momento em que um aluno se descobre como leitor um mundo de novas possibilidades se abrem, portanto, esta se não é, deveria ser a tarefa mais importante da sociedade. Desafio indispensável para todos os cidadãos que sabem ler e tarefa imprescindível para todos os níveis da educação, uma vez que a leitura é um meio básico para o desenvolvimento da capacidade de apreender e atribuir competências para a formação do educando.

2. Que contribuição à leitura promove para o alicerce da formação do leitor crítico e reflexivo atribuído o conhecimento prévio e pela Escola?

Sim. Em nossa sociedade, a busca pela informação, pelo conhecimento tem sido um processo contínuo, pois sem acesso aos mesmos o indivíduo ficaria excluído socialmente. O conhecimento pode ser adquirido por meio da leitura e da reflexão feita a partir do que foi lido, isso faz com que o indivíduo não permaneça no estado de ignorância, possibilitando com que este tenha uma visão melhor do

mundo e de si mesmo. E assim possam ser sujeitos críticos e reflexivos na sociedade o qual estão inseridos.

3. Quais desafios cotidiano são enfrentados na pratica para sistematizar o processo de compressão para aquisição de leitura e escrita?

O grande desafio posto à escola é romper com as práticas de leitura em que o ato de ler está submetido a mecanismos de simples codificação e decodificação, ou seja, a simples decifração de palavras. Sendo assim, a escola necessita se posicionar diante de práticas repetitivas de leituras de maneira que as ações do ensino possam desencadear uma atividade reflexiva que permita o educando avançar em suas estratégias de questionamento da escrita e no uso da leitura como fator de inserção social.

4. Você utiliza a técnica de estratégias especializada que desperte relativamente o gosto pela leitura para melhor desenvolver o processo de formação dos alunos?

No processo educacional compreender a necessidade de inserir a leitura de livros de literatura na perspectiva do letramento literário de forma rotineira nas práticas educacionais da educação básica, para que os alunos tomem gosto pela leitura e tornem-se leitores assíduos e, com isso, possam conseguir discernir o que está escrito e o que realmente querem dizer. Sendo assim, compreende-se que fazer o fazer leitor, depende muito de como o processo de ensino e aprendizagem será conduzido.

5. A escola desenvolve projeto de leitura para solucionar possíveis problema de leitura e escrita do ensino fundamental 2 ampliando potencialidades?

Sim. Compreende-se que a escola tem por finalidade básica proporcionar aos seus alunos condições para que estes tenham acesso ao mundo letrado. Nesse ciclo de criação e recriação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura ocupa, sem dúvida, um lugar de grande destaque. Até porque o acesso à leitura e a escrita são direitos do exercício da cidadania a qual se caracteriza como fundamental no processo de comunicação social, meios pelos quais os indivíduos expressam suas ideias e opiniões, tanto que a escola à tem como uma das funções primordiais.

Diante disso, fica evidenciado mais uma vez, a importância da leitura e da escrita na vida do ser humano, sem as estratégias de aprendizagens e projetos de leitura, o domínio dessas competências é praticamente impossível que um ser humano exerça seu papel de cidadão.

6. Em que competências e nível você recebe os alunos que vem do ciclo do fundamental 1?

Ao compreendermos que a educação é uma troca mútua de conhecimentos, fica a certeza que nós como professoras podemos fazer muita coisa para reverter às particularidades que alguns discentes vêm apresentando nos últimos tempos, que é a dificuldade de leitura na perspectiva do letramento. Isso se torna rotineiro a cada ano, o qual recebemos alunos em diferentes níveis de aprendizagens desde o pré silábico até o silábico alfabético.

7. Quais competências estão veiculadas a sua prática para melhor desempenho do hábito de leitura?

Surge a necessidade de se propor um alinhamento entre a proposta pedagógica do município e a necessidade de se trabalhar a aquisição da leitura na perspectiva do letramento para que possa propiciar a cognição de conhecimentos. Nesta perspectiva, é importante que se trabalhe com a proposta delineada no Projeto Político Pedagógico (PPP) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já que estes, tem em sua essência a dimensão política e compromissos coletivos, uma vez que se junta responsabilidades sócio-políticas aos interesses da comunidade e carregam na proposta também as ações educativas, onde perpassa a intenção escolar que é a de formar cidadãos críticos e conscientes.

8. Que procedimento metodológico você articula para que os alunos passam a ter um aprendizado com conhecimento avançado?

O incentivo para a prática de leitura de livros de literatura nos contextos de sala de aula, ainda são muito pouco. Tem-se percebido a tomada de tímidas iniciativas para a mudança desta realidade, que tem sido providencias na melhoria do ensino como um todo. Sendo assim, cabe a escola e especialmente, aos

professores garantir o acesso a leitura e a escrita a todos os alunos em todos os níveis de escolarização, para que a garantia dos direitos dos mesmos não sejam refutados e os educandos possam exercer a cidadania que lhes é de direito.

9. A família tem participação ativa no processo de escolarização, motivando o interesse do adolescente?

A família é responsável pela formação de valores no indivíduo e a escola como promotora do conhecimento devem oportunizar momentos prazerosos de leitura provocando na criança, aprender a ler e escrever, uma vez que proporciona ao educando uma leitura de mundo. Assim, compreende-se que o letramento literário proporciona ao aluno uma visão ampla de mundo, pois o mesmo em contato com os saberes adquiridos no decorrer da sua vida pode interferir nas relações cotidianas, sendo que o mundo necessita de pessoas ativas, capazes de compreender o que está acontecendo a sua volta.

10. A produção de conhecimento através de leitura estar integrado ligado a outros componentes curricular aprimorando as qualidades de formação?

Sim. A interdisciplinaridade entre as disciplinas curriculares são de fundamental importância e pode contribuir consideravelmente na compreensão da atual situação do ensino da leitura de livros na perspectiva do letramento na educação básica e, colaborar para uma visão aprofundada dos benefícios deste estudo nas escolas e na sociedade como um todo.

Questionário para entrevista da professora 2 de Língua Portuguesa

Entrevista com alunos do ensino fundamental II

PRÁTICA PEDAGÓGICA			ALUNOS
			1. A pratica pedagógica do professor está contribuindo para um bom aprendizado seu? ()sim 35

			<input type="checkbox"/> não 5 <input type="checkbox"/> talvez 10 <input type="checkbox"/> precisa melhorar 20
			2. A prática da leitura ajuda você a desenvolver o pensamento crítico? <input type="checkbox"/> SIM 60 <input type="checkbox"/> NÃO 10
			3. Pra você a prática de leitura produz conhecimentos integrados a outros componentes curriculares? <input type="checkbox"/> SIM 65 <input type="checkbox"/> NÃO 5
			4. Você considera a leitura importante para a formação do aluno? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
			5. Que procedimento metodológico você gosta que passa a ter um aprendizado com conhecimento alavancado? <input type="checkbox"/> revistas 5 <input type="checkbox"/> Pesquisas 10 <input type="checkbox"/> livros 65
			6. Você gosta que escola

			<p>desenvolve projeto de leitura para solucionar possíveis problema de leitura e escrita do ensino fundamental 2 ampliando potencialidades ?</p> <p>()SIM 50</p> <p>()NÃO 20</p>
			<p>7.Quais desafios cotidiano são enfrentados na pratica para sistematizar o processo de compressão para aquisição de leitura e escrita?</p> <p>()Tira duvida 30</p> <p>()faz 30 perguntas</p> <p>()nenhum10</p>
			<p>8.Você procura a biblioteca da escola por livre iniciativa?</p> <p>()SIM 30</p> <p>()NÃO 50</p>
			<p>9.Voce tem dificuldade na Leitura e interpretação em Sala de aula?</p> <p>()SIM 40</p> <p>()NÃO 10</p> <p>()As vezes 20</p>
			<p>10.Gosta de ler e escrever?</p> <p>()SIM 20</p> <p>()NÃO 40</p>

			10 alunos não quiseram responder
--	--	--	----------------------------------

3.7 Fases da pesquisa

3.7.1 Escolha da instituição e algumas aproximações iniciais ao campo

A escola pesquisada é de caráter municipal e é voltada os atendimento dos alunos/as da Educação Infantil, Fundamental I e II, e procura embasar sua prática pedagógica em uma proposta crítica reflexiva que possibilite ao educando desenvolverem a capacidade de se tornarem cidadãos críticos, tornando-se capaz de processar informações, lidar com estímulo do ambiente e organizar dados disponíveis da experiência vivida, para que possam ser agentes transformadores e atuantes da sociedade em que estão inseridos.

3.7.2 Elaboração e aplicação de instrumentos: coletas de dados

Inicialmente na coleta de dados ativos envolvidos 73 pessoas para essa pesquisa são os alunos das turmas do 6º ano ao 9º ano do curso fundamental II no ano 2018, 02 professores que atuam nessas respectivas turmas em língua portuguesa e 01 diretora. Para pesquisa foi selecionado elementos, dos quais de 01 gestores 2% , 02 professores 4,% e 70 alunos 94,%.

Tabela 2 - Distribuição dos participantes por funções

Categoria	Indivíduos Selecionados			
	T	M	F	%
Diretores	01	-	01	2,%
Professores	02	02	-	4,%

Alunos	70	35	35	94, %
Total	73	-	-	100%

Fonte: Levantamento a partir da matrícula inicial dos anos finais ESOLA 02 DE JULHO 2017.

3.7.3 Análise da informação

A análise da informação vem possibilitar pesquisa bibliográfica que busca edições quanto possíveis mais atualizadas, recorre as legislações e história educacional em questão, e autores pertinentes que discute naquele período em questão, principalmente a educação da educação básica.

A coleta de dados para investigação e análise dos resultados a serem quantificados conta de:

- Questionários semiestruturados, contendo questões abertas e fechadas;
- Entrevistas às pessoas (sujeitos) que atuam no ensino fundamental anos finais;
- Análise de dados coletados em sites das secretarias de educação, do MEC; e da própria escola em estudo.

Assim, os alunos terão contato com a linguagem escrita, por meio de variados textos que lhes oportunizem o gosto e o prazer de ler; precisam ser estimulados desde as séries iniciais. O professor deve ser o principal agente incentivador do contato dos alunos com o livro.

Conforme a pesquisa realizada na rede municipal de Araxá (2009), os alunos do Ensino Fundamental, anos iniciais, leem mais que os alunos do Fundamental II, ou seja, quanto mais alto o nível de escolaridade dos alunos, menor o hábito de leitura, conforme indica a tabela I.

Quantidade de livros lidos por indicação da escola	ENSINO FUNDAMENTAL I	ENSINO FUNDAMENTAL II

Até 04	30%	16%
De 5 a 9	36%	21%
Mais de 10	63%	34%

Tabela 1 – Livros lidos pelos alunos da rede pública de Serra do Ramalho na Escola 02 de Julho.

Fonte: ESCOLA 02 DE JULHO-2017

Analisando a tabela, observa-se que 63% dos alunos do Fundamental I já leram mais de 10 livros do acervo do aluno e escola e chegam nas séries finais com as competências e habilidades efetivas, enquanto aqueles que cursam o Fundamental II, leram apenas 34 % e não consegue efetivar o processo o nível seguinte. Isso a direção expõe com muita preocupação e os professores das séries finais em despertar nos alunos o gosto pela leitura, proporcionando-lhes um ambiente diferenciado, acolhedor, disponibilizados e afetivo. Compreendemos que sozinhos os alunos não possuem função nenhuma, ele só estabelece um funcionamento quando em conjunto com outros sistemas se interconectam, recebem e respondem aos estímulos para realizar um potencial de atividades. Pois, Marta Relvas “Somos o que vivenciamos, experimentamos e pelo que lembramos” e quando o funcionamento do sistema motor e perceptivo sofrem estímulos baseados em mudanças no ambiente, através da conexão e (re) conexão.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE DA INFORMAÇÃO

Nesta análise de estudo, pretendo, enquanto pesquisadora, fazer um fluxo histórico plausíveis dos problemas do ensino aprendizagem na leitura e na escrita, e sobre tudo propor intervenções pedagógicas neste campo visando rever os métodos e as metodologias dos professores em relação ao ensino aprendizagem da leitura e escrita, e sobre tudo apoiar com influências pedagógicas, neste visando rever as práticas e as metodologias dos professores em relação ao ensino aprendizagem da leitura e escrita. Neste processo acredito que as dificuldades para o professor ensinar e o aluno aprender vem aumentando aceleradamente uma vez que a família vem deixando de exercer sua contribuição no desenvolvimento da aprendizagem. É preciso que a escola que ai está cumpra a sua função transformadora que a língua materna renasça com um novo olhar pedagógico no meio escolar configurando a nova concepção sentido do ensino aprendizagem da leitura na comunidade de Agrovila 20, Serra do Ramalho. Partindo desta visão, o docente muitas vezes dribla os limites expostos pela escola, sejam pela falta de material ou recursos. Cagliari afirma que: "...o professor precisa de liberdade e ação para que se possa exigir dele competência e desempenho profissional à altura dos ideais da verdadeira educação. Sem o professor, não há escola, (p. 39), mas atingir as intervenções na escrita e valorizava a produção.

Ressaltando que as possibilidades como o professor pode propagar a leitura, depende de diversos fatores como: planejamento, didática, concepção, no qual o docente precisa compreender a importância da prática da leitura em sala de aula, tanto para o processo de ensino aprendizagem, quanto para a formação da cidadania.

Esse estudo de pesquisa apresentará um estudo concretizado em apenas em uma escolas da rede de ensino municipal Escola 02 de Julho tendo por base, especificamente o ensino aprendizagem da leitura e escrita a prática docente, no espaço de sala de leitura dentro desta escola, assim, com levantamento bibliográfico, sobretudo a autores nacionais e internacionais que abordam a temática; entrevistas e questionários semiestruturados aos envolvidos que atuam no ensino fundamental II de língua portuguesa, pessoas com experimentos da práticas sobre o problema pesquisado; e análise de dados em documentos, atas, princípios,

normativas e legislações características que estimulem explicar o problema de investigação A Prática de Leitura como Processo de Formação da Aprendizagem no Ensino do Ensino Fundamental II. Nesta investigação serão ouvidos professores responsáveis por este espaço como vem sendo desenvolvido o ato de ler dentro da referida escola professores de (LP) língua portuguesa .

A sala de leitura é um espaço na escola, onde deve propiciar ao educando momentos de prazer e aprendizagem para que os mesmos possam expressar sua criatividade tornando-se um ser crítico e consciente do mundo que os cerca.

Esta ação caracterizar-se-á enquanto um trabalho de valorização da escola.

Buscando a meta que todos os alunos devam saber ler e interpretar sua realidade com clareza e eficácia para que possam desenvolver pensamento lógico, sendo capaz de analisar criticamente fatos, visando melhorias de suas condições de vida.

Segundo SAMPIERI (2000), a estimulação da pesquisa é uma atividade intelectual intencional que visa responder as necessidades humanas básicas são percebidas no indivíduo como sensação permanente de insatisfação.

A função essencial da razão é melhorar a vida. Da teoria, aprimorar a prática estimulando o hábito ato de ler, da racionalidade, melhorar o animal humano.

O processo de leitura, análise e interpretação de texto está fundamentada na compreensão de que o ato de ler é um ato eminentemente político, de o processo de leitura, análise e interpretação de texto de mundo envolvendo o leitor por inteiro, a partir de sua história de vida, de suas experiências escolares, de suas expectativas de processos cognitivos complexos.

A abordagem tem como referencial teórico o individualismo histórico, apoiando-se na concepção dinâmica da realidade das relações dialéticas entre sujeito e objeto, entre conhecimento e ação entre teoria e prática.

CAPÍTULO V: CONCLUSÕES

É sabido, Paulo Freire afirma que o compromisso político e pedagógico do ato de ensinar é garantir a aprendizagem significativa do educando. Aprendizagem que conduza à construção de uma cidadania engajado com a constituição de uma sociedade ética, bonita, humanizada, que supere toda forma de opressão, de desumanização. Para Freire, educar é um ato de comunhão de sujeitos que constroem significados, que nomeiam o mundo, recriando-o.

As pesquisas no campo da educação mostram que todos aprendem, mas de forma e em ritmo diferente. Cabe a cada educador descobrir a forma e o ritmo de aprender de cada aluno, para reconstruir sua prática pedagógica; para que isto aconteça faz-se necessário a escola estabelecer objetivos e critérios em seu projeto pedagógico.

Na avaliação, é indispensável ter clareza a respeito do que se pretende alcançar, saber qual metodologia adotar, e quais recursos utilizar para poder realizar o que se pretende. Cada contexto tem suas especificidades. E, ao se construir esse instrumento de avaliação, ele precisa ser coerente com a prática pedagógica do professor e com o que foi ensinado. O professor cria situações de aprendizagem e, ao mesmo tempo, produz situações de avaliação. Segundo Paulo Freire, ensinamos se a aprendizagem tiver acontecida; se não aconteceu aprendizagem, não ocorreu o ensino.

É importante que a escola seja um espaço de aprendizagem não só para o aluno, mas fundamentalmente para o professor. Também é imprescindível que os professores, em equipe, possam socializar suas formas de planejar e de avaliar e que questionem suas posturas pedagógicas. O professor precisa ter oportunidade de continuar sempre a aprender. Na formação continuada ele adquire conceitos novos, e passa a questionar os que já tem. E com tudo isso descobre novos caminhos para o planejamento. Mas também são importantes sua sensibilidade pedagógica e os conhecimentos que acumulou em sua experiência. A sala de aula é como um laboratório da prática pedagógica e da aprendizagem, um ambiente de investigação e um lugar de pesquisa didática, de produção de saberes e de desenvolvimento de competências.

A leitura é fundamental na formação do pensamento crítico e criativo. Saber ler é uma habilidade que estabelece relações entre as experiências próprias do leitor e a dos outros, alimentando a capacidade de questionar, analisar, acessar, pesquisar, argumentar, etc. Isso reforça a ideia de que a leitura não pode se tornar um objetivo escolarizado. O leitor deve ser considerado como um sujeito do mundo, do trabalho, da comunidade e dos diversos campos sociais e acadêmicos. Pensando assim, a formação de leitor é um compromisso de todos os componentes curriculares e de todos os professores nas diferentes etapas de ensino, dessa forma prioriza as competências nos anos finais do ensino fundamental, assumindo uma dimensão inter e transdisciplinar. Por isso, a Escola 02 de Julho cria oportunidades e sentidos para a leitura como um desafio cotidiano e um convite à construção do conhecimento. Para tanto, a escola precisa efetivar o Dia da Leitura para todas as etapas de ensino, como também desenvolve projetos específicos nas turmas no qual não definir o número de literaturas como obrigatórias, mas como uma aliada ferramenta para produção de o conhecimento.

5.1 Discussão teórica

A nível teórico postulamos que o sociointeracionismo é uma teoria que vem sendo desenvolvida a partir dos estudos de Vygotsky e seus seguidores, seus estudos sobre a aquisição da linguagem como fator histórico e social enfatizam a importância da interação e da informação linguística para a construção do conhecimento. O centro do trabalho passa a ser, então, o uso e a funcionalidade da linguagem, o discurso e as condições de produção. O papel do professor é o de mediador, facilitador que interage com os alunos através da linguagem num processo dialógico.

O sociointeracionismo, hoje, traz em si uma convergência das idéias piagetianas e vygotskianas, enfatizando a construção do conhecimento numa visão social, histórica e cultural. Piaget trabalha com os níveis maturacionais, Vygotsky trabalha com a relação aprendizagem – desenvolvimento.

Endossamos o pensamento, no qual valoriza o caráter múltiplo da inteligência dizendo que o sujeito aprende não apenas por um canal, mas por vários, assim ele define que a inteligência é responsável pelas nossas habilidades e que

cada indivíduo possui tipos diferentes de capacidades que caracteriza sua inteligência. Assim o educador deve saber que há mais de uma inteligência e que as inteligências podem ser estimuladas. O contexto social, a escola e as oportunidades de realizar atividades diferentes são fatores que podem interferir no desenvolvimento das inteligências. Desta forma valoriza as diferenças individuais, pois o aluno não aprende da mesma forma já que a inteligência é múltipla.

Portanto considerando os fundamentos teóricos que embasam este Trabalho de reconhecço que, as tarefas em sala de aula com Leitura é importante sob vários aspectos biopsicossociais. Quanto ao desenvolvimento cognitivo, ela proporciona aos educandos meios para desenvolver habilidades que agem como facilitadores dos processos de aprendizagem. Estas habilidades são ressaltadas no aumento da linguagem, nas referências textuais, na interpretação de textos, na ampliação do repertório linguístico, na reflexão, na criticidade e na criatividade em língua portuguesa viva.

Por outro lado temos que sinalizar a ótica que envolve a questão do inconsciente e do desenvolvimento psicosexual do aluno, tão bem colocadas por Freud e que sabemos que a psicanálise nos abre caminho para enxergarmos os conflitos internos que a criança passa durante seu desenvolvimento e na relação com o outro: medo, ciúme, agressividade, competitividade e outros.

Dada a complexidade do ser humano é preciso que haja uma complementação teórica que dê conta de entendê-la. Assim sugerimos uma parceria entre as teorias que façam interagir a Pedagogia e a Psicologia no âmbito educacional.

5.2 Projeções Gerais

5.2.1 Sugestões para políticas educativas

Um aspecto fundamental no ofício de ensinar é o respeito. O ato de ensinar envolve seres humanos, e as relações estabelecidas devem ser construídas com amor, compreensão, humildade e colaboração. Com tudo compreendemos que o ensino de linguagem e amplo no sentido educativo.

O processo educacional não se esgota na sala de aula, mas deve ser vivido por todos, em todos os lugares e em todas as horas como o ato de ler. Portanto, a escola dentro da sua missão de facilitar/ensinar a leitura do mundo, deverá organizar o seu currículo de acordo com as necessidades de sua comunidade e, do dia a dia do aluno, sobretudo no que tange ao seu Projeto Pedagógico. Não basta, hoje, somente corresponder a um currículo, constituído de componentes básicos de saberes institucionalizado, mas ampliar a visão de mundo, fundamentada por valores humanos que visem à formação do ser integral e integrador na sociedade.

A leitura é algo fundamental na concepção humana, pois através dela o aluno soluciona questões do seu cotidiano, faz descobertas, compreende o mundo, adquire novas informações e se diverte, além de muitos outros fatores que contribuem para ampliação cognitiva e social. Diante disto, podemos dizer o quanto é importante formar leitores, pois na sociedade em que vivemos hoje, ler torna-se, cada vez mais, imprescindível para vida social. Basicamente, podemos dizer que para formar leitores nas séries finais do ensino fundamental, faz-se necessário um trabalho políticas educativas que atenda essa nova geração leitora um novo público com praças de leituras ambientes favoráveis que estimule diretamente área do cérebro voltada para o desejo de aprender.

Entende-se que forma de aprender está relacionada ao recebimento de estímulos que são captados pelos sentidos, considerados fiéis escudeiros e selecionadores, chamados caminhos sensoriais. Esses estímulos conhecidos como informações (som, visão, tato, gustação, olfação) chegam ao ambiente que é uma estrutura no cérebro que tem a função de receber esses estímulos e reenviá-los para áreas específicas que são responsáveis na elaboração, decodificação e associação dessas informações.

A compreensão do ambiente natural e social acredita que o sistema político em da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade em escolas de cursos profissionalizantes tendo início no 6º ano com finalização no 9º ano do ensino fundamental II, pois assim o aluno se sente mais produtivos; uma vez que já existe a política educacional dos 9 anos onde alfabetiza no ciclo do 3º ano e, compreendo que já capacita com aprendizagem, ressaltando sobre os direitos a aprendizagem seja seguida a risca para que essa política convalidada tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores. De tal modo, a leitura de mundo ocorrerá que é tão almejada e falada dentro

das escolas. É fundamental que nos voltemos para as discussões e para os trabalhos de pesquisadores de outras áreas, para que se possa avaliar esses avanços permitindo aos que lidam com ensino retornar no dia-a-dia de salas de aula, o que já se tornou prática interdisciplinar. Já que vivemos na era da globalização da economia, das comunicações, mas também numa época de acirramento das contradições inter e intra-povos e nações, a escola precisa atuar no cenário da pós-modernidade.

Segundo QUEIROZ (2009) Incentivar o gosto e a paixão dos alunos para que possam tirar proveito pessoal da leitura precisa ser objetivo de toda escola. Muito importante que a escola contribua para a preparação de alunos capazes de participar como sujeitos do processo de desenvolvimento da aprendizagem.

Assim como Oliveira e Queiroz (2009, p. 89), salientam que “o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que aplicado em muitas escolas, de forma muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a realidade bem como participar da sociedade”.

Mas observo que o aluno atualmente encontra uma sala perfeitamente cheios de invariáveis que não coincide com o perfil atual do leitor e a sua capacidade de desenvolver o hábito da leitura é nisso que demos pensar numa política voltada para a formação do 6º ano ao 9º ano, a velocidade que até o professor desconhece precisa priorizar inovação de formação para um novo perfil do professor de língua portuguesa, porque não interessa que tange para o desinteresse pela leitura ele fica um logo prazo sentado numa cadeira esperando o ensino médio chegar. Uma vez que esse tempo é perdido, como os mesmos conteúdos as mesmas exigências é o mesmo currículo e, dar se a repetição do ensino de educação básica.

O aluno de agora quer uma escola que diminua a distância entre o se diz e o que se faz numa só prática, como diz o Paulo freire, e essa pratica é o que ele estar de fato esperando para efetivar os seus saberes adquiridos na escolarização, fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana, e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. Deste modo, as políticas públicas darão suas responsabilidades para o ser humano ao invés de retirar dentre os direitos publicados. Faz se necessário abrir discussão sobre novos caminhos, portas e janelas das nossas escolas que ainda estão fechadas para um mundo de leitores que esperam a sociedade letrada.

5.2.2 Sugestões para os centros de formações

Essa análise de pesquisa colaborará para fornecer elementos para se pensar na formação do/a educando/a do ensino fundamental anos finais, possa alevantar o aprendizado do aluno com a formação que, conforme sugere: O impulso à leitura visa melhorar a qualidade de Ensino nas Escolas. Mas é fundamental que essas políticas de incentivo à leitura, venham “investir em material humano, com a formação de mediadores de ler, professores e bibliotecários capazes de semear o prazer de leitura por todo o país” (LINARDI, 2008, p.8). O aluno só aprende a ler, se tiver um professor que saiba ler, que lhe sirva como modelo, que leia para ele. O momento de leitura é um momento de fruição, de prazer.

Além disso, essa etapa educacional é rica no sentido de sentido tanto na esfera pública quanto privada e também para construir o aprendizado. Nessa perspectiva, é necessário proporcionar uma formação que possa contribuir para a formação integral dos estudantes.

Uma formação voltada para a superação da cultura conformista imposta pelo sistema dominante que prega uma formação instrumental (para os filhos da classe operária) versus formação acadêmica (para os filhos das classes médias - altas e altas) que tem mais oportunidades de aprender, o ensino deve ser por igual.

Essa formação deve ser orientada à formação de cidadãos capazes de compreender a realidade social, econômica, política, cultural e do mundo do trabalho para nela inserir-se e atuar de forma ética e competente, técnica e politicamente.

Visando contribuir para a transformação da sociedade em função dos interesses sociais e coletivos, essa pesquisa sugere para formação na modalidade do ciclo anos finais do ensino fundamental.

- Desenvolvimento de estratégias didáticas sobre o ensino do fundamental 2, suas repercussões na aprendizagem e estudo do processo de aprendizagem pensando também nos adolescentes;
- Relação entre a prática docente no ensino fundamental e aprendizagem de qualidade;
- Análise das práticas docentes de LP Língua Portuguesa ;
- Inserir programas/projetos de caráter literário

- Propostas de Estágios na educação do ensino fundamental e desenvolvimento profissional;
- Inserir a música no contexto cotidiano no ensino de língua portuguesa.

5.2.3. Sugestões para linhas de pesquisas

É importante um olhar crítico nas linhas de pesquisas. Os alunos desejam coisas novas, métodos novos chegam de modelos já prontos, é preciso que aluno veja a leitura com olhos de leitor, com prazer nas leituras, à pesquisa mostra que muitas vezes os alunos não são compreendidos por seus gostos literários, pois, o professor na maioria das vezes aceita apenas o que é solicitado pela escola. Escola essa que estão com salas superlotadas e o professor acabam não tendo uma atenção como devia com seu aluno.

É preciso, também, o compromisso e dedicação na formação do educador no que compete à leitura crítica e reflexiva com a presença dos pais como aliados, por entender-se que muitos profissionais gostam de ler e/ou não, e isso deve ser visto dentro das políticas públicas, onde ele deve cultivar este hábito junto aos pais talvez e por isso não desenvolva práticas de leituras eficientes em suas salas de aulas, também é necessário inserir os pais nas políticas onde os próprios sejam para que os mesmos tenham um momento de participar dessa atividade de estudo, é importante que haja políticas que envolva os pais como parte integrante da educação, visto como, os adolescentes e jovens andam desestimulados sem apoio na vida escolar.

Com os procedimentos mencionados anteriormente, quero contribuir para a formação de leitores críticos, sensibiliza os educando, profissionais e pais de que essa formação depende de uma prática de interpretação de textos com intertextualidades de suas próprias vidas onde os mesmos sejam comprometidos no processo de ensino de uma constante atividade de leitura.

A aprendizagem da linguagem e da língua será considerada núcleo fundamental de todo o processo de aprendizagem. Os currículos são desenvolvidos continuamente, respeitando as cinco práticas da língua:

- I . Linguagem oral;
- II. Linguagem escrita;

- III. Leitura;
- IV . Análise da Língua;
- V. Produção de Textos.

Que tenham políticas educacionais voltada para a modalidade Ensino Fundamental II, pois estar esquecida, simplesmente com uma olimpíada de língua portuguesa sem foco na realidade do aluno. Portanto Contribuir para o desenvolvimento das potencialidades afetivas, corporais, emocionais, éticas, estéticas e cognitiva, sendo uma sequência de estímulos dos anos finais e tornar acessível o conhecimento da realidade tecnológica, social e cultural, nesse sentido oferecer situações pedagógicas intencionais no processo de construção da leitura, da escrita e do raciocínio lógico como objetivo de ampliar a formação básica do cidadão, mediante do desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura e da escrita.

5.2.4 Apanhado final

A leitura vem ocupando um espaço cada vez maior frente a educação institucional escolar e social da criança, devendo ser desempenhada com papel fundamental de meio pelo qual o sujeito “lê” e compreende o mundo, formando assim compreensões que se entrelaçam na integralidade de sua vida enquanto sujeito em movimento.

Mas, para as potencialidades da leitura sejam exercidas e possam assim cumprir com seu papel crítico e reflexivo diante das múltiplas leitura de mundo, é preciso que haja o domínio da leitura e compreensão da mesma, dominando para tanto as aparatos tecnológicos que hoje apresentam vasta possibilidades de desenvolvimento, produção e interatividade com a língua e a literatura, elementos fundamentos ao desenvolvimento da leitura. Além de compreender a leitura produzida por meio das imagens, interações e inovações que a tecnologia nos proporciona, sendo o multiletramento uma espécie de letramento que acontece por meio, ou colaboração, dos meios tecnológicos tão presentes na vida da criança.

Outro fator essencial que se percebeu foi a relação escola-família, que desempenha grandes significados educacionais, afetivos e sociais no

desenvolvimento da leitura enquanto atividade carrega de contexto que por sua vez dão sentido a aprendizagem da criança.

Mas, o que se percebe é que todos esses elementos – letramento, multiletramento e relação escola-família, se tornaram uma necessidade que só será proporcionada no âmbito da leitura se houver o preparo docente, pois o que se percebe é que a formação docente é uma das grandes necessidades educacionais, que acabam por impossibilitando o docente de desempenhar tais funções mediadoras desse desenvolvimento da leitura. É importante se potencialize a construção de habilidades do professor, para que só então ele possa suprir tais necessidades.

Educar é muito mais do que ensinar a ler e escrever, implica sim utilizar tais habilidades como instrumentos de compreensão e interação do indivíduo com o meio, tornando-o um ser emancipado frente os modos de articulação dos saberes escolares e das relações sociais em que se insere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva** - 3. Ed. – São Paulo, Cortez, 2004, - (Coleção da Nossa Época; 103)

ALMEIDA; Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ARROYO, M. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In.: **Alfabetização e cidadania: Revista de Educação de Jovens e Adultos**. n. 11, abr. 2001.

ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagem e auto-imagens**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

AZEVEDO, O. Barbosa. MACEDO, Roberto S. Hermes re-visitado: interpretando com textos na etnopesquisa crítica educacional. **Revista da FAEEBA**, Salvador, v.9, nº13, p,163-173, 2000.

AZZI, Sandra. A pesquisa didática, 1996 a 1999. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Didática, Currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 78-106, 2000.

AZZI, Sandra. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2005.

BALADELI, Ana Paula Domingos. **Hipertexto e multiletramento: revisitando conceitos**. e-escrita - Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v. 2, Número 4, Jan. –Ab, 2011.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Série Educação em Ação. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

BANNEL, R. Pluralismo, identidade e razão: formação para a cidadania e a filosofia política contemporânea. In: PEIXOTO, A. J. (org.) **Filosofia, Educação e Cidadania**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. # Tear: **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.4, n.1, 2015. 15

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, **Parâmetros Curricular Nacional (PCN's)** – Apresentação dos Temas Transversais e Ética, 36 – 40, 1997.

BRASIL. **Características do Referencial Nacional para a Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998 vol. 3.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Brasília, DF, 2013.

BRASIL. **LEI N 9394/96.** Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Setembro de 1996. Editora do Brasil.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – Ensino Médio,** Brasília – DF, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALDAS. Graça. Mídia, escola e leitura crítica de mundo. In: Educação e Sociologia. vol. 27, n.94, p. 117-130, jan./abr. 2006.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador.** – 1. Ed. – São Paulo: ática, 2010. 103 p. – (Princípios)

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARTIER, R. **Práticas da Leitura.** Tradução de Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DELORS, Jacques. **Educação:** um tesouro a descobrir. São Paulo: Editora Cortez,

DIAS, Carla Nunes dos. **A organização do tempo e do espaço:** contribuições para a aprendizagem das crianças na educação infantil. 2010. Acesso em: 6 de novembro de 2014. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/textos/tcc_2010/Carla%20Nunes%20dos%20Reis.pdf

DOURADO, L.F. A formação inicial e continuada e a educação à distância no Brasil: um caminho para a expansão da educação superior. In: LISITA, V.; PEIXOTO, **A Formação de professores:** políticas, concepções e perspectivas. Goiânia: Alternativa, 2001.

DURAN, Guilherme Rocha. As concepções de leitura e a produção do sentido no texto. **Revista Prolíngua** – ISSN 1983-9979. Volume 2, número 2 – Jul./Dez. De 2009 Editora, 2004.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade:** qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.

FERNANDES, Adriana Aparecida. **Ler e escrever com histórias do cotidiano.** Disponível em <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp>

%C3%B3sio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completos/Pratica/PDF/46%20Prat.%20Marijane%20II.pdf Acesso em 22 de outubro, 2018.

FERREIRO, E. **Reflexão sobre a alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez. 2001.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de ler: em três artigos que se completam**. 47. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. Ed. Cortez, 2006. 48. ed. São Paul KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria e prática**. 7ª ed. Campinas, SP. Pontes, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Em três artigos que se completam. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. – 45. Ed. – São Paulo, Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra; 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 9ª ed., 1998.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GARRIDO, Elsa; PIMENTA, S. G.; MOURA, M. O. A pesquisa colaborativa na escola como abordagem facilitadora para o desenvolvimento da profissão professor. In: MARIN, A. J. (Orgs). **Educação continuada: reflexões, alternativas**. Campinas: Papirus, 2000.

GATTI, B. A. **A formação continuada de professores: a questão psicossocial**. Caderno de pesquisa, n. 19, 2003.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. 3 reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas 2008.

GIROUX, H, A. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GURGEL, T. Ao mesmo tempo tão perto e tão longe. :In: **Revista Nova Escola**, ano 23; n.216 pp.49-53, out, 2008.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologia Qualitativa na Sociologia.** Metrôpoles – RJ: Vozes, 2003-9ªed.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas:** a construção do espaço na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HUIZINGA; Johan. **Homo Ludens.** São Paulo: Perpectiva, 1990.

INEP. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).** Brasília, DF, 2007. (Série Documental. Texto para Discussão;).

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e práticas de alfabetização na escola. In: Kleiman, A. (org.). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura, ensino e pesquisa.** Campinas: Pontes,1989.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil:** a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6. ed. São Paulo, Ática, 2005.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: Zilberman, Regina (org.). **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. In: _____. **Técnica de pesquisa.** 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1996. Cap. 1, p.15-36.

LAURITI, Thiago; CHRISTAL, Wendel Cássio. **Literatura Infantil e Juvenil:** Abordagens Múltiplas. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

LINARDI, Fred. **O X da questão. Leitura.** n. 18, 2008, p. 7-9.

LOUREIRO, W. **Formação de professores:** política, concepções e perspectivas. Goiânia, 2001.

LUCKESI, Cipriano. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1996.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. Goiânia, 2001.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

KRAMER, S. M. I., (orgs.). **Educação infantil em curso**. Rio de Janeiro: Rival, 1997.

MACHADO, A. C. **Tecendo leituras**. Secretaria da Educação. Governo do Estado da Bahia, 2003.

MACHADO, J. N. **Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento, inteligência e a prática docente**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MARIN, Alda Junqueira. **Educação continuada: introdução a uma análise de termos e concepções**. Cadernos Cedes. Campinas: Papyrus, v. 36, 1995.

MARTINS, G. de A. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção: Primeiros Passos: 74).

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MENEZES, L. C. **Política de formação de professores: a universidade em questão**. Ed Alternativa, Goiânia, 2001.

MEURER, J. L. **O trabalho de leitura crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais**. Ilha do Desterro, Florianópolis, nº 38, p. 155-171, jan./jun. 2000.

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta In. MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F. GOMES, R. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades. In: **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, nº 3, 2º Sem./1996.

NÓVOA, A. A. (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto ed. 1992.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A produção da leitura e suas condições. In: **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4 ed. 3 reimpressão. São Paulo: Pontes, 2003.

Paulo, MOVA-SP, Caderno nº. 2, **Secretaria Municipal de Educação**, abril de 1990.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Letramentos e culturas juvenis**: tecnologias, experiências sociais contemporâneas e as diferentes leituras do mundo. Acesso: 29 de novembro, 2014. Disponível em: http://www.plataformadoletramento.org.br/arquivo_upload/201402/20140205110804-para-aprofundar_letramentosjuvenis_alexandre-pereira_artigo-exclusivo-pl_10.pdf

PEREIRA, Bernadete Terezinha. **O uso das tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica da escola**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1381-8.pdf> Acesso em: 21 de abril, 2015.

PERRENOUD, F.; TIIURLER, M. As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Atmed, 2002. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.) **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. Forense: Rio de Janeiro, 1972. p.11.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. São Paulo: Cortez, 1999.

PIMENTA, S. G. **Formação de Professores**: identidade e saberes da docência. In: Saberes Pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2005. Cap. I, p. 15-34.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: do planejamento aos textos, da escola à academia. São Paulo: Rêspal, 2002.

RAIZER, Cassiana Magalhães. **Organização e didática na educação infantil**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

SALES, Gessyca Moreira Campos; RICCO, Sartório Adriana. **A Educação Ambiental no Ensino Fundamental**: o Auxílio dos Meios de Comunicação e Mídias nas Práticas Pedagógicas. 2004.

SALLES, F. Casadei. **A formação continuada em serviço**. Revista Iberoamericana de Educación. PDF. Acesso em 23 de dezembro, 2007. Disponível em <http://www.rieoei.org/deloslectores/806casadei>

SAMPIERI, Roberto Hernandez. Collado CF e Lúcia M. Del Pilar. B. **Metodologia de Pesquisa**. MC. Graw. HILL. ED Penso. 5ª ed.2013

SCHON, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola: Pesquisas x Propostas**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O bibliotecário e a formação do leitor**. In: BARZOTTO, Valdir Heitor Estado de leitura. Campinas: mercado das Letras, 1999. P. 159-168.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SOARES, M. . Concepções de linguagem e o ensino de Língua Portuguesa. In: BASTOS, N. B. (org.). **Língua Portuguesa: história, perspectivas, ensino**. São Paulo: EDUC, 1998.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Revista presença pedagógica, V.9, n. 52. Jul/ago. 2003;

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. In: Revista Brasileira de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. -26ª Reunião da ANPED, 2003.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Acesso: 29 de novembro, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>

SOARES, Maria Inês Bizzotto. **Alfabetização Linguística: da teoria à prática**. – Belo Horizonte: Dimensão, 2010. 144p.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.194 p.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

YVGOSTKY, L. S. (2007). **A Formação Social da Mente**, (2ª ed.) São Paulo: Martins Fonseca.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. 2. ed. – São Paulo: Cortez; Campinas, SP; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993, vol. 1 e 2.

YUNES, E.; OSWALD, Maria Luiza (Org.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ZILBERMAN, R (org) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 12. ed. Porto Alegre, mercado aberto, 1993.